

Špánková, Silvie

Literaturas africanas de língua portuguesa II, Antologia de textos literários

Literaturas africanas de língua portuguesa II, Antologia de textos literários 1. vyd.
Brno: Masarykova univerzita, 2014

ISBN 978-80-210-6978-7; ISBN 978-80-210-6981-7 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/131160>

License: [CC BY-NC-ND 3.0 CZ](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/cz/)

Access Date: 16. 02. 2024

Version: 20220902

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

Literaturas africanas de língua portuguesa II

Antologia de textos literários

Silvie Špánková

Masarykova univerzita

Brno 2014



EVROPSKÁ UNIE



MINISTERSTVO ŠKOLSTVÍ,
MLÁDEŽE A TĚLOVÝCHOVY



INVESTICE DO ROZVOJE VZDĚLÁVÁNÍ

Literaturas africanas de língua portuguesa II

Antologia de textos literários

Silvie Špánková

Masarykova univerzita
Brno 2014



evropský
sociální
fond v ČR



EVROPSKÁ UNIE



MINISTERSTVO ŠKOLSTVÍ,
MLÁDEŽE A TĚLOVÝCHOVY



OP Vzdělávání
pro konkurenceschopnost



INVESTICE DO ROZVOJE VZDĚLÁVÁNÍ

Dílo bylo vytvořeno v rámci projektu Filozofická fakulta jako pracoviště excelentního vzdělávání: Komplexní inovace studijních oborů a programů na FF MU s ohledem na požadavky znalostní ekonomiky (FIFA), reg. č. CZ.1.07/2.2.00/28.0228 Operační program Vzdělávání pro konkurenceschopnost.

© 2014 Masarykova univerzita



Toto dílo podléhá licenci Creative Commons Uveďte autora-Neužívejte dílo komerčně-Nezasahujte do díla 3.0 Česko (CC BY-NC-ND 3.0 CZ). Shrnutí a úplný text licenčního ujednání je dostupný na: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/cz/>.

Této licenci ovšem nepodléhají v díle užitá jiná díla.

Poznámka: Pokud budete toto dílo šířit, máte mj. povinnost uvést výše uvedené autorské údaje a ostatní seznámit s podmínkami licence.

ISBN 978-80-210-6978-7 (brož. vaz.)

ISBN 978-80-210-6979-4 (online : pdf)

ISBN 978-80-210-6980-0 (online : ePub)

ISBN 978-80-210-6981-7 (online : Mobipocket)

Índice

1. FICÇÃO E HISTÓRIA	7
Pepetela: <i>Gloriosa Família</i>	7
Pepetela: <i>Lueji. O Nascimento de Um Império</i>	10
José Eduardo Agualusa: <i>A Conjura</i>	12
José Eduardo Agualusa: <i>Nação Crioula – A Correspondência Secreta de Fradique Mendes</i>	14
José Eduardo Agualusa: <i>A Feira dos Assombrados</i>	17
Ungulani Ba Ka Khosa: <i>Ualalapi</i>	18
2. ANAMNESIS: GUERRA, TRAUMAS & PESADELLOS	22
Ascêncio de Freitas: <i>Carmen Era o Nome</i>	22
Orlando Muhlanga: <i>“A Fúria da Camponesa”</i>	24
Pepetela: <i>Mayombe</i>	26
Pepetela: <i>Geração da Utopia</i>	28
José Luandino Vieira: <i>A Vida Verdadeira de Domingos Xavier</i>	31
José Luandino Vieira: <i>Nós, os do Makulusu</i>	32
José Sousa Jamba: <i>Patriotas</i>	34
José Eduardo Agualusa: <i>Estação das Chuvas</i>	36
3. ATUALIZAÇÃO DOS GÊNEROS ROMANESCOS	40
Romance de costumes	40
António de Assis Júnior: <i>O Segredo da Morta</i>	40
Bildungsroman	42
Baltasar Lopes: <i>Chiquinho</i>	42
Romance regional	46
Manuel Lopes: <i>Chuva Braba</i>	46
Teixeira de Sousa: <i>Ilhéu de Contenda</i>	49
Saga familiar	51
Pepetela: <i>Yaka</i>	51
Germano Almeida: <i>A Família Trago</i>	54

Paulina Chiziane: <i>O Alegre Canto da Perdiz</i>	56
Romance policial	59
Pepetela: <i>Jaime Bunda, Agente Secreto</i>	59
Romance experimental	61
Arménio Vieira: <i>No Inferno</i>	61
4. TRADIÇÃO, ANCESTRALIDADE, RURALIDADE	63
Mia Couto: <i>Último Voo do Flamingo</i>	63
Mia Couto: <i>Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra</i>	65
Mia Couto: <i>A Confissão da Leoa</i>	68
Aníbal Aleluia: “ <i>Mbelele</i> ”	70
Carneiro Gonçalves: “ <i>Malidza</i> ”	71
Raul Honwana: “ <i>Caringana wa caringana</i> ”	73
Suleiman Cassamo: “ <i>Ngilina, tu vai morrer</i> ”	75
Ruy Duarte de Carvalho: “ <i>As águas de Capembáua</i> ”	77
5. CIDADE E SOCIEDADE (PÓS)COLONIAL	80
António Aurélio Gonçalves: <i>Recaída</i>	80
Germano Almeida: <i>O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo</i>	82
José Craveirinha: “ <i>Mamana Fanisse</i> ”	84
João Dias: “ <i>Indivíduo preto</i> ”	86
Lília Momplé: “ <i>Stress</i> ”	88
Pepetela: <i>O Cão e os Caluandas</i>	90
Pepetela: <i>Predadores</i>	93
José Eduardo Agualusa: <i>Barroco Tropical</i>	95
José Eduardo Agualusa: <i>Teoria Geral do Esquecimento</i>	98
Ondjaki: <i>Os Transparentes</i>	101
João Melo: “ <i>O elevador</i> ”	102
6. RUMOS DA POESIA CONTEMPORÂNEA	105
Poesia angolana	105
Arlindo Barbeitos	106
Ruy Duarte de Carvalho	108

David Mestre	108
Ana Paula Tavares	109
José Luís Mendonça	110
João Maimona	111
João Melo	111
Lopito Feijóo	112
Poesia moçambicana	113
Sebastião Alba	114
Rui Knopfli	114
Luís Carlos Patraquim	115
Armando Artur	116
Eduardo White	118
Poesia cabo-verdiana	119
Dina Salústio	119
José Luís Hopffer C. Almada	121
Valdemar Valentino Velhinho Rodrigues	122
Vera Duarte	123
BIBLIOGRAFIA	124
Antologias	124
Obras literárias	124
História e crítica literária	125

Siglas:

LA – Literatura angolana

LM – Literatura moçambicana

LCV – Literatura cabo-verdiana

A presente antologia é concebida como a continuação do primeiro volume que serve de guia na iniciação às literaturas africanas de língua portuguesa. Como tal, esta antologia introduz um método diferente ao primeiro volume, optando por trabalhar os títulos escolhidos à base de assuntos temáticos ou estruturais. Pretende-se deste modo utilizar o método comparatista que possibilita observar determinados fenómenos literários na obra dos autores pertencentes a literaturas diferentes. Para trabalhar com esta antologia, portanto, requiere-se a orientação básica nas literaturas africanas de língua portuguesa.

Os blocos temáticos refletem as questões que atravessam as várias literaturas, coincidindo em alguns aspetos com os da literatura contemporânea em geral (problemática da relação ficção/história, recuperação da tradição, conceitos pós-coloniais etc.). Assim, o objetivo principal desta antologia consiste em alargar os conhecimentos dos alunos sobre a obra dos autores africanos de língua portuguesa, promovendo um maior interesse por esta fascinante área literária, ainda pouco conhecida no nosso contexto cultural.

1. Ficção e História

Neste bloco serão apresentadas as obras escolhidas que incidem sobre a problemática da relação entre a ficção e a história. Como se trata de narrativas do fim do século XX, é de prever que tal relação não será ingénuo: em geral, são levados em conta os conceitos pós-modernos e pós-coloniais, não se abdica de tratamento irónico e paródico, ou de criação de mundos alternativos. Naturalmente, o diálogo intertextual propositadamente sublinhado constitui a base deste tipo da ficção moderna.

Pepetela: A Gloriosa Família

(1997, LA)

Pepetela (1941), nome literário de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, é um dos autores angolanos mais proeminentes que, através da sua obra de grande repercussão, reflete sobre a identidade angolana, sua história e complexidade. É autor de várias ficções que, por sinal, abordam a problemática histórica de um modo inovador e crítico, concretizando o conceito pós-moderno de metaficção historiográfica. A história deste romance, baseado na História Geral das Guerras Angolanas de António de Oliveira Cadornega, ocorre em Angola, durante a ocupação holandesa (1641–1648), centrando-se nos seis anos da vida de uma família mestiça, a de Baltazar Van Dum, o holandês residente em Luanda desde 1616, de sua mulher negra D. Inocência e seus filhos legítimos e “do quintal”. O fim do romance coincide com a reconquista de Luanda por Salvador Correia de Sá. Atenção é prestada às manobras diplomáticas de Van Dum que, identificando-se com os holandeses pela nacionalidade e simpatizando com os portugueses pela religião e estilo da vida, tenta proteger a família, bem como os seus negócios escravistas. Tal como acontece, por exemplo, nos romances do português Saramago, o autor resgata os lugares vazios da História oficial, atribuindo a voz a todos aqueles que ficaram excluídos da historiografia oficial e que assim, pelo poder da imaginação, personificam as figuras anónimas. O narrador é um escravo de Van Dum, um mudo e, segundo o seu dono, analfabeto, que oferece a sua versão dos acontecimentos, parodiando a História.

O major se despediu até logo à hora do habitual jogo de cartas e reentrou na casa ao lado do que fora o Colégio. Esse edifício, o maior da cidade alta, era chamado o Palácio, pois

antes os governadores moravam aí. Palácio não era, na minha fraca opinião, que nunca tinha visto nenhum. Edifício sem ao menos uma varanda grande no andar de cima, embora espaçoso, não merece o nome de palácio. Agora, neste tempo dos flamengos, albergava todos os oficiais superiores que não viviam na fortaleza do morro de S. Paulo, rebaptizado recentemente como morro de Amesterdão. Os mafulos ocupavam Luanda há cerca de cinco meses e já começavam a mudar o nome das coisas. Assim se sentiam mais confortáveis, vá lá entender porquê.

O meu dono começou a andar para casa e eu lá fui atrás, era para isso que existia. Não falou ao major da mijada que dera nos calções, devia ter vergonha. Mas era evidente. Eu não vi, quem sou eu para entrar na casa onde despacham os nobres directores da majestática Companhia das Índias Ocidentais? Tinha uma certa curiosidade em conhecer o director Nieulant. Diziam ser o melhor dos dois representantes da toda poderosa Companhia, fundada para colonizar os territórios à volta do Atlântico. Mas tive de ficar na rua, à espera de Baltazar Van Dum. Tudo o que possa vir a saber do ocorrido dentro do gabinete será graças à imaginação. Sobre este caso e sobre muitos outros. Um escravo não tem direitos, não tem nenhuma liberdade. Apenas uma coisa lhe não podem amarrar: a imaginação. Sirvo-me sempre dela para completar relatos que me são sonegados, tapando os vazios.

E assim, posso facilmente adivinhar o ar amedrontado do meu dono, ao transpor a porta pesada da entrada, acompanhado dos dois escravos. Se houvesse acusação de conspiração ou traição, nem julgamento merecia, era enforcado no pátio da Fortaleza. Deve ter sido nessa altura que mijou nos calções. Ainda por cima nos melhores que tinha, de cetim debruado a ouro. Baltazar, mal foi avisado do perigo que corria, vestiu a primeira coisa que apanhou, por isso não é de estranhar que viesse sem meias, de botas altas e calções tufados e uma camisa de dormir sem casaco nem gibão. Como um pelintra, não fosse o ouro dos calções e as fivelas de ouro das botas. Mandou os dois escravos à frente dele, eu fui atrás. Como sempre. Se me pusessem dois pistólões à cinta ou um sabre, seria um esplêndido guarda-costas. Mas desarmado nem sei o que sou. Noutra altura, Baltazar viria em rede transportada aos ombros por quatro escravos, pois já não era um borra-botas qualquer. Tal era o susto que esqueceu a rede, a posição social, o mal parecer. Viemos a voar pelo alto das barrocas e entrámos na cidade alta pela calçada de Santo António. A tropa que ia prender o meu dono descia pela Calçada dos Enforcados. Assim nos desencontrámos, como mandara o major Tack. E o meu dono salvou a cabeça. Apenas mijou os calções. E só ele e eu soubemos, pois o mijo deve ter pingado directamente para dentro das botas, que esconderam o delito. Se caísse na alcatifa do Director seria bem mais grave. E o meu dono não sabe que eu sei. Como não sabe muitas outras coisas. Eu sei, é o que importa. Pena não ter visto a cara do director Nieulant, dizem é mais simpático que o Moortamer, o qual tem aspecto de estar sempre a cheirar merda, como o John e o David, ingleses que andam por aí. De facto, agora reparo, Moortamer tem mais aspecto de inglês do que flamengo, sempre incomo-

dados pela presença dos outros. Nieulant, pelo contrário, será como os italianos. Suponho apenas, não lhe vi a cara ainda desta vez.

Vamos agora aproximar-nos do Convento dos Franciscanos, neste momento abandonado, pois os frades fugiram com o governador e mais os Jesuítas do Colégio e os padres da Sé e os moradores todos desta cidade de Luanda. Levaram muitos escravos, mas a maior parte destes aproveitou as aberturas provocadas pela confusão e deixou donos e biquatás sozinhos, fugindo para as terras da rainha Jinga, à busca de protecção e liberdade. Luanda ficou vazia naquele 25 de Agosto de 1641. Vazia não, pois Dona Maria permaneceu na sua bodega, e uns tantos forros que não quiseram seguir os brancos. Arriscaram, esses. Os mafulos sabiam lá que eram forros, para eles negro é escravo, apanha-se e vende-se. Mas não os apanharam, estão ainda aí, livres como eram antes. Claro que houve quem os quisesse apanhar, tudo serve sempre para saque. Mas desconseguiram. As ordens do conde Maurício de Nassau, ao despachar os barcos de Pernambuco, eram claras, só podiam apanhar os verdadeiros escravos dos portugueses. Nesse aspecto respeitaram as ordens. Já menos as que diziam respeito ao saque. Entraram mesmo em todas as casas e igrejas, levaram o que podiam, o que ainda era muito pois os anteriores habitantes só tiveram uma noite para retirar as suas riquezas e na hora mais urgente lhes faltaram os escravos em fuga. O tenente-coronel James Henderson, que comandou o assalto à cidade, encolhia os ombros. Os directores da Companhia é que estavam histéricos, os soldados não saqueavam os portugueses, estavam a saquear Companhia, porque a Companhia financiava as operações militares para depois ficar com todos os bens. Desde então há ódio entre os directores e o comandante Henderson, acusado este de não ser fiel à Companhia. Por isso também o major ajudou o meu dono. Foi por amizade, mas não só. Ele, como militar de carreira e sangue, nunca podia ajudar um director a fazer mal a um patrício, embora que civil. E como os directores desconfiavam do meu dono, porque vivia com os portugueses nesta cidade já há vinte e cinco anos e era católico ainda por cima, havia que defender o meu dono só para chatear os directores. Isso mesmo acabou por reconhecer o major em conversa com Baltazar, mas mais tarde, bem mais tarde, eu é que estou a saltar de um tempo para o outro, pois é a única liberdade que tenho, saltar no tempo com a imaginação e assim tenho ido nesta caminhada para casa, saltitando da amizade do major para os negócios e o sofrimento que se passou e passa nesta terra, embora este seja de diminuir um pouco, melhor mesmo é imaginar coisas engraçadas, se for impossível imaginá-las boas.

(PEPETELA. *A Gloriosa Família*. Lisboa: D. Quixote, 1998, p. 14–16)

Pepetela: Lueji. O Nascimento de Um Império

(1990, LA)

Continuando o seu trabalho de reescrita dos acontecimentos históricos, o autor oferece, neste romance, uma versão do mito da fundação do império de Lunda no século XVI, em que o protagonismo cabe à rainha Lueji. O eixo temporal, no entanto, é duplo: a narrativa histórica insere-se na narrativa da contemporaneidade angolana, protagonizada pela bailarina Lu. Um dos traços característicos do romance é a sua imersão no mundo da Angola tradicional, num mundo de crenças, presságios, sinais, avisos de ancestrais e entidades divinas, apresentando-se a própria rainha Lueji como um elemento transgressivo (tenta “modernizar” a Lunda, livrando-a do peso excessivo da tradição, e usando, ambivalentemente, a tradição para a consolidação do poder).

A entronização de Lueji não teve o brilho da dos chefes anteriores. Ela mesma o quis e os Tubungo acharam bem, afinal era um soberano provisório. Mataram pouca gente para sacralizar o novo chefe, apesar de Lueji implorar ninguém seja morto, mas tradição é tradição e o sangue correu. Não houve grandes festas de rios de ndoka e ualua, montes e montes de carne para comer durante dias, noites seguidas de batuque e danças de roda animadas pelos bailarinos mascarados.

As grandes cerimónias foram dedicadas ao óbito de Kondi. Foi enterrado, acompanhado por quatro homens escolhidos pelos muatas para lhe fazerem companhia, o que Lueji também não pôde impedir. Os mundos e chingufos tocaram durante cinco dias para avisar da morte todos os súbditos que chegavam em grandes comitivas e acampavam à volta de Mussumba. As fogueiras à noite faziam um círculo de fogo em redor da capital. Os Tubungo e os familiares, pintados de branco pela pemba da purificação, presidiram todos os actos dedicados à memória do grande chefe e para que o seu espírito descansasse em paz e não viesse perturbar depois os vivos. Os choros do povo subiam para o céu sem nuvens da Lunda.

Depois do óbito, as comitivas ficaram para a entronização. Foi uma cerimónia simples, no grande tchota do Conselho e o povo à volta na praça. Lueji foi purificada pela pemba, recebeu o fogo sagrado que colocou à entrada da sala. Todos os fogos foram então apagados em Mussumba, só ficou o que ela acendeu. Todos teriam de o ir aí buscar com archotes, para acenderem os das suas casas. Lhe colocaram sobre os ombros o manto real de cor púrpura, vindo gerações atrás do lago salgado de Oriente, lhe entregaram o ceptro talhado em pau preto que ela segurou, pensando preferir uma rosa de porcelana. Sobre a cabeça lhe colocaram as miluínas do poder, ao pescoço o colar tchimba com a grande concha trazida também do Leste. Lhe entregaram depois o machadinho de duplo gume, símbolo de chefia, e o mupungo, espanta-

-moscas com sortilégios mágicos. Finalmente ela ergueu o braço acima da cabeça para todos verem o lukano sagrado que o pai lhe colocara no pulso. Todos bateram palmas e assim reconheceram nela a rainha.

Os irmãos não foram à cerimónia, mas na primeira fila estava Ndumba ua Tembo que sorria para ela, apesar da tradição que mandava todos os presentes manter a cabeça baixa, em sinal de respeito. Lueji se apercebeu da atitude de Ndumba, interpretou-a como um apoio naquele momento difícil e retribuiu o sorriso. Ninguém mais viu, mas o sangue pulsou mais forte nas veias do guerreiro.

Depois a rainha saiu da sala e o povo aclamou-a na praça. Os seios nus de Lueji pareciam mais firmes, atirados provocantemente para a frente, se destacando do colar. O povo, antes duvidoso da força do novo chefe, viu neles um desafio que o tranquilizou. E os gritos e assobios e palmas não paravam. Recebeu, ali mesmo, os presentes que as comitivas trouxeram de todas as partes do reino, agradecendo com uma ligeira vénia. Subiu para a liteira, transportada por doze guerreiros armados de porrinhos de guerra, escoltada por mais vinte ornados de plumas brancas. E avançou, por entre o povo em delírio. Foi render homenagem ao túmulo do seu pai e lá colocou duas figuras toscas de madeira, as mahamba, representando os ascendentes de Kondi. E regressou à casa grande que mandara construir durante os dias de óbito. Era a casa maior de Mussumba, feita de paus entrançados e barro vermelho, com uma varanda e esteiras a toda a volta. Uma paliçada rodeava a habitação e a nova casa da mãe dela e a cozinha e as casas dos serviçais, tudo à sombra de grandes árvores. O chão, de tão regado e batido, estava liso como uma cara de menino. Por tradição, novo chefe escolhia o sítio numa nova Mussumba. Mas Lueji apenas mandou fazer nova onganda para ela, deixando a capital no local escolhido pelo pai. Afinal, era só uma rainha provisória.

Entrou na nova casa, agradada pela frescura que dela se desprendia, despiu os paramentos de cerimónia, ajudada pela mãe, e se lavou. Ficou com o lukano no braço. Apenas o devia tirar quando estivesse com a menstruação, o sangue menstrual conspurcava o lukano e lhe tirava a força mágica. Assim lhe ensinou Kandala e também que nesses dias não se devia mostrar ao povo, nem presidir cerimónias, pois estaria sem força mágica. Pensou, sentada na cadeira esculpida, tinha de inventar estratégias nesses períodos se houvesse alguma maka e a sua intervenção fosse necessária. Os homens não têm destes problemas, podem usar todos os dias o lukano. É, o poder está concebido para os homens. Terei de ser mais esperta que eles.

(PEPETELA. *Lueji*. Lisboa: D. Quixote, 2003, p. 35–37)

José Eduardo Agualusa: *A Conjura*

(1989, LA)

Este romance de José Eduardo Agualusa (1960) apresenta um universo crioulo luandense da época finissecular, em que surgiram os esforços autonomistas. Baseado primordialmente nos artigos jornalísticos, escritos em Angola nos fins do século XIX e início do século XX, o mérito deste romance consiste na recriação desse mundo orientado pelos jornais da época (os jornais entram no romance em forma de epígrafe e são também referidos na própria trama), em que aparecem algumas figuras históricas, tais como Alfredo Troni (autor da noveleta crioula Nga Mutúri de 1882) ou Paixão Franco (autor da História de Uma Traição, de 1911). O universo romanesco do autor, no entanto, não se deixa limitar pelos documentos, cede naturalmente à livre imaginação, contendo, entre outros, cenas inventadas do quotidiano luandense da época, uma intriga amorosa e um mistério por descobrir.

Do Humbe chegavam notícias de mais um massacre perpetrado em nome da paz e da civilização: eram os últimos dias do mês de Junho de mil oitocentos e noventa e oito. Foi por esta altura que o Lima da Alfândega mandou chamar Severino para lhe dizer que tinha no porto um grande caixote em seu nome. E que o dito caixote estava cheio de armas e de munições. Viera da Baía e, a acreditar no Lima, por pouco não fora aberto ao passar a alfândega. Durante três noites de sobressalto, e com a conivência de diversos trabalhadores, Severino, Zeca Alves e Narciso Galeano transferiram todo o conteúdo do caixote para o semidestruído subterrâneo da Ponta da Mãe Isabel.

Não era fácil descobrir a entrada do subterrâneo. Havia primeiro um bosque desgrenhado de espinheiras e depois a terra alteava-se num salto brusco, com dentes de rocha a romperem do barro vermelho, para lentamente voltar a descair em direcção à praia. A entrada escondia-se na base deste pequeno declive, quase completamente coberta por capim alto e uma incalculável confusão de pedras soltas.

Embora Saturnine de Souza entendesse que se deveriam deixar sempre um ou dois homens armados a vigiar a boca do buraco, tal proposta não vingou, pois temia-se que apenas servisse para levantar incómodas suspeitas. Além de que não parecia seguro envolver demasiada gente num segredo tão perigoso.

Assim, o armamento foi deixado em cinco caixas de madeira no interior do túnel, cuja entrada foi depois coberta com pedras e com ramos. Não mais de doze pessoas estavam a par da existência das armas e do subterrâneo. Pormenor importante como se verá depois.

(AGUALUSA, José Eduardo. *A Conjura*. Alfragide: LeYa, 2008, p. 109–110)

Quando completou um século de vida, Arcénio Pompílio Pompeu de Carpo estava tão magro que perdera a própria sombra e era difícil distinguir onde acabava ele e começava a sua inseparável bengala de couro de elefante.

– O tempo devorou-me as carnes – repetia a quem lhe estranhasse a magreza excessiva. E mostrava depois os pesados botins com reforços de chumbo, explicando que eram a melhor protecção contra os fortes ventos que em certos entardeceres dos meses quentes saltavam do mar e corriam aos uivos pelas ruas como esfaimadas matilhas de mabecos.

Por essa altura já toda a gente se havia habituado a julgá-lo imortal e uma boa parte da cidade regulava os seus hábitos pelos gestos rigorosos do velho ao longo do dia.

Assim, de manhãzinha, mal o viam assomar ao topo da Rua Direita, os lojistas conheciam que era chegada a hora de estender os panos nos varais das portadas, de baptizar os vinhos e de acordar a molecagem para que fosse acudir às vendedeiras de água. E quando, Sol alto, o velho, saindo da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, atravessava o Largo da Alfândega para entrar na tasca do Martins, meio mundo largava mão do que estivesse a fazer e ia almoçar sossegadamente, sepultando a cidade num adormecido silêncio de cemitério gentio. Depois, Arcénio saía da tasca e ia sozinho passear pela praia, detendo-se defronte de cada árvore para recolher folhas mortas ou as carcaças transparentes das cigarras, e todo o povo sabia que eram exactamente cinco horas da tarde. O velho regressava arrastado pelos primeiros ventos e era então que os lojistas fechavam as portas e os amanuenses trocavam os escritórios pelos bancos das tabernas ou as bermas sujas dos passeios públicos.

De tal modo estava consolidada esta rotina de mais de quarenta anos que o próprio cónego Nascimento acertava o grande relógio da sua igreja pela chegada do velho, às seis horas e quinze minutos de todas as manhãs. Se acrescentarmos que os cavalheiros da urbe haviam adquirido o hábito de corrigir as suas elegantes maquinazinhas de bolso pelo dito instrumento, talvez percebamos melhor (e Severino percebeu-o ainda muito novo) o quanto a infinita perplexidade do tempo estava em Luanda entregue as ténues mãos de Arcénio Pompílio Pompeu de Carpo.

(AGUALUSA, José Eduardo. *A Conjura*. Alfragide: LeYa, 2008, p. 113–114)

José Eduardo Agualusa: Nação Crioula – A Correspondência Secreta de Fradique Mendes

(1997, LA)

Continuando na recriação do universo finissecular angolano, o autor aproveita, desta vez, a figura literária criada por Eça de Queirós e outros companheiros da Geração de 70: o mais famoso dândi português e um dos primeiros “heterónimos” na literatura portuguesa, Carlos Fradique Mendes. Seguindo a estrutura da obra queirosiana (Correspondência de Fradique Mendes), este romance epistolar (as cartas datam de 1868 até 1888) apresenta um Fradique cosmopolita que um dia chega a Luanda, onde entre várias figuras representando a urbe angolana, conhece uma mulher pela qual se apaixona (uma escravocrata – embora sendo ela própria a ex-escrava – Ana Olímpia). Para além da intriga amorosa, o romance abunda em descrições pitorescas da sociedade luandense, bem como em peripécias aventu-reiras. Uma atenção especial é prestada à questão do tráfico negreiro.

Carta a Madame de Jouarre
Luanda, Maio de 1868

Minha querida madrinha,

Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco a pouco comecei a perceber um outro odor, mais subtil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África.

Olhando a cidade que se erguia fatigada à minha frente pensei que não devia ter trazido o Smith. Vi-o desembarcar, tentando manter o aprumo de Escocês antigo enquanto cavalgava os dois negros, a perna direita no ombro esquerdo de um deles, a perna esquerda no ombro direito do outro. Chegou junto a mim lívido, descomposto, pediu perdão e vomitou. Disse-lhe: «Bem vindo a Portugal!».

À nossa volta ia um tumulto de gente, rindo e gritando, movendo fardos, arrastando animais. Smith conseguiu ao fim de algum tempo contratar os serviços de duas machilas e lá seguimos, suados e salgados, através de uma sucessão de ruas tortas e mal empedradas. Grupos de nativos conversavam à sombra dos muros ou dormiam estendidos de bruços na poeira. À porta do Hotel Glória esperava-nos a figura extraordinária

de um homem em evidente evolução para ave. Um velho alto, leve, rosto estreito, nariz adunco e olhos redondos e brilhantes:

– Excelência! – gritou estendendo-me a mão. – Sou o Coronel Arcénio de Carpo.

Eu sabia quem ele era. Um cientista austríaco, meu amigo, que durante vários meses estudou nos sertões de Angola a fauna e a flora tinha-me falado dele com entusiasmo: «Em Luanda até o sol lhe obedece. Quase nada sucede na cidade sem a concordância do velho».

A patente de coronel que tão orgulhosamente ostenta – coronel comandante das províncias do Bié, Bailundo e Embo (!) – não tem entanto significado algum para além do honorífico, já que Arcénio de Carpo não é militar, nunca visitou nenhuma destas províncias, que aliás não prestam vassalagem ao governo português e em nenhuma delas existe sequer um corpo de soldados.

Quando soube da minha viagem o meu amigo insistiu em escrever a Arcénio de Carpo. Não sei o que escreveu, mas possivelmente disse-lhe que, instalado na solidão do meu palácio, em Paris, eu comando o movimento dos astros. O certo é que Arcénio me recebeu como a um príncipe:

– Os senhores ficam comigo – disse apontando a fachada escura do Glória. – Isto não é um hotel, é um quilombo.

Arcénio Pompílio Pompeu de Carpo nasceu na Madeira, filho de um casal de actores ambulantes. Degredado para Angola por crime de pensamento (diz ele), ou comum (murmuram os seus inimigos), mora hoje na Cidade Alta, num amplo solar colonial, de dois pisos, sendo o térreo circundado por um largo balcão em madeira. Esta varanda é durante a tarde protegida por esteiras de palha, a que aqui se chamam luandos, ou luan-gos, artifício que permite manter a casa fresca o dia inteiro. Assim que chegámos, Arcénio enviou aos meus aposentos um rapazito para que me esfregasse o corpo com água-ardente de cana, único remédio, segundo ele, capaz de prevenir as maleitas resultantes do contacto com a água do mar.

A seguir mostrou-me o resto da casa, incluindo o quintal, largo e fundo, que está em parte ocupado com as habitações dos escravos e com armazéns cheios de marfim, de borracha e de cera. Presas aos altos muros vêem-se cadeias de ferro e no centro do pátio existe mesmo um pelourinho que o coronel garante nunca ter utilizado. Ainda há pouco tempo, porém, este mesmo espaço servia para engordar negros trazidos do interior e em trânsito para o Brasil.

Já compreendeu, querida madrinha, como fez fortuna o senhor Arcénio de Carpo? Precisamente: comprando e vendendo a triste humanidade. Ou, como ele prefere dizer, «contribuindo para o crescimento do Brasil». Ainda hoje, a acreditar no que se comenta em Luanda, continua a trabalhar para o crescimento do Brasil. «Os Ingleses nunca me hão-de ver de joelhos», assegurou excitado quando lhe perguntei se persistia na colónia o tráfico negroiro.

Em sua opinião o movimento emancipador tem sido secretamente financiado e organizado pelos Britânicos e Americanos do norte com o objectivo de impedir a

consolidação de uma forte potência na América do Sul: «A América inglesa está superpovoada. Todos os anos chegam milhões de agricultores europeus aos estados do interior. Assim é fácil ser humanista e gritar contra o tráfico. Mas o Brasil, onde o número de colonos europeus é muito reduzido, depende inteiramente dos escravos. Se o tráfico acabar, a agricultura brasileira entra em colapso. Ao mesmo tempo a Inglaterra pretende arruinar as elites que amanhã poderiam governar Angola, e a prova provada de tal aleivosia é que a armada britânica não se limita a apresar e afundar os navios negreiros – tem feito o mesmo a embarcações carregadas com diversos géneros de troca».

O ódio de Arcénio aos Ingleses cresceu muito depois de um episódio que até hoje faz rir os Luandenses. Há alguns anos atrás o velho colono teve o atrevimento de convidar o capitão do cruzeiro britânico *Water-Witch*, encarregue de vigiar a costa ocidental de África, para almoçar num dos seus navios – o *Herói dos Mares*. Findo o almoço voltou-se para o capitão e perguntou-lhe, sorrindo, se estava preparado para actuar contra aquela mesma embarcação:

– Ainda esta noite, ou o mais tardar amanhã, este navio vai largar de Luanda com destino ao nordeste do Brasil levando nos porões quatrocentos escravos.

O capitão riu-se da chalaça e respondeu-lhe no mesmo tom que faria tudo para o impedir. No dia imediato convidou-o para almoçar a bordo do *Water-Witch* e terminada a refeição deu-lhe a notícia de que o *Herói dos Mares* tinha sido apresado e enviado para a Serra-Leoa.

Na forte lógica do senhor Arcénio condenar a escravatura é já dobrar a cabeça diante da arrogância inglesa. Apoiar as sociedades emancipadoras, um acto de traição. E o que pensar dos deputados que, nas cortes, defendem a maior participação da nossa armada na frota internacional enviada para vigiar os mares de África? Arcénio não tem dúvidas:

– O que pensar? Excelência, os Portugueses de hoje são tão pequenos que até cabem em Portugal!

Portugueses como antigamente, da velha cepa de Cabral, Camões e Fernão Mendes Pinto já só restam dois, querida madrinha: ele, e este seu afilhado,

Fradique

(AGUALUSA, José Eduardo. *Nação Crioula*. Lisboa: Dom Quixote, 2007, p. 11–14)

José Eduardo Agualusa: *A Feira dos Assombrados* (1992, LA)

A estória desta novela passa-se entre janeiro e março de 1899, na vila do Dondo, transformada num palco imaginário de tensões sócio-políticas da época. Se o narrador, por um lado, anima um sentimento nostálgico do passado, aproximando-se do tratamento mítico in illo tempore ao exprimir o genius loci do Dondo na esteira dum Assis Júnior, por outro lado evidencia a ameaça do progresso que vem destruindo a imagem do paraíso perdido. A trama consiste num fenómeno invulgar: na margem do rio Quanza vão aparecendo uns afogados de aspeto irreconhecível (decompostos, cada vez menos humanos). Tal facto serve de arranque para os vários acontecimentos, mais ou menos apocalípticos, na vila. Deste modo, a novela apresenta uma dimensão alegórica: a vila do Dondo/o rio Quanza funcionam como um reflexo da situação política dos fins de novecentos, constituindo a metonímia do país atormentado por uma guerra fratricida e absurda.

O primeiro corpo que o rio trouxe ainda nos pareceu humano. Tinha as partes todas de que somos compostos, a pele lisa e sem escamas, como a nossa, e os enormes olhos abertos guardavam até um resto de luz e de calor. Mussoco tinha-o descoberto, dizia ele, preso aos canaviais da margem direita, rio acima, já muito perto de Calulo. Lembro-me que foi a trinta e um de Janeiro, pois o levámos para a casa do capitão Galho (era a mais próxima) e o jovem degredado recebeu-nos à porta, num sólido e frio mutismo de mármore. Como sempre, no aniversário da sua desgraça, trazia vestido o uniforme de gala e o peito refulgia com o esplendor das medalhas. Após uma larga hesitação fez sinal para que entrássemos e ele próprio tratou de ir buscar uma esteira onde estendemos o morto. O padre chegou nessa altura, ainda compondo a batina e resfolegando como um cavalo marinho. Vinha afogado em suor, vacilante e desgrenhado, maldizendo alto a inclemência do Sol. Ao ver o capitão deteve-se com uma expressão de sincero desgosto:

– Virgem Santíssima! – Exclamou – tinha-me esquecido que hoje é trinta e um de Janeiro.

Lentamente tirou do bolso um grande lenço de algodão e pôs-se a enxugar a fronte. Era, possivelmente, o único padre republicano – e bolchevista! – que havia no mundo. Só nos atrevemos a sair com o nosso morto, para o levar à igreja, depois que o sol começou a enfraquecer e o ar se encheu do canto ansioso das cigarras. Cá fora aguardava-nos o inevitável cortejo de carpideiras, «velhas senhoras industriadas», como gostava de repetir Quipangala, «no muito antigo e piedoso ofício de prantear a dor alheia».

Nessa mesma noite baptizámos o estranho com o nome de Lázaro, rezámos por sua alma uma missa breve e ao entardecer do dia seguinte levámo-lo a enterrar com festiva pompa e circunstância. A banda do carpinteiro Brito acompanhou o féretro à frente de

toda a população da vila, tocando para o conforto geral as severas mas agradáveis marchas do costume.

Fez o elogio do morto o velho Quipangala, conhecido aquém e além-matos pelo fulgor do seu verbo, pela côncava voz de catástrofe e pela solenidade que punha em tudo quanto dizia, ainda que nada de extraordinário tivesse para dizer. Para o agrado de Deus Nosso Senhor e perpétuo logro de Satanás, o Maldito, criou para Lázaro uma vida nova em folha, pródiga em devoções e em virtudes. Alongou-se em metáforas de inusitado brilho, falando do defunto como de um amigo de infância, recordando-nos a sua meninice ingênua, o mancebo grave e belo que ele havia sido. Ouvindo-o falar chorámos com ele lágrimas autênticas, já Lázaro se fazia parente de todos, já com a sua morte se extinguia irremissivelmente algo de nós.

Estávamos nisto quando principiou a crescer do rio um grande rumor de vozes. Ninguém se voltou ou desfez a compostura. Em breve, porém, o alarido se tornou mais forte que a poderosa voz do orador e logo se fez tão claro que antes mesmo de vermos surgir os primeiros homens (eram serviçais que trabalhavam na construção da ponte) já todos tínhamos compreendido do que se tratava.

Dessa vez o rio trouxera um cadáver de ossos acanhados, que podia ser de uma criança ou de uma mulher. Porém, este tinha já qualquer coisa de insensato: perdera quase inteiramente a cor, e o rosto (porque demasiado inchado) não apresentava formas. A essa chamamos Ofélia e repetimos com ela o que fizéramos a Lázaro. Todavia a missa foi pobre e às exéquias faltou o lustro habitual. Quipangala tinha bebido em excesso e parecia um funâmbulo tentando a custo equilibrar-se nas altas pernas de garça. Ao invés do esperado elogio da morta quis produzir uma espécie de terna alegoria sobre a beleza da mulher, mas depressa se tornou evidente que falava não da infeliz Ofélia, triste e desconjuntada na sua gaiolazinha de tábuas, e sim da jovem e exuberante esposa do chefe do concelho, Angelina Santoni, por quem alimentava desde há anos uma pública paixão de adolescente.

(AGUALUSA, José Eduardo. *A Feira dos Assombrados*.
Lisboa: Dom Quixote, 2001, p. 11–13)

Ungulani Ba Ka Khosa: *Ualalapi*

(1987, LM)

Esta narrativa de Ungulani Ba Ka Khosa (1957), nome tsonga de Francisco Esáú Cossa, divide-se em seis episódios lembrando contos, sobre a figura do imperador nguni Ngungunhane, o último resistente às campanhas dos portugueses no século XIX, que se tornou emblema da derrota dos negros na retórica colonialista portuguesa da época. Após a inde-

pendência de Moçambique, ocorre a reabilitação desta figura, tornada um herói e um mito nacional. Nesta narrativa, o autor porém, à base de documentação histórica, desmitifica a construção da figura de Ngungunhane, impondo-lhe traços de um chefe autoritário que vinha do espaço da atual África do Sul para dominar e escravizar os grupos étnicos do atual Moçambique. A narrativa aborda o início do reino do imperador até à sua derrota e exílio, através de estórias de outras personagens que sofreram sob o seu jugo. No último episódio, não obstante, antes de embarcar para o exílio, surge a personagem do imperador profetizando o apocalipse que advirá após a sua partida, incidindo em especial sobre a colonização e, mais tarde, sobre a guerra civil. O traço característico da narrativa é a sua oralidade, pela qual se religa à herança cultural pré-colonial moçambicana.

Virou-se repentinamente para a multidão que o vaiava, a uns metros do paquete que o levaria ao exílio, e gritou como nunca, silenciando as aves e o vento galerno, petrificando os homens e as mulheres com as palavras que safam em catadupa e que percorreram, em outras bocas, gerações e gerações em noites de vigília e insónias, dada a força premonitiva que carregavam nessa manhã sem outro registo que o mar sem ondas, o paquete atracado, o Sol com a mesma cor, as nuvens de todos os tempos, a multidão concentrada, Ngungunhane falando, e o corpo bojudo oscilando para a direita e para a esquerda, enquanto os olhos reluziam e as mãos tremiam ao ritmo das palavras que cresciam, de minuto a minuto, como agora em que Ngungunhane dizia a todos, podeis rir, homens, podeis aviltar-me, mas ficai sabendo que a noite voltará a cair nesta terra amaldiçoada que só teve momentos felizes com a chegada dos nguni que vos tiraram dos abismos infindáveis da cegueira e da devassidão. Fomos nós, homens, que vos tirámos da noite que vos tolhia à entrada ao mundo da luz e da felicidade. As nossas lanças tiraram as cataratas fossilizadas que ostentavam e os nossos escudos esconjuraram os males de séculos e séculos que carregavam no corpo putrefacto. E hoje, corja de assassinos e cobardes, ousais achincalhar-me com toda a força dos pulmões rotos que tendes. É a paga, eu sei, dos bens que os nguni fizeram. Mas ficai sabendo, seus cães, que o vento trará das profundezas dos séculos o odor dos vossos crimes e viverão a vossa curta vida tentando afastar as imagens infaustas dos males dos vossos pais, avós, pais dos vossos avós e outra gente da vossa estirpe. Começareis a odiar os vossos vizinhos, increpando-os dos males que padeirão nas palhotas sem idade. O ódio alastrar-se-á de família em família, atingindo os animais da vossa estima que passarão a lutar pelos pastos, se de gado bovino ou caprino se tratar. Os galos não se meterão com as galinhas da vizinha e os ratos dividir-se-ão por casas e roerão os bens de uma só família ao longo de gerações e gerações. E aí, seus cães, não terão coragem de erguer a cabeça. A corcova será de tal ordem que tereis filhos e netos com uma bossa interminável e hereditária!

– Há pormenores que o tempo vai esboroando – disse o velho, tossindo. Colocou duas achas no fogo e soprou. Novelos de fumo passaram pelo rosto. Pequenas lágrimas saíram dos olhos cansados e tocaram na pele coberta de escamas. Afastei os papéis. Olhei-o. Era noite.

– Era miúdo ainda – prosseguiu – quando o meu avô me contava histórias de Ngungunhane. E eu tinha medo. Um medo que hoje não consigo explicar. Mas era medo. Quando dormia sonhava sempre com lanças e escudos a chocarem-se na planície, numa planície sem guerreiros, mas com escudos e lanças que se movimentavam, chocando-se constantemente.

Nunca contei ao meu avô os meus sonhos. Receava que ele parasse de contar as histórias de Ngungunhane. E quando contava a voz tremia e os gestos seguiam o ritmo da voz. Morreu a dormir, sonhando alto. De manhã, ao entrar na sua cubata, vi-o deitado ao comprido, olhando o tecto. Falava. A voz tocava-me profundamente. Durante horas seguidas ouvi-o falar. Quis acordá-lo, pois já era tarde. Ao tocá-lo notei que o corpo estava frio. Há muito que tinha morrido. Tiveram que o enterrar imediatamente para que os vizinhos não nos chamassem feiticeiros. E o nosso espanto foi ouvir a voz saindo da cova, uma voz como que vinda de escarpas abissais. O meu pai teve que sentar-se sobre a sepultura e acompanhar, movimentando a boca, a voz do defunto. Os vizinhos e outros familiares distantes sentiram pena do meu pai, pois pensaram que estivesse louco. Noite e dia, durante uma semana e meia, o meu pai abria e fechava a boca.

– Como é que se chamava?

– O meu avô?

– Sim.

– Somapunga. E ele, ao contar-me as histórias de Ngungunhane, repisava alguns aspectos que o meu pai se esquecia e que tu omitiste. E são pormenores importantes.

– Não me recordo de ter omitido nada.

– Quando Ngungunhane falava à multidão que o vaiava, uma mulher, sem aparências de gravidez, teve uma criança sem olhos e sexo. Dois homens tiveram um colapso cardíaco.

– E ninguém reparou?

– Petrificados que estavam com as palavras de Ngungunhane, creio terem sido poucos os que viram.

– A mulher não gritou?

– Não. Deve ter aberto os olhos e a boca antes de desmaiar. Quando deram por ela já estava morta. E o que impressionou as pessoas foi o sangue escorrendo em direcção à fortaleza. O sangue era negro como a nossa pele. E à medida que avançava abria um pequeno sulco pela encosta acima. Os portugueses cobriram com saibro.

– Interessante.

– É, é interessante – disse o velho, soprando o fogo. Pequenas faúlhas saltaram e desapareceram na noite.

Estes homens da cor de cabrito esfolado que hoje aplaudis entrarão nas vossas aldeias com o barulho das suas armas e o chicote do comprimento da jibóia. Chamarão pessoa por pessoa, registando-vos em papéis que enlouqueceram Manua e que vos aprisionarão. Os nomes que vêm dos vossos antepassados esquecidos morrerão por todo o sempre, porque dar-vos-ão os nomes que bem lhes aprouver, chamando-vos merda e vocês agradecendo. Exigir-vos-ão papéis até na retrete, como se não bastasse a palavra, a palavra que vem dos nossos antepassados, a palavra que impôs a ordem nestas terras sem ordem, a palavra que tirou crianças dos ventres das vossas mães e mulheres. O papel com rabiscos norteará a vossa vida e a vossa morte, filhos das trevas.

As mulheres, que tanto estimais, passarão a ser fornicadas como animais nas vossas casas ou nas traseiras das casas destes animais que hoje respeitais mais que os vossos irmãos nguni. Os gritos de dor e de prazer das mulheres perseguir-vos-ão por todo o lado e passareis noites e noites contando os paus do tecto, incapazes de se vingarem da infâmia que tocou as mulheres. Muitos de entre vocês suicidar-se-ão em árvores anãs ou entregar-se-ão aos crocodilos que vos rejeitarão pela cobardia que transportam, e flutuarão pelas águas durante anos e anos sem que um animal aquático se aproxime da carne putrefacta. Outros suportarão a dor e a ignomínia e passarão a acompanhar a mulher à casa do branco, mantendo-se na escuridão do pátio, enquanto a mulher transpõe a porta e entra no quarto donde sairá com insultos do branco que a obriga a tomar banho antes de entrar nos lençóis cheios de esperma e lama, como se ela não tivesse tomado banho de manhã e à tarde, no rio ou em casa. O marido suportará estes insultos ouvindo a água a escorrer pela cútis negra e limpa enquanto aguarda, com um olhar de cadáver, o estertor maníaco do branco e o ofegar da mulher que se contorcerá na cama, libertando sons do fim dos tempos que rebentarão com os tímpanos e as veias donde escorrerá o sangue e as lágrimas da vergonha que atingirão o ponto culminante às altas horas da noite, quando o branco, do parapeito da janela, atirar a moeda da fome que procurará como um sonâmbulo na noite sem estrelas. Seguirá para casa silencioso, incapaz de falar com a mulher que vai tropeçando nos escolhos, envergonhada, aviltada.

(KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Ualalapi*. Lisboa: Caminho, 1990, p. 115–119)

2. Anamnesis: guerra, traumas & pesadelos

Neste bloco serão apresentadas as obras escolhidas que, de um modo original, refletem os conflitos armados decorridos na 2ª metade do século XX, sejam eles os da luta pela libertação, ou os da guerra civil. As narrativas deste tipo caracterizam-se em geral por uma forte dimensão emocional que é fruto de experiência pessoal. A seleção das obras apresentadas, no entanto, pretende mostrar também, à base de perspetivas diferentes, a complexidade do problema em questão.

Ascêncio de Freitas: *Carmen Era o Nome* (1996, LM)

Ascêncio de Freitas (1926) nasceu em Portugal, viveu trinta anos em Moçambique e, após a independência, em 1978, regressou novamente a Portugal. Trata-se então de um autor que pertence a duas literaturas, moçambicana e portuguesa, tal como por exemplo Rui Knopfli. O seu romance aqui apresentado, porém, pelo seu teor identitário (a inserção no espaço moçambicano, a opção de pertença ao lado moçambicano) deve ser considerado como uma das grandes narrativas moçambicanas. A sua ação situa-se na região do rio Muda em Moçambique, durante a guerra colonial. Embora a perspetiva pertença a um rapaz, ávido de conhecer tanto os segredos da mata, como os da casa, a personagem central e de maior interesse é o pai da família, um homem carismático, inconformista e em todos os sentidos independente que, embora sendo um colono português, branco com uma família branca, apoia os guerrilheiros escondidos na mata. Após a eclosão da guerra, vem buscar a sua família à cidade, levando-a para a selva que é, na sua opinião, menos perigosa. Na casa grande da mata, assim, começa a desenvolver-se um drama de sobrevivência, traição, vingança e amor fatal. Toda a narrativa transmite as sensações de perigo, de medo e de terror, experimentadas pelo rapaz.

Naqueles dias comecei a dar-me conta da extrema solidão de Pai. É escura e seca a sua cara pela manhã, como o pó da terra. Ele, sua própria natureza o isola do mundo, sua alma fechada, o fogo do olhar mostrando o turbilhão que há dentro dele. Jorge, meu

irmão, a mãe, a outra mulher, dentro da casa, tomados pelo silêncio – como se tivessem desaparecido já, por completo, da vida de Pai. Ficámos apenas, nessa vida, eu e ele, os pés sempre nas trilhas, rondando, sem palavras para dizer. Pai nunca queria dormir no mesmo local – libertava-se à noite da mochila e dos bornais, cravava a faca no chão, a carabina sempre junto dele. Eu via-o assim sereno, sempre na mesma, taciturno, na claridade do dia ou nos reflexos vermelhos da fogueira, pela noite. Sem pensar como seria, esperava o fim de tudo – o coração pulsando de medo. Pai, o escuro dos olhos e a tempestade, e o riso, se voltar a existir na boca, deve ser triste. Na tarde serena, Jorge, meu irmão, conhecia o sentir de Pai:

– Para ele, irmão, a traição é a pior das humilhações.

Ali estávamos, eu e Pai, a estranheza dentro de mim em cada minuto. Podia estender os braços e abraçar-me, eu escutaria o coração batendo, mas ouvia apenas o fogo mordendo a lenha – os meus olhos fugindo dos seus olhos, como tomados de medo. E em volta sempre outros fogos na noite, a guarda sempre montada – ao lado de Pai, como um símbolo, a faca cravada na terra. Os cabelos corridos, o lenço vermelho no pescoço, a camisa suada. O rosto cavado pela luz da fogueira, secos os lábios, sombrio o olhar. Sua atenção sempre posta nos ruídos da noite, seu hábito de caçador, os sentidos despertos.

– A vida demora.

Ele dizia apenas por dizer – sabia esperar. Na mata, durante meses seguidos, a luta dos homens e os estampidos das armas. Mesmo agora, a noite com suas vozes, é tranquila e controlada a voz de Pai. Mas perturba-o a traição – o olhar sombrio, o desejo de pagar o que lhe tinham feito, esquecido de todo o tempo que se vivia, a guerra e os interesses em jogo. Vejo os dentes, destacados na barba escura, a raiva controlada. Palavras trancadas na boca, não pensa noutra coisa, eu sei, o seu maior desejo é procurar o traidor, o ajuste de contas. Mas domina minuto a minuto aquele desejo – caçador experimentado, sabe esperar. Foi então que eu compreendi: apesar da raiva, apesar de tudo, na vida de Pai o que existe, apenas, é a solidão. Até a liberdade que deseja não é mais do que solidão – Pai vive dentro dela.

O fogo, que está no chão, reflecte nos seus olhos. A escuridão mais escurecida pelas nuvens negras, parece que o Muda, todo o território, se agita dentro da noite. Na manhã, após a dormida na manta sobre a terra nua, a mochila e os bornais no dorso de Pai outra vez, a faca no cinto e a carabina nos braços, ele, Makombe, como jurado numa cisma, surdo para o canto das aves, farejando os caminhos, percorrendo as trilhas, espiando a casa e a mata em volta. O que escuta, batendo nos nervos, são as vozes distantes. Mas para ele, Makombe, são os ruídos próximos que têm sentido, é o cair das folhas e o voo dos pássaros, é o estalar dos pequenos ramos secos.

No começo Pai não sabia que ela, Carmen, tinha partido – o medo também dentro dela, também a solidão da mulher sem céu para os olhos, prisioneira da vontade de Pai. E o que ele sempre continuou vendo de longe, do alto da colina pelos dias em fogo, foi

a casa com a companheira lá dentro, esperando, ele em luta pela liberdade de um povo que não era o seu, ou apenas, quem sabe?, extravazando a violência que tinha em si – Jorge, meu irmão, sem dizer nunca que ela tinha partido. Lá, um pedaço limpo de terra dentro da mata e no meio a casa – Pai imaginando a mulher esperando, em seu olhar duro a certeza de que a vida seria retomada um dia. Contudo, ele procurando vingar-se dessa vida que o traía, lutando à sua maneira – ela, Carmen, já longe de tudo, o Muda, talvez, esquecido para ela.

(FREITAS, Ascêncio, *Carmen Era o Nome*. Lisboa: Vega, 1997, p. 107–109)

Orlando Muhlanga: “A Fúria da Camponesa”

(LM)

Orlando Muhlanga (1963–1996), o escritor moçambicano, é mais conhecido pelo seu romance Diário de Sangue (1994), centrado no conflito da guerra civil. Tal questão emerge também no conto aqui escolhido que, acima de tudo, exprime o absurdo dessa guerra civil fratricida, em que os mais próximos podiam encontrar-se nos lados opostos do conflito.

Joana, ela gosta que lhe chamem por Teyasse, sobretudo quando quer fazer um juramento a sério, ficou esperando pelo regresso do marido e sempre fiel às canções que ouviu cantar no dia em que acompanharam-na para «ukati» (casamento).

Nos primeiros anos, ela viveu em Missine com os sogros, mas como o irmão mais velho do Muzonde sempre a acompanhava para o rio com a sua estória de que não pode deixar a fortuna do irmão apodrecer e o sogro tinha a «mania» de que é mulherengo, preferiu vir viver em Maluana com a mãe e os irmãos já que o pai havia falecido...

«É preferível fazer com desconhecidos, mas fazer o quê? O que não admito é o pai dele também querer que eu seja sua mulher» suspirava ela nas suas viagens individuais. Com a mãe sabia que não iria viver porque ela ainda podia querer lhe dar banho, esquecendo-se de que ela também já é mãe, depois com aquele controlo dos irmãos, voltaria a ser Teyassane como no antigamente.

Construiu uma palhota e vivia com a sua filha que nascera dois meses depois do seu Muzonde partir sem dizer adeus. «Naquele ano ainda não havia bandidos, toda a gente era alegre e passeava na estrada pela noite dentro, mas agora a situação é outra, amamenta-se a andar», sonha ela.

De manhã sempre com a enxada no ombro, lata de água e mulala na boca ruma para a cooperativa e Mushuto onde é presidente; também é qualquer coisa das mamas da OMM. Eu via ela a passar perto da nossa posição todos os dias e a distribuir sorrisos de igual a todos os soldados.

Maguengue havia me alertado que ela é boa pessoa mas quando alguém vira a conversa estraga tudo.

«Eu não preciso de virar a conversa, apenas vou lhe dizer a verdade. Ela é jovem e ninguém lhe garante que depois destes seis anos o marido aida regresso», respondia eu ao meu companheiro de trincheira.

Um dia passámos pela sua casa, ela serviu-nos um pouco de tudo o que produzia na cooperativa só que tanto eu como o Maguengue não tivemos coragem de lhe explicar qualquer coisa. De resto, o que ela fazia por nós também o fazia em relação a todos os camaradas que passavam pela sua palhota.

Numa dessas noites em que quando passam não deixam saudades, os bandidos armados entraram em Maluana, entraram pelo quintal onde toda a gente menos suspeita, dizem que queriam estruturas, mas como estas eram ao mesmo tempo milicianos haviam se ausentado em missão de patrulhamento.

Não faziam barulho, andavam como as hienas e batiam às portas devagarinho, mandavam os donos das casas entregarem tudo o que tinham na sua imaginação. Os que eram desconfiados de serem «secretários» eram amarrados numa corda grossa e escoltados sob máxima vigilância. Dos bandidos quem sentisse vontade de matar, fazia-no a baionetadas suáveis e mortais para a vítima não gritar.

Chegaram à casa de mamana Joana. O numeroso grupo de mamas, mufanas e kocuanas carregados de fardos de toda a espécie e amarrados numa corda, daquelas que os «madjonidjoni» usam para escalar a mina, foi mandado parar e sentar-se. Um jovem cujo o tempo ultrapassa a sua idade, cor de roupa igual à da areia, avançou a passos de cavalo em direcção à palhota, bateu a porta com os punhos da mão e tentando falar em mandau disse:

«Abre a porta se não quer morrer».

«Quem é?» perguntou a mamana Joana, ela não tem homem que lhe bate a porta à noite.

«Abre a porta ...», repetiu a mesma voz já num tom de gelar o cabelo. Joana procurou pelos fósforos e acendeu a lamparina. Uma chama sonolenta iluminou seu rosto, projectando, nas paredes por maticar, uma penumbra da sua imaginária beleza, um autêntico «V» virado para baixo.

Amarrou a capulana por cima das mamas e puxou pelo machadinho que acabava de comprar a preço de castanha na cantina do Xirindza, com a outra mão puxou pela porta. Os bandidos armados haviam se juntado, eram volta de onze.

Mamana Joana não conseguiu relacionar o sonho que a sua chará lhe trouxera a noite passada e o chilrear vazio de um macho que a incomodara até os últimos galos de mentira cantarem com a realidade que estava a enfrentar. Até aqui só ouvia falar que há bandidos armados como quem ouve dizer que existem feiticeiros. Nunca os tinha visto ao vivo. Ergueu bem alto o machado que aceitou, bateu em todas as imagens que lhe apareciam pela frente sem saber o concreto do que estava a fazer.

Começaram os estrondos vindos de todas as direcções, os gritos confundiam-se, escuridão total, golpes psicológicos, tudo se apagou na memória da mamana Joana.

Os bandidos haviam sido dizimados todos, os soldados tomavam as últimas posições. Um novo dia nascia do outro lado do rio N'Komati. Mamana Joana cresceu a cabeça quando reparou que o primeiro bandido a levar a machadada nos «cornos» era o verdadeiro Muzonde ou Fernando, homem que lhe desflorara a juventude e prendera o seu coração durante todo o seu tempo.

«Afinal, a vida está toda ela falsificada», pensava ela na medida em que a fúria lhe prendia a memória e lhe dava nova força para continuar a viver.

(In *Domingo*, Maputo, 20 de Novembro de 1988)

(MUHLANGA, Orlando, “A Fúria da Camponesa”, In SAÚTE, Nelson (org.). *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 496–500)

Pepetela: *Mayombe*

(1980, LA)

Neste romance de Pepetela (1941), ligado à guerrilha, à luta heróica pela independência, o espaço e as personagens ganham contornos míticos (o romance apresenta uma invocação aos guerrilheiros, na qual já sobressaem os mitemas do desafio aos deuses, da floresta escura, de Ogun/Prometeu africano). Um dos maiores encantos do romance deve-se à sua recriação do espaço do Mayombe, animizado, encarado como deus e gigante, que simboliza uma floresta sagrada e maravilhosa e que, no seu seio, gera os guerreiros, em primeiro lugar a principal figura heróica do romance, o Sem Medo. Ao lado da dimensão mítico-heróica, porém, o romance não evita a sondagem no universo interior humano, feito de fragilidades e fraquezas, bem como outras questões profundamente complexas, relacionadas com tribalismo, a distorção do ideal pelo qual se lutava, o perigo de dogmatismo e autocratismo.

O rio Lombe brilhava na vegetação densa. Vinte vezes o tinham atravessado. Teoria, o professor, tinha escorregado numa pedra e esfolara profundamente o joelho. O Comandante dissera a Teoria para voltar à Base, acompanhado de um guerrilheiro. O professor, fazendo uma careta, respondera:

– Somos dezasseis. Ficaremos catorze.

Matemática simples que resolvera a questão: era difícil conseguir-se um efectivo

suficiente. De mau grado, o Comandante deu ordem de avançar. Vinha por vezes juntar-se a Teoria, que caminhava em penúltima posição, para saber como se sentia. O professor escondia o sofrimento. E sorria sem ânimo.

À hora de acampar, alguns combatentes foram procurar lenha seca, enquanto o Comando se reunia. Pangu Akitina, o enfermeiro, aplicou um penso no ferimento do professor. O joelho estava muito inchado e só com grande esforço ele podia avançar.

Aos grupos de quatro, prepararam o jantar: arroz com corned-beef. Terminaram a refeição às seis da tarde, quando já o Sol desaparecera e a noite cobrira o Mayombe. As árvores enormes, das quais pendiam cipós grossos como cabos, dançavam em sombras com os movimentos das chamas. Só o fumo podia libertar-se do Mayombe e subir, por entre as folhas e as lianas, dispersando-se rapidamente no alto, como água precipitada por cascata estreita que se espalha num lago.

(PEPETELA. *Mayombe*. Lisboa: Dom Quixote, 2002, p. 13)

Sem Medo, guerrilheiro de Henda. Antes chamava-se Esfinge, ninguém sabia porquê. Quando foi promovido a Chefe de Secção, os guerrilheiros deram-lhe o nome de Sem Medo, por ter resistido sozinho a um grupo inimigo que atacara um posto avançado, o que deu tempo a que a Base fosse evacuada sem perdas. Uma das muitas operações em que rira do inimigo, sobre ele lançando balas, gracejos e insultos.

Teoria sentia que o Comandante também tinha um segredo. Como cada um dos outros. E era esse segredo de cada um que os fazia combater, frequentemente por razões longínquas das afirmadas. Porquê Sem Medo abandonara o curso de Economia, em 1964, para entrar na guerrilha? Porquê o Comissário abandonara Caxito, o pai velho e pobre camponês arruinado pelo roubo das terras de café, e viera? Talvez o Comissário tivesse uma razão mais evidente que os outros, sim. Porquê o Chefe de Operações abandonara os Dembos? Porquê Milagre abandonara a família? Porquê Muatiânvua, o desenraizado, o marinheiro, abandonara os barcos para agora marchar a pé, numa vida de aventura tão diferente da sua? E porquê ele, Teoria, abandonara a mulher e a posição que podia facilmente adquirir? Consciência política, consciência das necessidades do povo! Palavras fáceis, palavras que, no fundo, nada diziam. Como age em cada um deles essa dita consciência?

Os companheiros começavam a mexer-se, despertando, e o professor não tinha afastado esses pensamentos. O Mayombe não deixava penetrar a aurora, que, fora, despontava já. As aves nocturnas cediam o lugar no concerto aos macacos e esquilos. E as águas do Lombe diminuiam de tom, à espera do seu manto dourado. À frente, descendo o Lombe, a menos de um dia de marcha, devia estar o inimigo.

(PEPETELA. *Mayombe*. Lisboa: Dom Quixote, 2002, p. 17-18)

Pepetela: Geração da Utopia

(1992, LA)

O romance apresenta um fresco de uma geração que lutava pela independência e pelos ideais, afinal tão frágeis quanto os seus protagonistas. A primeira parte localiza-se em Lisboa dos anos 60, na qual sobressai a Casa dos Estudantes do Império como um espaço de partilha de ideias e planos de revolução. A seguir, a narrativa passa pelo período da luta (anos 70), pela época de pós-independência (anos 80) até aos anos 90. Os protagonistas, Sara e Aníbal, encarnam as figuras lutadoras e inconformistas que, pelos seus caracteres e princípios, preferem viver à margem do sistema. O romance exprime a desilusão perante a corrupção e conformismo, vigentes na sociedade angolana pós-independência.

O homem é um ponto minúsculo na chana. O Sol acaba de se erguer e perdeu o tom ensanguentado que guardara por momentos, depois de violar a noite. O homem já deixou atrás de si uma longa extensão de terreno, coberta apenas por capim. A mata, abandonada ao notar os primeiros alvares que lhe indicavam o Leste, ficou bastante longe, tomou mesmo o tom azulado da distância. Nada se apercebe à sua frente, além dum oceano de capim baixo chegando à altura dos joelhos. Mas ele sabe, lá onde finda a chana haverá árvores e sombra. No fundo duma chana há sempre árvores, bem como à direita ou à esquerda ou atrás; a chana é um mar interior, a única incerteza reside no tempo necessário para chegar à praia.

O Sol nascente indicou-lhe o caminho e reaqueceu-o do frio da noite. O homem recebe o calor na cara, como uma carícia particular. Sabe que, em breve, a carícia se tornará incómoda e, mais tarde, tortura. Por enquanto, porém, o Sol é apenas o ser que fez afastar o frio e os terrores nocturnos; é ainda bendito, para depois ser amaldiçoado e, quando desaparecido, ser desejado. Destino de qualquer soberano...

O homem tem uma arma, uma Kalashnikov soviética, apoiada no ombro esquerdo. Um boné verde oculta-lhe o abundante cabelo encarapinhado. A barba farta termina em duas pontas, no queixo. Os olhos são grandes, muito brancos, realçados pelos sinais duma noite mal dormida. Veste uma farda camuflada e calça botas militares. Do cinturão está pendente uma bolsa-cartucheira para os carregadores de reserva, do lado direito. Mais atrás, uma corda enrolada. Do lado esquerdo, o cantil e o punhal adaptável à arma. Na parte da frente do boné está espetado um emblema oval, onde se nota um facho aceso empunhado por uma mão negra: o homem é um guerrilheiro.

Marcha rapidamente em direcção ao Leste, os olhos inquietos abarcando toda a chana. Por vezes, estaca repentinamente e move a cabeça ou inclina-a, para escutar. Logo prossegue, cada vez mais rápido. A farda, as botas, a barba, estão sujas de pó acumulado. A estação seca está no fim, mas as chuvas ainda não começaram. As chanas

estão ressequidas e a poeira cobre tudo. O capim novo já nasceu e contrasta com o amarelo que ficou da estação passada. Nos sítios onde chegara o fogo posto pelos caçadores, o negro calcinado já foi vencido pelo verde possante que fura a terra. Daí a três meses toda a chana estará coberta de água, água parada onde crescerão girinos, sanguessugas e mosquitos, copulando-se constantemente. Então, qualquer marcha será um arrastar torturante com água pelos joelhos, com quedas frequentes por causa dos buracos camuflados e o zumbir permanente dos mosquitos à volta da cabeça.

Agora, a chana está ainda seca e o homem marcha rapidamente para a fronteira-refúgio.

(PEPETELA. *Geração da Utopia*. Lisboa: D. Quixote, 1995, p. 212–122)

Deu o último passo, ficou à frente da entrada. Ligou a lanterna e o feixe de luz amarela passou pelas paredes nuas e brilhantes de quartzo, reflectindo-se em cores azuladas. A câmara devia ter dois metros de largura por três de altura e estava vazia, absolutamente vazia. Voltou a passar a luz, tentando dominar a desilusão. Não era possível, o polvo não estava ali? Tantos anos a sonhar com este momento, a desejá-lo e a temê-lo. Afinal para nada? Sentiu o coração bater com força porque viu em cima um buraco, quase no tecto da caverna. Havia outra câmara, mais interior. E se fosse verdade o que temia, e essa câmara desse acesso à Caotinha, por baixo do morro? Não, é uma gruta, é uma gruta, tem de ser. Bateu os pés com as barbatanas e subiu pela rocha até ao buraco. Primeiro introduziu a arma no buraco, que tinha só a largura suficiente para ele passar. Depois meteu o braço esquerdo, com a lanterna. E ficou paralelamente ao solo, para poder ver. Era uma espécie de pequeno túnel, que se alargava à frente.

Penetrou cautelosamente no buraco, nadando a direito. À medida que avançava, ia apercebendo a gruta à sua frente. Chegou ao bordo do túnel e a luz da lanterna mostrou-lhe uma câmara de uns vinte metros de comprimento e cinco de altura. Mas completamente cheia de água, o tecto devia ficar abaixo do nível do mar. Entrou na gruta, focando a lanterna um pouco à tôa. De repente viu-o, acima e à direita, parado em suspensão. O seu instinto não o tinha enganado, o inimigo estava ali.

Encostou-se à parede do lado esquerdo, dando todo o espaço. O polvo estava longe demais para disparar, a corda do arpão só tinha dez metros. Apontando a arma, olhou-o, todos os sentidos em tensão. O mundo parou, os ouvidos já não zumbiam, Sara escondeu-se num canto da memória. O monstro afastava os tentáculos do corpo e cada vez crescia mais. Não estava pintado de branco, antes parecia roxo-negro, com pintas rosadas das ventosas. O bicho mexeu então os tentáculos e começou a baixar. Queres pôr-te ao meu nível? Como é que vais atacar? De frente, de igual para igual? Em cima talvez tivesses vantagem, o tiro era mais difícil por causa da gravidade. Mas que conta a gravidade dentro da água? Não sei, nem me interessa. Ainda estás muito longe, ataca

que cá te espero. Vim ter contigo, fui eu que dei o primeiro passo. A ti o seguinte, parece-me justo.

O polvo continuava a descer, mexendo mais rapidamente os tentáculos, que pareciam ocupar todo o espaço da gruta. Acabou por ficar à altura dele, mas sem tocar no fundo. Aníbal endireitou-se mais, estava quase de pé. Via agora perfeitamente a cabeça redonda e os olhos. A arma estava apontada para ele, segura apenas pela mão direita. Com a água absolutamente parada, não lhe era difícil manter a arma direita, o dedo no gatilho, nem precisava fazer força para a sustentar. Aproxima-te, anda. Calculou a distância, o que em baixo de água era muito pouco certo, como a experiência lhe ensinara. Já estava ao seu alcance, parecia-lhe. Mas resolveu esperar, não podia errar o primeiro tiro. Se falhasse, não teria tempo de recarregar a arma com o arpão de reserva, logo um tentáculo o agarraria. Tu não tens medo, senão já tinhas lançado a tinta para escurecer a água. Nem estás pronto para o ataque, senão também mijavas o teu líquido roxo. Que esperas? Queres que seja ainda eu a avançar. Não é justo, só deste uns passinhos com os teus braços-pernas desajeitados. Mas realmente é exigir demais, quando é que os índios foram leais, ou os vietnamitas, ou os reaccionários militaristas? Sou eu o bom da fita e por isso tenho de voltar a tomar a iniciativa, não tens valor para tanto.

Afastou o corpo da rocha, num passo lento dum metro. Enquanto o fazia, muito devagar, reteve uma imagem da infância, em Luanda, foi como um clarão, vendo um corpo negro deitado no asfalto a ser espancado por polícias brancos e negros. Não era um ladrão, soube depois, era um jovem trabalhador que retilara com o patrão porque lhe tinha indevidamente descontado três dias de salário. O patrão chamou a polícia, começaram a bater, empurraram-no para a rua ali continuaram a bater. Ele era muito pequeno, teria cinco anos, viu o corpo sangrando, deitado no asfalto, e quatro homens a aporriñarem-no brutalmente. Foi essa visão rápida que veio, como no momento de dar a ordem de ataque nos combates que percorrera na vida. Sabia, a visão vinha como um clarão, um relâmpago, nunca como um filme em câmara lenta.

O polvo deve ter adivinhado, porque esboçou um gesto para cima. Já o arpão atravessava a água para se cravar embaixo da linha dos olhos. A gruta ficou escura de repente, com o líquido que o bicho largava. Aníbal sentia apenas a pressão sobre a corda fixa à arma. Pensou em voltar a carregar a arma com o arpão de reserva, mas para isso teria de largar a lanterna, não tinha três braços. O polvo via naquela escuridão, ele não. Pôr a lanterna na boca e segurá-la com os dentes também não podia, por causa do tubo de respiração. Situação empírica, pensou como antes nas batalhas, que na linguagem guerrilheira significava situação complicada. Continuava a sentir a força do polvo na corda. Enquanto a sentisse, tudo estava bem, era ele a tentar afastar-se. Quando deixasse de sentir e que podia ser mau, significava o ataque. Tentou controlar o pânico dentro de limites razoáveis. Devia ter arranjado maneira de fixar a lanterna à cabeça, como o fazem os mineiros. Ficaria com os dois braços livres. Mas agora era tarde, só podia

esperar para ver. Lembrou-se do punhal que trazia sempre na perna. Com a mão esquerda segurando a lanterna, conseguiu puxar do punhal. Não era muito fácil utilizá-lo nessas condições. Passou a lanterna para a mão direita, que ficou segurando a lanterna e a arma. Tinha a mão esquerda livre para manejar o punhal, arma fraca para tal momento e ainda por cima não era canhoto. Melhor que nada. Sentiu nesse momento a pressão diminuir sobre a arma. Era o ataque?

(PEPETELA. *Geração da Utopia*. Lisboa: D. Quixote, 1995, p. 246–248)

José Luandino Vieira: ***A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*** **(1974, LA)**

José Luandino Vieira (1935) é um dos nomes mais emblemáticos da literatura angolana, um dos maiores inovadores nas literaturas de língua portuguesa. Na sua obra mais conhecida, Luuanda (1964) recria o universo urbano, em geral o dos musseques, através de estórias um tanto picarescas de personagens do povo. A novela aqui apresentada, escrita já nos anos 60, pode ser classificada como uma alegoria político-nacional, de forte implicação ideológica (de consciencialização das massas angolanas na luta pela libertação), que se aproxima tematicamente e estilisticamente do neorrealismo português. A sua ação desenrola-se à volta da prisão e morte de Domingos Xavier, um trabalhador na construção da barragem de Cambambe, militante do MPLA, tornado um herói angolano pela sua resistência e solidariedade para com os companheiros que durante a tortura se negou a denunciar. Atenção especial merece a sua dimensão simbólica, veiculada por motivos naturais, tais como o rio Kuanza, emblema nacional, metáfora da luta do protagonista e do povo angolano sob o jugo colonial, e a chuva que, alterando entre a forte bátega com relâmpagos e uma chuvinha meiga, corresponde às sensações de esperança e desespero da mulher de Domingos na sua procura pela cidade.

Quando o trovão rasgou o céu da cidade e a grande chuva começou cair, Domingos Xavier acordou assustado. Deitado de barriga, sentindo tudo molhado, gemeu com as dores que lhe percorriam no corpo, tentou apalpar com os dedos grossos os lábios inchados. A dor foi tão grande que sentiu a cabeça cair e bater contra o chão molhado. Lá fora a chuva saía em bátegas fortes em cima do musseque e na terra vermelha se levantava aquele cheiro bom que lhe refrescava nos pulmões. Depois, o bater sereno da chuva no quintal mergu-

lhou-lhe novamente na sonolência, sentia os rios de água crescerem debaixo do seu corpo, por toda a cela, correrem por todo o musseque, se transformando em largas e fortes águas no caminho do grande rio, lá em baixo, lá mais para baixo...

Lá em baixo o Kuanza rugia, zangado, adivinhando a bota de betão que esperava para lhe engolir, obrigando-lhe a furar o morro num caminho de poucas centenas de metros, substituindo o leito milenário que tinha cavado, por suas águas, na rocha dura ou nas areias quentes. As águas falavam suas fúrias, agora impotentes, recordando os rápidos para lá do muro, secos no sol, criando musgos nas poças de água parada, finalmente quieta. O cotovelo onde o Kuanza se afinava nos últimos gritos das suas águas, correndo indomáveis entre rochas desde o planalto onde nascia, morrera. Secava agora no sol suas paredes de granito. E lá em cima, nos morros, casas de alumínio e de cimento, barracões e escritórios, centrais eléctricas de potentes díseis fumegantes, escarneciam ferozes do colosso desviado. Para lá da saída do túnel de derivação, as águas se suicidavam, subindo desesperadas muitos metros no ar e deixando-se depois abater lá em baixo nas pedras, nos muros de defesa que os tractores construíram em suas margens. Mas logo-logo, entre árvores e capim, os musgos, os ruídos que ele conhecia tão bem, pequenos fios de água enterneciam de novo o velho colosso: vinha a recordação de caminhos percorridos na longa mancha do verde planalto do Huambo, dos amigos recebidos no seu leito, e a sua fala se adocicava, o rugir desaparecia, ronronava só, em frente do Ndongondo, um sorriso se alargava já na sua cara, mais para baixo, para a Muxima, caminho do mar.

Desfilavam, diante dos olhos cansados e inchados de Domingos Xavier, as mulheres descendo o caminho que seus pés tinham feito no capim, para baixo, para as pedras onde lavavam roupa. Aí, o ruído das máquinas trabalhando ou as detonações dos tiros nas pedreiras chegavam abafados. O vento dali só levava nos morros gargalhadas, falas e gritos das mulheres da sanzala no seu serviço de lavar. E o Kuanza ia para baixo, rugindo, arremetendo contra o paredão que lhe esperava...

(VIEIRA, José Luandino. *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 71–72)

José Luandino Vieira: *Nós, os do Makulusu* (escrito 1967, publicado 1975, LA)

Também este romance de José Luandino Vieira foi escrito ainda antes da independência (1967). A sua ação situa-se em Luanda, em 1963, mas são sobretudo as recordações da infância do narrador que se tornam particularmente importantes. Assim, o narrador, branco, filho de colonos portugueses, recorda o irmão mais novo, Maninho, que mais

tarde, no conflito armado, optou pelo lado português e na guerra encontrou a morte, o meio-irmão Paizinho, aprisionado mais tarde por atividade política, e Kibiaka, o negro que mais tarde morre como guerrilheiro. Tal grupo simboliza também a construção da identidade angolana, baseada na mistura racial e no desejo de autonomia e liberdade (há, inclusive, uma sequência que funciona como um refrão no romance: “nesta nossa terra de Angola” ou “nesta nossa terra de Luanda”). Um dos momentos significativos é a descida a uma caverna em Makulusu que, para além das implicações sexuais para os pré-adolescentes, constitui um símbolo da matriz, da terra-mãe com a qual os rapazes se possam identificar.

Queria voltar a trás, me ver ainda uma vez mais no espelho, daqui a dez anos, ou antes: de hoje a dez anos, mas tenho já a dona Marijosé na minha frente. Me ver no espelho do meu quarto, na Rua das minhas Flores, rua do antigamente da nossa terra de Luanda e o Paizinho grita:

– Ansim não vamos chegar lá!

E voltamos a nos debruçar no mistério do buraco vermelho, vagina da terra, barroca descabassada por nós, pioneiros, sete, oito, seis metros de fundo. Aparece a sotavento a colina coberta de flores das acácias floridas e com os olhos só, desvio-lhes dos seios mulatos da minha quase cunhada, mostro ao Maninho:

– És capaz de seguir, partindo dali, o caminho da Makokaloji? ...

É outro jogo onde Rute não entra. Mas quando lhe procuro os olhos ela sorri do nosso recordar. As mulheres que amam, de tudo tiram mel da vida – abelha-mestra que lhe fabrica da morte do zangão, escuta e sorri como não vai sorrir nunca mais, ainda não tenho a certeza.

– Só há maneira, Kibiaka. Vês no muxixeiro? Tirem os cintos!

Este sou eu, o matemático, o objectivo, quem que quer certezas, que vi e mando. Paizinho tira, Kibiaka não tem e eu estou com o meu na mão. E então, com arco de barril – catana, cimitarra, alfageme, misericórdia, bouinaife, tudo que nós queremos – tiro as cascas no muxixeiro. E faço a corda. Quatro metros, dez metros? As cassuneiras se riem de nós como vão se rir os sacristas do Bairro Azul e tem de passar porrada, gapse e bassula e pedrada? Não pode. Olhamos todos no fundo da caverna do feitiço, só Kibiaka, que tem medo, finge está ver o vento ou alguém nos perseguiu para adiantar roubar a glória e o tesouro escondido lá.

– Eu vou primeiro!

Uma voz só que podia dizer isto, só um loiro cabelo de carapinha e os olhos de meu pai, padrinho de mentira dele: Paizinho, o nosso maior capitão-mor de todos os musseques da nossa terra de Luanda, aí, nesse dia, nossa coragem reunida. A corda inventada vai até no meio e ele dependurado do fim dela, fica quase a tocar o cimo das cassuneiras,

flores da mupinheira. Baloíça e olha para cima: redondo de céu azul, lua cheia com as manchas de nossas caras sérias, esperantes, é o que eu penso ele viu, antes de cair no vácuo, desconhecido, no mistério da caverna e o seu grito dele nos bate na cara banza:

– Enu mal' é!

E todos estamos já mirar no redondo do céu azul sem nuvens oito metros acima de nós, o tronco debruçado do muxixeiro só, e a corda a se baloiçar no vento. Os sardões fugiram, outros estão esmigalhados nas fisdadas certeiras. O fundo é de barro branco, húmido e fresco, pempa de quimbanda e feitiço. E o vento zunia lá em cima na boca do inferno onde que voluntariamente descemos. Olho Paizinho, os seus olhos olham os meus; olho Maninho, idem, idem; Kibiaka, esse, chupa flores de mupinheira, guloso de doces. E espetamos os arcos de barril no chão e arrancamos a pempa e embrulhamos no lenço de Maninho para os fidascaixas do Bairro Azul verem e aprenderem que nós as temos no sítio. Junto com tudo, quatro sardões azuis-esverdeados, mortos, flores de mupinheira, bagas de cassuneira, cola que chupamos. O vento zune e Paizinho põe a mão no meu ombro e ri e eu rio:

– Descemos, póp'las! Enu mal' é!

(VIEIRA, José Luandino. *Nós, os do Makulusu*. Lisboa: Edições 70, 1985, p. 45–47)

José Sousa Jamba: *Patriotas*

(1990, LA)

Este romance de José Sousa Jamba (1966), o escritor e jornalista angolano, repartido entre o espaço lusófono (Angola, o Brasil, Portugal) e anglófono (EUA, Grã-Bretanha), constitui uma exceção, já que não foi originalmente escrito em português, mas em inglês. A sua inclusão nesta antologia deve-se, no entanto, à importância que esta narrativa exerce no contexto angolano. A maioria das obras angolanas que tratam sobre a luta pela independência, como é sabido, foram escritas por partidários do MPLA (caso de Pepetela, José Luandino Vieira, Manuel Rui etc.), a voz dos outros, então, tem-se mantido em silêncio (entre outras pela simples razão de os representantes e simpatizantes do MPLA terem pertencido a uma elite letrada e urbana, enquanto os outros partidos recrutavam os seus partidários entre as massas rurais). Este romance conta a experiência, de cunho autobiográfico, de um partidário da UNITA que decidiu lutar nas fileiras deste partido por se tratar do partido existente na zona onde nascera e perdera os pais, e por estar convencido que este partido abomina o marxismo e comunismo, com os quais o jovem protagonista

Hosi não se podia identificar. Um aspeto temático, realçado neste romance, diz respeito ao amor à pátria e ao sonho de chegar à harmonia entre os seres humanos.

Abanando a cabeça, o coronel disse: «Sei que é difícil para uma pessoa como tu, acabada de chegar do estrangeiro, adaptar-se a esta sociedade. Também já percebi que não é uma sociedade como deve ser. Estamos a tentar fazer duas coisas ao mesmo tempo: primeiro, tentar aniquilar os lacaios do Kremlin em Luanda; segundo, tentar criar um homem novo, o homem que conduzirá Angola à revolução socialista. Só te peço que sejas muito cuidadoso em tudo o que disseres. Está bem?»

Depois, entregou-lhe uma pequena brochura, dizendo-lhe que compreenderia melhor a guerra depois de a ler.

Mal chegou à casa de hóspedes, Hosi pôs-se a lê-la. Estava escrita em inglês e chamava-se UNITA – *Constituição e Estatuto de Regulamento Interno*. Havia várias passagens sublinhadas a vermelho. Tomou nota delas todas. A primeira dizia: «À nossa revolução nacional e democrática deve seguir-se uma revolução socialista, único garante da defesa do nosso povo».

Folheou até encontrar outra passagem sublinhada:

«Art.º 46–A pena capital será a punição prevista para várias ofensas graves».

Ficou deitado, a reflectir. Estava muito confuso. Afinal, a UNITA era socialista ou capitalista? Pelo que tinha lido, parecia-lhe que era socialista. Não se opunha ao socialismo, mas também não confiava muito nele. Toda a gente sabia que na Tanzânia, Ujamaa não chegara a parte alguma e Nyerere acabara por admitir o fracasso. Porém, talvez a sua aversão ao socialismo fosse mais profunda. Nunca soubera quem havia matado os pais, mas na Zâmbia as pessoas diziam que devia ter sido o MPLA. Quando fugiu para a Zâmbia, só ouvia falar dos problemas causados pelo socialismo e pelo comunismo. Os mais velhos estavam sempre a falar do imperialismo comunista e invocavam o nome do Senhor, pedindo-lhe que livrasse o povo do socialismo.

A sua desconfiança relativamente ao marxismo, ao socialismo e ao comunismo (nunca se dera ao trabalho de aprender as diferenças entre eles) viu-se reforçada na escola, quando resolveu estudar literatura inglesa. Um dos livros obrigatórios era *Um dia na vida de Ivan Denisovich*, de Soljenitsin, o único livro do curso não escrito por um autor africano. A princípio não conseguira percebê-lo mas, depois, achara-o assustador. Era como se conhecesse as pessoas cujas vidas no campo de concentração o livro descrevia. Uma voz dentro de si dizia-lhe que os russos é que tinham conduzido os tanques que haviam forçado os ovimbundus a refugiarem-se em Angola. Depois, com o professor, um cristão convicto, as suas ideias tinham ficado mais claras. O Sr. Vasco era um indiano de Goa e dissera aos alunos que embora Soljenitsin se propusesse descrever os males do estalinismo, na realidade defendia que o socialismo como um todo era um mal. Foi então que começou a ter aversão ao socialismo.

Tinha aderido à UNITA por ser ovimbundu, mas gostava de pensar que a sua opção se devia, em parte, a razões ideológicas: o MPLA defendia o comunismo, que era um mal, ao passo que a UNITA era a favor da democracia, que era boa. Agora, deitado na cama, sentia-se confuso. Perguntava-se por que razão aquela brochura falava de socialismo. O MPLA falava da criação do homem novo – um homem revolucionário e versado em marxismo.

(JAMBA, José Sousa. *Patriotas*. Lisboa: Cotovia, 1991, p. 150–151)

José Eduardo Agualusa: *Estação das Chuvas*

(1996, LA)

Mais um romance que provocou uma polémica, desta vez não quanto à escolha do lado político, mas quanto à liberdade de manipular com certas ícones da luta angolana pela independência. Trata-se de um retrato fictício do século XX angolano, o qual poderia ser facilmente confundido com a verdade histórica, pela estratégia narrativa que simula o estilo documentário (jornalístico, epistolar, filológico), pela inclusão de personagens cujos nomes remetem a figuras históricas (Mário Pinto de Andrade, Viriato da Cruz, António Jacinto, Agostinho Neto), pelas referências a títulos e extratos de periódicos conhecidos e pelo rigor espaço-temporal (todos os eventos são datados e situados). Os períodos singulares da história angolana, que são também os mais doridos, seguem quase cronologicamente, com exceção da inicial anacronia (o início simbólico da proclamação da independência). Em todo o romance domina o imaginário da morte que assenta num fio de motivos apocalípticos: na desolação das cidades e do campo, no fogo e, simultaneamente, na putrefação, bem como no bestiário invocado através dos sonhos (alforrecas, formigas, gafanhotos, aranhas, lobos). A imagem de Angola no recomeço da guerra civil (e no final do livro) é deveras a de um país morto, submerso, soterrado pelas cinzas. Com o exame dos males, então, não se procede a alguma tentativa de os extrair ou sarar. Pelo contrário, a sua acumulação progride inexoravelmente até à declaração do óbito do país (“Este país morreu!”). Trata-se portanto de um romance bem problematizante, questionador e complexo na sua vertente sociopolítica.

A Segunda Guerra Mundial tinha terminado e a Luanda chegavam notícias fragmentadas de um mundo em renovação. A derrota do nazismo atingia a própria essência das teses racistas implantadas em Angola a partir dos fins do século passado. O darwinismo

social era motivo de troça nas academias e os arrogantes germanófilos, que ainda há poucos meses advogavam a separação das raças e o afastamento dos negros e dos mulattos de todos os cargos públicos, tinham-se calado. Os estudantes organizavam marchas para apedrejar as janelas do consulado da Alemanha, ao mesmo tempo que exasperavam o cônsul inglês com repetidas manifestações de apoio e agradecimento. Salazar, porém, continuava a apertar as malhas do império e os Angolanos viam-se cada dia menos donos do seu próprio destino. Os mais velhos falavam de um tempo onde eram os filhos da terra que dominavam a vida económica, cultural e até política de Angola, mas os jovens riam-se deles. Alguns desses velhos sonhavam com a restauração dos antigos partidos do tempo da monarquia: falavam muito do Partido Pró-Angola.

Um escasso número de infatigáveis idealistas, como o velho Carmo Ferreira, envelheciam nas mesas dos cafés, tentando prender uns aos outros os confusos e apodrecidos fios da revolta.

Neste ambiente, a poesia surgiu entre a juventude como o mais óbvio caminho de afirmação cultural: «tiravam-nos tudo, a dignidade, as terras, os homens. E no fim o próprio rosto», disse-me Lídia, «tiravam-nos todo o passado e nós olhávamos em volta e não éramos capazes de compreender o mundo. Então começámos a escrever poesia. A poesia era um destino irreparável, naquela época, para um estudante angolano».

Era uma poesia pobre mas generosa, atenta às distorções sociais e sobretudo obcecada com o sagrado espaço da infância, esse último e mais profundo reduto da memória, não a particular, mas a geral, a que explicava o mundo. A infância dos remotos costumes ainda preservados: o *makèzu*, a cola e o gengibre, o quimbundu mestiço das quitadeiras, as lendas que as avós contavam, sempre habitadas por bichos falantes e por estranhos seres prodigiosos.

Os jovens poetas tinham a consciência do seu papel messiânico. «Escrevíamos para a História», disse-me Lídia. Contou-me que certa vez encontrou Viriato da Cruz a passear no Largo da Mutamba. Estava sozinho, mas parecia concentrado em alguma coisa. Lídia perguntou-lhe o que fazia e Viriato respondeu que estava aguardando o eco. Ela estranhou: «Essa agora, eco de quê?!». Viriato explicou que publicara nesse dia um curto poema num qualquer jornal da cidade:

– Não o leste? Não faz mal, os teus netos hão-de-o ler.

Foi concerteza nos finais dos anos quarenta. Viriato recuperava de uma tuberculose. A doença e a falta de recursos financeiros tinham-no forçado a abandonar os estudos. Passava os dias a ler. Recebia do Brasil os livros proibidos da revolução e lia como um danado. Lia também alguma literatura: Jorge Amado, Erico Veríssimo, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, os clássicos russos, os primeiros neo-realistas portugueses. Tinha um espírito curioso e excitado. Recebia as críticas com dificuldade mas era sempre o primeiro a criticar. Falava na necessidade de os Angolanos redescobrirem Angola, defendia o estudo do quimbundo – «a nossa língua verdadeira» – e sonhava com uma ampla revolta dos camponeses e das massas oprimidas dos musseques. Ao mesmo

tempo, criticava com uma ironia feroz «os pequenos valores burgueses» da velha aristocracia luandense, irritava-se com as limitações intelectuais do seu círculo de amigos e era considerado por muita gente como um sujeito pretensioso e arrogante. Na verdade, sentia-se constrangido sempre que falavam quimbundo à sua frente e quando visitava a família em Porto Amboim, onde nascera, evitava os camponeses porque não sabia o que lhes dizer. Secretamente, invejava aqueles que partiam para estudar em Portugal.

No dia em que Lídia se foi embora, apareceu no cais no último minuto, já os passageiros se preparavam para subir as escadas. Trazia um ramo de rosas e estava cheio de febre. Não lhe disse adeus. Disse-lhe: «Irmãzinha, não te esqueças de nós!».

Chovia. Lídia passou-lhe os braços à volta do pescoço, puxou-o para si e sentiu-lhe o corpo que tremia. Ardia. E a ânsia, a fragrância das rosas.

(AGUALUSA, José Eduardo, *Estação das Chuvas*.
Lisboa: Dom Quixote, 1997, p. 63–65)

– *Como é que o mundo reagiu ao 15 de Março?*

– A revolta de 15 de Março e depois a resposta dos Portugueses, lançaram Angola para o centro das atenções a nível mundial. A UPA, não obstante receber apoio americano, conseguiu despertar simpatias entre alguns sectores da esquerda revolucionária, forçando o MPLA a radicalizar posições. Em entrevistas e declarações à imprensa americana, Holden Roberto denunciava-nos como um grupo de comunistas enfeudados a Moscovo. Ao mesmo tempo, percebendo que a UPA jamais se conseguiria afirmar nacional e internacionalmente enquanto se mantivesse amarrada aos velhos ideais de restauração do Reino do Congo, que tinham presidido à sua criação, Roberto tratou de estabelecer alianças com outros grupos e individualidades de diferente origem étnica e foi assim que surgiu a Frente Nacional para a Libertação de Angola, FNLA. Em conversas de corredor os dirigentes da FNLA definiam-nos como filhos de colonos, mulatos e brancos, querendo usurpar o poder aos pais. Foi a melhor definição que até hoje ouvi sobre o MPLA.

– *Pode ser uma boa definição. Mas convém não esquecer que nos Estados Unidos ou na América Latina também foram os filhos dos colonos que fizeram a independência.*

– É verdade, mas antes disso tiveram o cuidado de eliminar os índios. Seja como for, a FNLA procurava realçar a nossa origem pequeno-burguesa, insinuando que nenhum de nós tinha ligações às massas camponesas e que não éramos, por isso, capazes de estruturar um movimento de acção armada contra o domínio português. Frantz Fanon, que na altura tinha muito prestígio junto da esquerda europeia, por causa do seu apoio aos independentistas argelinos, foi uma das primeiras personalidades a defender esta posição.

– *Como é que o MPLA reagia a esse tipo de acusações?*

– Em 1962, o Partido Comunista Português conseguiu, com apoio soviético, libertar Agostinho Neto e ele foi eleito presidente do MPLA em Conferência Nacional, já em Kinshasa, para onde se tinha transferido a direcção do movimento. Foi claramente uma mano-

bra para calar as insinuações da UPA. Neto era negro, era filho de um pastor protestante e contava com grande apoio popular na sua zona de origem, Catete. Além disso, a sua prisão, em 1960, fizera dele um herói de carisma internacional. Em Paris chegou a correr um abaixo-assinado exigindo ao governo português que o libertasse. Sartre, por exemplo, assinou-o.

– *Nessa altura ninguém contestava ainda a liderança de Agostinho Neto?*

– Ninguém! Excepto, é claro, o Viriato da Cruz. O Viriato não aceitou a decisão da Conferência Nacional. Ficou louco de fúria: «Esse homem é um autocrata!», gritou em plena reunião, o dedo apontado na direcção do Neto. Estava completamente sozinho. Mário de Andrade e todos os nossos companheiros de Conakry ficaram em silêncio. Alguns levantaram-se para o denunciar como oportunista ou radical. Eu, mal soube do que se estava a passar, tomei um avião e voei até Kinshasa na tentativa de conciliar as duas posições. Não consegui nada. Viriato achava que nós estávamos contra ele pelo facto de ser mestiço, e Neto, com aquela sua obstinação bovina, recusava-se a encabeçar uma lista onde figurasse o nome do Viriato.

(Entrevista com Lúcia do Carmo Ferreira, Luanda, em 23 de Maio de 1990)

(AGUALUSA, José Eduardo, *Estação das Chuvas*.
Lisboa: Dom Quixote, 1997, p. 113–115)

3. Atualização dos géneros romanescos

Falar do género romanesco nas literaturas africanas poderia parecer, à primeira vista, um abuso, já que as culturas negras africanas assentam na oralidade, na transmissão de estórias míticas, lendárias e exemplares. O romance, o género ocidental por excelência, atesta por isso nestas literaturas uma dimensão transcultural de miscigenação, levada a cabo pelo uso do português como língua literária. Se, por um lado, podemos falar de uma indiscutível herança do romance ocidental em todos os casos aqui apresentados, não é de subestimar, por outro lado, a inserção no espaço cultural africano, verificada a nível da linguagem, estrutura e, naturalmente, temática das narrativas. Mencionemos, a este respeito, o caso da autora moçambicana Paulina Chiziane que recusa a classificação de romance para as suas narrativas, denominando-as, à maneira africana, as estórias (e o mesmo seria válido também para Mia Couto). De qualquer maneira, neste bloco tentaremos encontrar nos “romances” alguns traços que possibilitem a sua orientação subgenérica, servindo esta para as discussões acerca do carácter e especificidades das narrativas africanas, em comparação com o cânone ocidental.

ROMANCE DE COSTUMES

António de Assis Júnior: O Segredo da Morta

(1935, LA)

António de Assis Júnior (1877–1960) é um dos precursores da literatura angolana, lembrado hoje em dia como autor de uma das primeiras narrativas angolanas, cujo interesse primordial consiste na recriação literária da sociedade crioula do Dondo na viragem dos séculos XIX e XX, dos seus costumes e ambientes. O realismo imposto a este retrato é sublinhado pelo uso da linguagem da época (desvios relativamente ao português padrão, inclusão de expressões e frases – muitas vezes de provérbios e outras manifestações oralizadas – em quimbundo). Para além disso e apesar dos traços realistas, a narrativa constitui-se como tipicamente africana pelo seu aspeto maravilhoso, em que o oculto proveni-

ente da miscigenação religiosa desempenha um papel fundamental. À maneira dos folhetins (originalmente publicado em folhetim em 1929), as várias histórias enlaçam-se neste romance, sendo sempre adiado o desenlace do mistério principal, anunciado logo no início e no título da obra.

Em 1872 seguia, Quanza acima, D. Clara Júlia Pires Pederneira. Seu marido, João Feliciano Pederneira, acabava de ser despachado administrador do concelho de Pungo Andongo, onde já residia, e decidiram fazer a viagem por mar, que era, senão menos dispendiosa, pelo menos mais cómoda.

Esperaria uns dias no Dondo pela esposa, que se destinava também a uma devoção à Muxima, à milagrosa N.^a S.^a da Conceição, em cuja igreja, situada na margem esquerda do rio, se ajuntava avultado número de peregrinos idos de toda a parte. Ali esperava D. Clara encontrar cura para os seus achaques morais, e para isso levava, representada em doze velas de cebo, uma promessa devido ao seu estado de saúde, que a trazia bastante preocupada.

De facto, havia muito tempo já que anunciara ao marido, antes da saída deste para Luanda, que ia em breve dar-lhe mais um herdeiro – o terceiro do seu segundo matrimónio; mas o período de gestação passou sem que aparecesse à luz do dia o fruto das suas entranhas. A incredulidade do marido e o seu próprio desânimo constituíram uma nódoa negra na existência de ambos.

– Por certo foi um engano de tua parte – dizia-lhe o marido a medo –; pode lá ser que, passado quase um ano, não tenhas pelo menos mostrado indícios de gravidez?

– Não há nada mais certo, meu amigo – respondia D. Clara –; sou mãe de quatro filhos, com as nossas Clara e Hortênsia, e não é já possível equívocos desta natureza. Contudo, também admira-me o tempo que decorre e...

– Ora, os enganos são susceptíveis, e este é um deles – replicava o marido.

D. Clara moía em silêncio estas apóstrofes e já nada respondia, nenhum argumento encontrava a opor ao marido; mas aquele estado incomodava-a deveras.

– Senhora, não seria de todo mau – aconselhou um dia a velha *Maceca*, sua antiga criada de quarto – mandar chamar a velha *Umba* 1), a fim de procurar qualquer remédio que a curasse.

– Que espécie de remédio pensas que me fizesse bem?

– Quis eu dizer, senhora, que mandasse a velha *Umba* adivinhar de qualquer kimbanda a doença que a minha senhora tem. Estamos em terras de ventos, mitos e seres sobrenaturais (*iuála mu' xi ia ianda*), e esse estado de gravidez costuma ter a sua explicação e, até, a sua cura. Na minha terra, lá nos sertões da Ginga, vi casos idênticos, que se curavam no fim de quatro e mais anos. Não admira, pois ... que a senhora ...

– Sei isso muito bem – atalhou a ama –, mas é preciso que se não tope com qualquer intrusão, que é o mais que por aí abunda ...

– Oh! senhora; isso não é de esperar da velha *Umba*, tão experimentada e dedicada como é, e que também famenta o estado em que a senhora se encontra há já bastante tempo. –,

– E se, de facto, encontrasse quem me desse a explicação disto, eu gratificá-lo-ia bem.

– Então deixe isso ao meu cuidado, senhora, ou melhor, ao cuidado da velha *Umba*, a quem esta noite irei já procurar; dentro em breve teremos a explicação deste estranho caso.

Saiu a velha *Maceca* a desempenhar-se da missão que se impusera. Uma mulher de nome *nga Samba-ria-Malunga*, kimbanda de altos merecimentos, consultada, adivinhara, por meio dos seus manes, tratar-se de um hebu – feto cuja gestação se prolonga por anos sem conto –, frequente em terras de imagens encantadas ou entes sobrenaturais, que dominam o curso das águas e habitam os altos penedos de Pungo Andongo, onde era natural.¹

(JÚNIOR, António Assis de. *O Segredo da Morta*. Lisboa: Edições 70, s/d, p. 75–77)

BILDUNGSROMAN

Baltasar Lopes: *Chiquinho*

(1947, LCV)

Baltasar Lopes (1907–1990), figura importante da geração da Claridade, é, para além de poeta, o autor do primeiro romance cabo-verdiano, cujo tema compreende a aprendizagem de um jovem, a sua iniciação pessoal/amorosa, bem como a sua consciencialização cultural e social. Apesar do seu regionalismo e descrição detalhada do ambiente social, não se trata de um romance que incida prioritariamente sobre uma mensagem ideológico-política e social. Também a perspetiva narrativa não pretende ser objetiva, mas pertence ao protagonista. Neste registo subjetivo, o espaço da infância, o ambiente rural do Caleijão na Ilha de S. Nicolau, é evocado como um espaço mítico, genesiaco, depósito de uma cultura oral, transmitida de geração para geração. A passagem do protagonista pela cidade (Mindelo na Ilha de S. Vicente) significa o período mais rico em experiências pessoais e sociais (entrada no liceu, inclusão numa tertúlia, amor, percepção da crise social

1 Nome adoptivo, que quer dizer unigénito. “Tanga imoxi, utuxi, mona umoxi umba” – Ter um só pano equivale a andar nu, um só filho equivale a não ter nenhum.

e económica). A seguir, conhecendo de perto os dramas trágicos da seca, fome e morte, Chiquinho decide-se por emigrar para a América do Norte.

Com o mês de Agosto, derramava-se todo o mundo nas sementeiras gerais. Quando a chuva de verdade tardava nas baixadas, o bicho-de-chão dava cabo do milho que rebentara com os primeiros borrifos. De pais a filhos ia-se transmitindo aquela esperança sempre renascente no ano agrícola. As as-águas não deram nada no ano anterior, mas assim que caíam as chuvas não ficava um palmo de terra por semear. Eu não compreendia aquela resistência ao desânimo.

Para nós os mocinhos, era um trabalho obscuro, que não tinha a beleza das aventuras que povoavam a nossa cabeça. De quem gostávamos não era de Mané Péta, Antoninho Bia e dos outros que lombavam o dia todo no rabo da enxada. Era de Chico Zepa, o marinheiro, que não queria passar a sua vida perguntando ao céu se a chuva viria cedo aquele ano.

Todos tinham os seus casais de terra. Trabalhavam nas hortas dos companheiros, que, em troca, lhes dariam os mesmos dias de trabalho. Era assim, assistindo-se mutuamente, no sistema de mão-trocada, que de geração em geração iam aguentando o cativo, levando sempre açoitados de Nhanha Terra, dona de uma grande escravatura. Todos nós éramos escravos. Para ser escravo, bastava prantar a enxada no chão e partir em viagem para a época das as-águas com uma grande fé em Deus :

– Nossenhora nos ajude e nos dê boas as-águas ...

Vinha o mês das colheitas e quando, quase sempre, Nhanha Terra não mandava comida bastante para a sua escravatura, ninguém se revoltava. Nunca morria no coração aquela luzinha que anunciava que o ano seguinte seria farto. Enquanto não vinham as colheitas prometidas pelo Lunário, todos sujeitavam-se gostosamente ao alimento de milho aliado e café de milho queimado. E havia sempre disposição no corpo para dançarem, tocarem violão e cavaquinho, e amigarem-se, as mulheres parindo todos os anos nas camas de finca-pé.

(LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. ALAC – África, Literatura, Arte e Cultura, 1993, p. 101-102)

Entrei em contacto com o grupo de que Andrezinho me falara. O programa era ambicioso e seduziu-me pelo que revelava de insatisfação e desejo de evasão das realidades circunstantes. Ele despertava em mim o Chiquinho que em S. Nicolau sonhava com aventuras longínquas por esses mares e terras de Cristo, lutando com gigantes, e tomava partido por Chico Zepa, o marinheiro. O programa do Grémio Cultural Caboverdeano afagava esse apelo do desconhecido que enchia de prestígio tudo o que excedia a minha experiência. E depois, Andrezinho, que o redigira, encontrou expressões magníficas

que acabaram de me conquistar. Para ele, os nossos problemas tinham uma tonalidade específica, que resultava do “cerco atlântico” e do “drama ancestral da formação étnica”. O que se impunha era reorganizar completamente a nossa vida, de harmonia com as nossas peculiaridades. Na vida administrativa. Na estrutura social. Na arte. A obra do Grémio era, assim, de profunda renovação: renovação de métodos e programas administrativos, renovação de atitudes espirituais que garantissem a expressão particular, e ao mesmo tempo humana, dos nossos problemas. Andrezinho deu a fórmula: enquadramento do nosso *caso* nas aspirações, sempre as mesmas, sob qualquer latitude, da alma humana.

O meu amigo tinha o segredo das expressões incisivas, lapidadas em recorte nervoso. Poucos anos mais novo do que ele, eu sentia contudo que a sua inteligência era já adulta. Por isso, os camaradas lhe chamavam o “Erudito”. Era vê-lo, de gestos sacudidos e bruscos, expondo as linhas da nossa acção.

Andrezinho já tinha o 7.º ano, feito no ano anterior. Mas passava a vida no Liceu. A ideia da organização do Grémio veio-lhe da camaradagem com condiscípulos mais novos no curso. A minha admiração pelas fórmulas recortadas do “Erudito” assegurou-me lugar no Grémio. Demais, eu representava uma ilha que, no dizer de Andrezinho, era um “um caso sério” dentro do Arquipélago.

– Sim, Chiquinho, aquilo é gente que tem o sentimento da duração. Gente sólida, equilibrada . . . Heróis da vidinha miúda de todos os dias . . .

Andrezinho fez-me conhecer melhor a minha ilha. Cenas que eu tinha presenciado, dramas que me haviam impressionado, tudo isto adquiria agora um significado, que a interpretação do meu camarada tornava claro para mim. Fiquei vendo na minha ilha um vasto laboratório de experiências humanas... Gente que não cede ao desânimo, desejo imperioso de defesa, quaisquer que sejam os resultados do esforço. Sobre tudo isto, permanentes evasões para o sonho, para a distância, para destinos desconhecidos, que o mar oferece sempre na curva azul e inconstante das suas águas. Resistência moral. Que outro nome podia ter a fé da minha gente semeando, ressemeando sempre? A luta contra as indicações do Lunário, contra o bicho-de-chão, que dá cabo do milho de dois coquinhos, contra a falta de chuva em Outubro, a lestada, o mau clima do tempo. A luta de Chico Zepa, o marinheiro, contra o destino, que não o deixava embarcar para S. Vicente e ali fugir a bordo de qualquer vapor para essas terras longe que para sempre o tinham roubado à enxada.

(LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. ALAC – África, Literatura, Arte e Cultura, 1993, p. 124–126)

Alguns senhores sérios chegam de madrugada. Os rapazes oferecem-lhes pares. Slow-fox. O saxofone sublinha, muito *blue*, a saudade da *baby*, que está *away*. Um dos recém-chegados, rapaz alto e esgaldado, chega-se a Nuninha e tira-a para dançar :

– Vamos dançar este slow?

Passam muito colados. Os olhos de Nuninha estão quase fechados. Fico sentado, sombrio, a um canto, com uma estúpida dor de cotovelo.

– Vamo-nos embora?

O grupo liceal resolve sair. Já a madrugada está alta. Nuninha não quer que eu parta. Mas eu obstino-me.

– Andrezinho é teu irmão, ele que te acompanhe. Ou então pede ao rapaz com quem dançaste...

– Estás doente, coisa doce ?

– Estou com dor de cabeça...

– Dor de que ?

– De cabeça, já disse...

– Deixa-me correr-te a mão no braço, fica macio...

– Descarada... Que te disse o rapaz ?

– Disse-me que os meus olhos são mais escuros que a noite.. Mas que eu sou a sua aurora...

– E que lhe respondeste?

– Disse mais que só agora, depois de me ver, compreendeu que o seu destino se fixou...

– E tu, é claro, acreditaste nas suas chaleirices...

– Não sei... Ele fala tão doce...

– Está muito bem. Não quero mais nada contigo. Amanhã dás-me a minha mascote e o meu retrato.

– Entendido...

– Chiquinho!

– Chaleira!

– Só te quero a ti, Chiquinho...

Vamos acabar a noite na Pontinha, apanhando o fresco, para melhorar a cabeça. Vultos confusos de faluchos, palhabetes e lanchas na baía. O vapor do Estado bruxoleia uma luzinha tímida na proa. No Padrão a brisa bate-nos na cabeça, como um calmante. O farol do Ilhéu deflagra seu tríplice espasmo vermelho. Depois escuridão, a distância adivinha-se tenebrosa atrás do betume da negrura. A ilha de Santo Antão é um mistério para além da cortina negra. Mas a manhã pressente-se chegando. A cidade e o marulho das ondas enguliram a voz doméstica e despertadora dos galos. Um rebocador da Shell

vem lentamente arrastando uma lancha para o costado de um Oil-Tank. Tenho uma dorzinha leve de cabeça. Vou para casa afogar em sono o carnaval.

(LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. ALAC – África, Literatura, Arte e Cultura, 1993, p. 186–186)

ROMANCE REGIONAL

Manuel Lopes: *Chuva Braba*

(1956, LCV)

Manuel Lopes (1907–2005) é, ao lado de Baltasar Lopes, o fundador da moderna ficção cabo-verdiana. Este romance, cuja ação é localizada na Ilha de Santo Antão, narra o destino de um jovem, Mané Quim, forçado e enfrentar, diariamente, várias atrocidades climáticas e sociais (isolamento, seca, fome, miséria). A perturbação interior desta personagem começa no momento em que lhe é dirigido um convite para partir para o Brasil. O jovem vê-se atormentado pelas sensações contraditórias, tão características da escrita do grupo da Claridade a que Manuel Lopes pertenceu: a necessidade de partir e o desejo de ficar.

Com a ausência do sol o calor subia da terra como do rescaldo dum incêndio. Dos leitos dos córregos que golpeavam profundamente a ampla base do vale uma aragem leve e muda começara a ascender; vagabundeando sem direcção, foi-se alastrando e absorvendo o calor da terra, dando às chãs rasas e queimadas uma consoladora fresquidão. Mané Quim sentiu-se envolvido da sua carícia benfazeja, e, aos poucos, restituído do bem-estar e da tranquilidade que o padrinho lhe havia tirado. De repente, mau grado o acabrunhamento e a tristeza, um vivo sentimento da realidade – uma acuidade anormal para as coisas que habitualmente se lhe escapavam – acordou no seu coração. Como se o remorso, e uma prematura saudade, começasse a minar-lhe a consciência...

As montanhas postavam-se à volta nuas, cinzentas, estáticas, à espera da noite. O silêncio já não era bem silêncio, mas um imenso ouvido à espreita, um ouvido sem perturbação, atento e sensível a todos os ruídos, a todas as expressões de vida que vibravam no ar. Através da urdidura invisível da atmosfera os ruídos iam e vinham, cruzando-se, como uma multidão de lançadeiras que se sucediam ininterruptamente. Chegavam e partiam enlaçados, ou um a um, distintamente rotulados pela clara mudez do desamparinho. Eram vozes desprendidas de palavras soltas em qualquer parte, o desmoronar cavo e cheio de ecos duma quebrada nos fundos distantes, um brado aqui

e ali, o pisar de ramos secos próximo, um burrico algures de goela aberta zurrando como corneta desafinada, ou, de repente, o mugido prolongado dum boi solitário. Era, sobretudo, o bruaá difuso – música de fundo ou ressaca longínqua que se desfazia em número infinito de lançadeiras microscópicas quase imperceptíveis, e se desprendia da natureza inanimada e por momentos pairava no ar; esse sussurro misterioso que é a linguagem dos crepúsculos nos amplos e profundos vales, que vem não se sabe donde e paira na atmosfera e se dissolve como vapor de água em sucessivas vagas agonizantes.

Para Mané Quim, era essa a realidade, a sua realidade de vinte e três anos. Desde que nascera até hoje tinha sido essa a sua música familiar, a música que os seus ouvidos melhor entendiam.

A proposta do padrinho soava-lhe ainda aos ouvidos qual som de guerra destoando da tranquilidade reinante. Descera sobre a paz do seu espírito como milhafre sobre a criação descuidada. Descera, levantara pó, provocara pânico ... (Mas sucede que há, perto, uma árvore protectora em cujos galhos entrelaçados as asas habituadas à amplitude se embaraçam, há esconderijos entre as fendas dos muros onde a fera esbarra desajeitada, há as asas das mãos intrépidas, ou, ainda, esse mesmo pânico capaz de desnortear o mais sanguinário dos inimigos. Passado o momento difícil, arredado o perigo e a confusão – e porque não deixou de haver sol no céu e cisco na terra, borboletas voando ao alcance dos bicos e lagartinhos suspensos nas folhas tenras das plantações rasteiras e besouros entre as pedras, enfim uma enfiada de tentações fortes que se oferecem de todos os lados aos imperativos mais instantes – à gula da bicharada miúda da casa –, de novo a vida volta, esquecida, à normalidade embora os coraçõezinhos batam ainda por uns instantes, descompassadamente)... De momento era ainda tudo confuso no seu espírito. Nem se esforçou por formular uma resolução, nem procurou meter um fósforo aceso na escuridão da sua cabeça. Mas a pouco e pouco, naturalmente, o coração, passado o pânico, foi serenando, a proposta do padrinho foi ficando para trás, a imagem do homem extinguindo-se até desaparecer por completo sob a pesada mansidão da tarde que morria.

De bruços sobre o muro, ficou-se olhando a chã rasa coberta de capim ardido. Uma frase acudiu-lhe ao espírito, uma frase apenas: «Isto está ficando medonho» mas esqueceu-a logo. Diante dele uma cabra branca luzidia, amarrada a um pé de rícino, mexia o rabinho com tanta esperteza como se estivesse teimando em dizer não, não, não; batia nervosamente as patas, espirrava graciosamente meneando o focinho e mostrando os dentes num riso trocista e alvar. Dando com o rapaz debruçado a olhar para ela, tornou-se quase prazenteira, parou de ruminar, levantou o focinho para ele e fitou-o de frente com inesperada inteligência, como se quisesse falar-lhe, dizer-lhe da sua filosofia sem artifícios nem complicações. Mané Quim observou-a com entendimento. Compreendia melhor os bichos que os homens. Sabia o que significavam aquelas manhas: «Tu o que estás a pedir é macho. Agorinha assim, fosses minha, botava-te era no bode de nhô Sansão.»

Para lá duma elevação de terreno uma espiral de fumo subia direito aos céus como corda levemente tangida. Devia ser nh'Ana queimando bananeira para o fabrico de sabão. Mulher mexida, nh'Ana. Enquanto o marido, coitado, não se podia ter nos pés ulcerados – quem o vira outrora homem enérgico e rijo, e o via agora galo murcho! – nh'Ana, que virara galinha cantadeira e levantar a crista, não parava de fazer e mandar fazer. As filhas, umas mulhereças, não tomavam fôlego sob o seu comando, desaprenderam de mandriar, sempre carretando imensas cargas, indo e vindo numa roda-viva. Fabricavam queijos de leite de cabra, cordas de carrapato desfiado, esteiras – esteiras vendidas para toda a ilha e mesmo recomendadas de S. Vicente; trocavam produtos agrícolas por artigos de mercearia, fazendas, peixe. Troncos de bananeiras paridas tinham larga aplicação ali no terreiro da casa de nh'Ana. Mané Quim lembrou-se, por associação de ideias, da bananeira grávida no fundo do ribeiro; notara-o de manhã quando seguia pelo leito a caminho do regadio do Ribeirãozinho. O facto chamara-lhe a atenção porque era o primeiro cacho da moita que nhô Lourencinho mandara lá plantar.

Debruçado no muro do caminho, não era preciso Mané Quim virar muito a cara para topar o boqueirão do Tapume Grande de nhô Sansão, com o cerco de pedras soltas no topo para as vacas não descerem. O boqueirão era o pomo de discórdia entre a mãe-Joja e o velho depravado: volta e meia, as vacas metiam os chifres manhosamente, velhacas como o dono, deitavam abaixo as pedras e saltavam para o regadio. Com um simples movimento de olhos para o montante do ribeiro, mesmo na linha de chã, afogadas nas sombras que subiam do leito, distinguíam-se as franças pálidas das figueiras-bravas cujas raízes sugavam na mãe-d'água do Ribeirãozinho. O regadio do Ribeirãozinho era uma vistosa faixa compreendida entre o leito do mesmo nome e as bordas do Tapume Grande, principiando na mãe-d'água e indo terminar vários centos de metros ribeiro abaixo.

Ali moravam as ambições e as esperanças de Mané Quim. Sempre que lá descia – o que sucedia diariamente, pelo menos duas vezes, de manhã e à tarde – corria ao pequeno depósito, meladouro de pé de rocha, para observar o volume da água acumulada. Depois dirigia-se aos pilares, cavava o solo para estudar a altura da humidade e avaliar as necessidades, aflagava as plantas, passava os dedos pelas folhas dobradas e sem viço, falava-lhes, procurava incutir-lhes ânimo e confiança como se fossem criaturas desesperançadas e sugestionáveis. Era um rito normal, quase profissional e clínico de médico de província que visita quotidianamente os seus doentes. As palavras que lhes dirigia serviam também para ele, porque o dia em que lhe faltasse coragem para lutar por aqueles pilares, então o mundo poderia acabar. Ali principiava e terminava o seu mundo. O resto não era já da sua conta – era o «mundo dos outros»; ficava para lá da sua órbita.

(LOPES, Manuel. *Chuva Braba*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 20–23)

Teixeira de Sousa: *Ilhéu de Contenda*

(1978, LCV)

A ação deste romance de Teixeira de Sousa (1919–2006), situado na Ilha de Fogo, oferece um retrato da sociedade fogueense, das suas tensões internas, decorrentes da decadência da aristocracia branca e da transição para uma nova forma do viver social, com preponderância dos mulatos. A intriga desenvolve-se a partir da morte de Nha Caela, viúva de antigos donos de sobrados, comércio e propriedades agrícolas, assumindo o seu filho Eusébio o protagonismo na história. O romance faz parte de uma trilogia que fornece uma imagem global da sociedade e da vida na ilha no decorrer do século XX.

A igreja estava apinhada de gente. Não de gente que viesse toda ao funeral de Nha Caela. Gente, sim, que estava ali, na maioria, para assistir à missa grande do dia de S. Lourenço. Desde o altar-mor até cá fora à entrada quase não havia lugar para cair uma agulha, tantos eram os pés e os joelhos que cobriam o chão. No meio da igreja, numa rodinha que pouco mais era que o espaço para meia dúzia de covas de milho, descansava o caixão de Nha Caela. Quatro castiçais de bronze ladeavam o esquife. As velas de cera ardiam serenamente, dir-se-ia a alma bondosa da finada evoluindo-se da terra. Bafo morno pairava no ambiente de mistura com o cheiro a podridão que vinha do corpo da defunta. Mas isso não impedia que mais pessoas procurassem furar a multidão para se instalarem pertinho dos castiçais. Nem mesmo se sabia quando findavam os apertões e de que maneira o padre Afonso havia de realizar as exéquias. Logo foi ela morrer na véspera de S. Lourenço e escolher precisamente aquela igreja para receber o ofício fúnebre, no dia 10 de Agosto, dia do orago da freguesia. Bem podia ser enterrada na cidade, onde de resto residia a maior parte do ano. Mas morreu no sobradão de Ilhéu de Contenda, e assim deixara recomendado ao filho Eusébio, caso fechasse os olhos na sua casa de campo, que a sepultassem no cemitério de S. Lourenço, ao lado do amado esposo. Muito nutrida e pesada, não foi sem alguma dificuldade que transportaram o corpo até à igreja, debaixo de um sol de rachar. O camião, que devia vir de S. Filipe para acarretar o caixão, teve dois furos e ficou parado por altura de Cutelo Comprido. Quando o ajudante do camião chegou suado ao sobradão para informar Nhô Eusébio da avaria, este já tinha recrutado oito homens para levar o esquife, que agora estava a ser desrespeitado pelos festeiros, e donde exalavam os odores fétidos que empestavam a igreja. Até pingava líquido pútrido por baixo, saído talvez dos orifícios naturais. Não era para admirar, com o calor que fazia. Calor prenunciando mais chuva. Desde 20 de Julho que chovia a bom chover. Nunca se vira ano agrícola que começasse com tanta chuva. Quase todos os dias caía água do céu. Por isso, andava tudo verde, do mar até à serra. Forçosamente que seria um ano farto.

O padre Afonso demorava-se na sacristia, Eusébio já se sentia fatigado de tanto esperar. O fato de casimira preta estrangulava-o. Se calhar tinha engordado mais. O suor escorria-lhe em bica pelo rego das costas, as cuecas colavam-se às coxas. De quando em quando enxugava o toutiço com o lenço. Do adro da igreja vinham rumores diversos, cavalos que relinchavam, carros que roncavam, foguetes que assobiavam e estralejavam distantes, levando a todo o mundo os ecos da festa. E a senhora D. Micaela Medina da Veiga apodrecendo no meio da igreja e de tanta alegria que estuava em redor.

Os parentes homens acotovelavam-se com os fiéis inquietos. As sobrinhas e primas da defunta preferiram ficar no sobradão de Ilhéu de Contenda onde compareceram logo tiveram na cidade a notícia do falecimento súbito de Nha Micaela. Seriam umas nove horas da noite quando Tareja, sua velha criada, a foi encontrar na sala de jantar, sentada e morta numa cadeira de balanço. Estava ainda quente, devia ter acabado de morrer. A cabeça pendia-lhe sobre o peito, os braços pendulavam, e do canto da boca escorria-lhe baba em fio pelo queixo abaixo. Sacudiu-a, chamou por ela, deu-lhe bofetadas, e desatou finalmente a gritar pela vizinhança que acudiu pronto. Nha Micaela tinha morrido. Senhora grande de Ilhéu de Contenda finara-se, e com ela toda a sua bondade e respeitabilidade também, entre o povo daquela redondeza. Nha Mariquinha de José Claudio veio logo à casa da querida amiga. Era só atravessar um regato e chegar lá. As duas propriedades confinavam-se precisamente por esse regato. Na atrapalhação do momento até se estirou ao comprido junto do jardim. Soila ajudou a velha a pôr-se em pé. Mas nada aconteceu de grave. Apenas uma escalavradura num dos joelhos. Na sua língua lá do Chile rogou pragas à escuridão. De sorte que, quando chegaram de manhã cedo os parentes da cidade, já o sobradão se achava repleto com a vizinhança. Ele, Eusébio, teve de pôr aquela gente numa certa ordem, pois havia medidas a tomar imediatamente com relação ao recheio de casa. A mãe felizmente chegou ao fim da vida no seu perfeito tino, dando conta certinha de todos os haveres. Estava tudo seguro, mesmo porque Tareja e Manuel Feitor olhavam bem por Ilhéu de Contenda na presença e ausência da dona. Ela passava quatro meses no campo e oito na cidade. Não falhava um único ano, excepto em vida do marido, o pai Pedro que Deus tinha, quando iam de passeio até Lisboa. Antes de sair para acompanhar o caixão da mãe até à igreja, ordenou a Chiquinho que ficasse de guarda a todos os cantos do sobradão.

(SOUSA, Teixeira de. *Ilhéu de Contenda*. Publicações Europa – América, s/d, p. 13–15)

SAGA FAMILIAR

Pepetela: *Yaka*

(1984, LA)

Este romance de Pepetela passa-se em Benguela e abrange uma grande parte do século XX: inicia-se com o degredo de Óscar Semedo, enviado a África em 1880, cuja descendência constituiu uma grande família de colonos, e acaba em 1975. Se Óscar Semedo na verdade não passou de um português em terra alheia, o seu filho Alexandre Semedo, o verdadeiro patriarca da família, é o primeiro a nascer em África, dando o seu primeiro grito ao morder a terra, em sinal de pertença. O romance assim gravita em torno da questão da ambiguidade identitária, expressa magicamente pela estátua Yaka, o símbolo da terra-mãe africana cujo olhar segue todos os acontecimentos e comportamentos dos Semedo. Depois da independência, quase toda a família decide-se por partir, com exceção de dois membros da nova geração: Joel (militante do MPLA) e Chica (ligado à UNITA). O destino da família que, com devidas exceções, encarna a agressão colonialista, contrasta com a tribo dos cuvales, representante do colonizado subjugado e violado.

Benguela dos quintalões. Quintalões onde escravos dos Ganguelas, do Bié, da Lunda², dos Lozi e de mais longe ainda, da costa oriental de África, vinham parar. Engordavam aí para resistir à viagem de barco até S. Tomé, Antilhas ou Brasil. Quintalões de muro alto que escondiam cubatas³ e mangueiras, vigiados por vimbali⁴ atentos, dedilhando kissanjes⁵.

Por fora dos quintalões que ficavam do lado do mar, circundando o quartel da Companhia Indígena, o menino Alexandre Semedo cresceu com os muros altos de adobe, espreitando para dentro deles sem ousar entrar. Sempre tive medo estranho dos quintalões. Lembro-me, essa é a minha primeira lembrança, de cantos monótonos e batuques misturados a ruídos de correntes.

Em 1890 a cidade devia ser o conjunto de quintalões entre o mar e o princípio do barro da Peça, com grandes vazios no meio. Para a Peça fomos viver. O pai alugou

2 Lunda – Província do Nordeste de Angola; antigo reino muito importante (N.A.).

3 Cubata – Cabana feita de barro e coberta por capim ou folhas de palmeira (N.A.).

4 Vimbali – Africanos que serviam de intermediários no comércio; geralmente cidadãos, eram os que «viviam como os brancos» (N.A.).

5 Kissanje – Instrumento musical formado de palhetas metálicas e uma caixa de ressonância (N.A.).

um quarto na casa dum antigo degredado, conhecido seu de Moçâmedes. Ainda na infância, lembro-me bem do rugido dos leões indo beber água no leito original do Corinje que mais tarde foi desviado para se criar o centro da cidade nova. Era como se estivéssemos no território mucubal com os leões a encherem o silêncio da noite, contava a mãe. Os leões nunca me meteram medo, foi a minha primeira música de embalar.

Quando chegou, o pai de Alexandre soube do ultimato inglês. Já tinha passado meses atrás, mas os colonos ainda estavam em efervescência. Óscar Semedo, cada vez que falava disso, espumava de raiva:

– Tiraram-nos o que era nosso. Todo o território do Atlântico ao Índico, o território cor-de-rosa, era nosso por direito natural. De descoberta. Mas os ingleses queriam o meio. E disseram: ou nos dão isso, ou é a guerra. E esse rei incapaz e covarde dobrou-se. Os reis de Portugal sempre se dobraram aos ingleses. Por essas e por outras me perseguiram sempre.

Embora a população branca fosse quase toda republicana, parece que tinha alguns monárquicos. E o pai de Alexandre foi chamado na Administração, dois meses depois de chegar, por numa taberna ter andado à pancada com amigos do rei. Foi avisado pare com isso, senão volta para Capangombe. Engolindo rancores e palavras libertárias, deixou de frequentar tabernas por algum tempo. Mas toda a vida o conheci falando da República. E nessa altura haviam de dar cabo dos aristocratas ingleses e lhes recuperar a Rodésia.

Como não queria falar de agricultura, Óscar Semedo arranjou o único emprego ao seu alcance: ajudante numa loja. O patrão da loja, Sô Queirós, foi padrinho de baptismo de Alexandre. Tinha uma loja na Peça, casa baixa de adobe, caiada de amarelo. Deixou Óscar Semedo tomar conta daquela loja e foi abrir outra mais perto do Corinje e do mar.

O pai de Alexandre vendeu o carro boer e os bois, alugou uma casa. Nos primeiros meses da chegada não se desfez do carro. Queria trabalhar em Direito, notário ou tabelião. Não lhe deixaram. Na função pública também não. Até que caiu no comércio. Então vendeu o carro e os bois e o cavalo.

O comércio tinha caído muito, porque Benguela e Catumbela viviam do embarque de escravos. Os navios ingleses andavam à caça dos barcos negreiros e Portugal tinha assinado o tratado para pôr fim ao «tráfico de cabeças-de-alcatrão». Se foi fazendo, mas em menor quantidade. Na altura, já só os enviavam em pequenas embarcações para S. Tomé. Nenhum barco que ousava atravessar o Atlântico, pois a armada inglesa estava atenta. No entanto, devagarinho-vagarinho, os escravos foram substituídos por borraça, cera, marfim e couros. Era nisso que o pai de Alexandre negociava. As caravanas vinham do sertão, trazendo os produtos. E ele trocava com aguardente, pólvora e missangas. Às vezes também panos.

(PEPETELA. *Yaka*. Lisboa: Dom Quixote, 1998, p. 25–27)

Vilonda, sentado no rochedo azul do seu território, olhou o rio Cuporolo.

Espera a volta das duas mulheres que tinham ido à lavra. Terra boa, a do Cuporolo. Daqui se via as bandeiras do milho pintar de branco o verde da lavra. E para os bois então? O rio tinha água todo o ano, o capim estava sempre verde e tenro, os bois engordavam e luziam. Virou a cabeça para a esquerda e viu a manada. O filho mais novo e o sobrinho trazem os bois para o curral. A manada sobe o morro que nasce ao lado do rio, ondulando entre os penhascos, reconheceu no meio dela a namulilo⁶, a vaca mais sagrada de todas, o boi mocho, o dos cornos retorcidos, o malhado, a vaca cega, os vitelos. Ao todo, oitenta animais. Subiam sem pressa, de barriga atulhada, as vacas cheias de leite agitando os chocalhos. Um ou outro mugido eram música no seu ouvido. Encheu o peito de ar. Tudo estava ali. O cheiro, o som, a luz. Terra boa essa do Cuporolo.

A onganda⁷ de Vilonda já está fora do território cuvale. A dele e a de Ngonga, que lhe seguiu o exemplo. Esta terra era dos Mundombe, o território cuvale começa a dois dias de marcha para o sul, nas Mundas do Hambo⁸. Lhe tinham dito os parentes, trinta anos atrás, vais arranjar problemas. Mas ele veio com a mulher e os quatro bois. Sempre a sofrer a seca? Todos os anos andar, andar, à procura de capim verde? Bibala, Capangombe, Camucuio, Caitou, todos esses sítios a família percorreu, ora para a frente, ora para trás, transumando os bois. Casa aqui, casa lá, curral aqui, curral acolá. Guerra também, e roubos também. Quebraste a tradição, um dia vais pagar. Quebrei a tradição? Mudei de sítio, deixei de cavar cacimbas nos leitos secos dos rios, procurei água permanente. Tradição? Viver nos rochedos secos, ver os bois secar e morrer? Que tradição manda os homens morrer de fome? Rezo na mesma para os antepassados, mato os mesmos bois na sua homenagem, só que piso terras mais no norte. Ngonga compreendeu, veio visitá-lo, viu os bois gordos, se fixou a duzentos metros da sua onganda. Os bois de Ngonga são agora muitos e estão gordos. Os mundombe vivem lá mais para perto do mar e do outro lado do rio. Às vezes vêm visitá-lo, não o tratam como intruso. Deste lado do rio, mas a quatro horas de marcha para Ocidente, tem só cana-de-açúcar dos brancos. Os brancos nunca vêm aqui, às vezes Vilonda vai lá abaixo no Dombe Grande vê-los. Leva um cabrito para vender, depois compra qualquer coisa, um cobertor, um machado, uma enxada. Mas é muito raro, não precisa de quase nada. Os brancos lhe perguntam pelos bois, mas ele boi não vende. Cuvale não vende boi, como vai vender o pai e o filho?

(PEPETELA. *Yaka*. Lisboa: Dom Quixote, 1998, p. 176–177)

6 Namulilo – Vaca sagrada. A mais importante do gado sagrado dos Cuvale (N.A.).

7 Onganda – O centro habitacional mais importante de todos aqueles que o grupo familiar ocupa ao longo do ano. É definido por um grande anel de ramos de espinheira no interior do qual se abrigam os animais e os homens. Existe no centro um círculo menor, para os vitelos. As habitações dispõem-se em meia lua, respeitando preceitos de grande rigor. A onganda tem carácter definitivo; inclui os cemitérios e os locais do culto. É um elemento fundamental no contexto cultural dos povos pastores do sul de Angola.

8 Mundas do Hambo – Cadeia de montanhas a sul de Benguela, no território dos Cuvale (N.A.).

Germano Almeida: *A Família Trago*

(1998, LCV)

Germano Almeida (1945) é ficcionista cabo-verdiano, excepcional pelo seu tratamento bem humorado e irónico. Neste seu romance, situado no contexto social e cultural da Ilha de Boa Vista, da qual Germano Almeida é natural, conta-se a história de várias gerações da família Trago, de seus segredos e peripécias. Dentro do género da saga familiar, o tempo abrangido é bastante amplo e, proporcionalmente, reflete alguns acontecimentos sociopolíticos na metrópole que têm alguma repercussão no arquipélago (referências a Salazar, Carmona, ao Estado Novo etc.). O discurso cabe a um membro da nova geração, implicado em reconstruir um retrato mais ou menos glorificante do fundador da família, Pedro Trago, e da sua descendência.

Nós só conhecemos nho Pedro Trago de ouvir dizer, mas com o passar dos anos e as estórias inconcebíveis que fui ouvindo das pessoas, acabei acreditando que Venceslau tinha inventado um mito exclusivamente para a nossa devoção familiar, tanto mais que, fazendo bem as contas, era fácil concluir que, na época em que mais estreitamente ele poderia ter privado com Pedro Trago, já as demências da idade e os estragos da memória tinham acabado por transformá-lo num velho desnordeado e sem tino, tão capaz de entrar pela Câmara Municipal adentro montado no seu velho *Ferrabrás* para com desaforo atirar sobre uma mesa um sarrão de dinheiro destinado ao pagamento das contribuições, como de descaradamente abrir o fimal para mostrar a sua pilinha já flácida e sem préstimo às mocinhas que logo pela manhã entravam na sua loja para as compras do café.

Nesse tempo já ninguém se lembrava do dia longínquo em que nho Pedro Trago tinha aportado à Boa Vista e, a acreditar no desbocado Serafim, a vila inteira ria-se dos desmandos do velho tonto e das propostas com que perseguia as mulheres que cruzavam a porta da sua loja. Vem ter comigo às cinco da manhã, instava-as com o cantante sotaque de S. Nicolau que nunca tinha conseguido perder, vais ver o que sou capaz de fazer. Felizmente que elas se riam das suas safadezas: a essa hora só pode ser para fazer chichi, nho Pedro, se quer mesmo fazer alguma coisa temos que combinar uma altura mais apropriada.

De qualquer modo parece que Venceslau já era rapaz mais ou menos taludo quando a família decidiu declarar Pedro Trago incapaz para todo o serviço e submetê-lo a rigorosa prisão domiciliária. Com comovente candura ele referia-nos esse período como tendo sido derivado de problemas de cansaço mental, não só pelos muitos anos de árduo trabalho, mas sobretudo pelo incumprimento de uma promessa feita à maçonaria. Porém, com cínica precisão Serafim situava esse acontecimento como tendo tido lugar

logo após a tarde em que a Dora o tinha encontrado a tentar masturbar-se diante dos olhos escancarados de uma mocinha que imprevidentemente lhe tinha entrado pela loja adentro justo na hora de fechar. Conforme contava Serafim, ela tinha chegado no preciso momento em que o velho expunha à esbugalhada menininha uma coisa que mais parecia um pedaço de linguiça defumada e com um sorriso desdentado e lascivo lhe pedia, vem pegar aqui!, vem pegar aqui!

O choque que Dora sofreu foi tão violento e imprevisto que escancarou a boca de espanto e não mais a conseguiu fechar, mesmo com todas as ajudas e fricções de azeite de purga a que foi submetida pelo pessoal da casa. Foi necessário que Venceslau fosse de urgência buscar o velho e já trôpego Muriçona que, além de matador de porcos e capador de animais, também prestava serviços de endireita e arrancador de dentes. A queixada está fora dos gonzos, diagnosticou Muriçona logo à primeira apalpadela com os dedos, porque já não confiava na agudeza da sua vista para trabalhos de grande precisão, e com um pequeno murro aplicado na barbela da Dora fez com que de novo voltasse a fechar a boca.

Para provar a senilidade do velho, Serafim dizia que tudo isso acontecia diante do seu maroto e divertido sorriso, pois que, regressado à casa como se nada de extraordinário tivesse acontecido e recostado pachorrentamente na sua cadeira de lona, acompanhava os esforços da família junta da boca da mulher, limitando-se no fim a perguntar se agora estava proibido de fazer chichi onde bem lhe apetecesse dentro da casa que tinha construído com o dinheiro ganho com o esforço do seu trabalho.

Nessa época Serafim, o seu segundo filho, já tinha dado à costa da ilha depois de uma meteórica passagem pela emigração, e consumia os seus dias na taberna de Babeje arquitetando o que chamava de um plano infalível para transformar o puro calcário da Boa Vista em cal muito superior a que vinha de Lisboa, ao mesmo tempo que aproveitava as suas longas pausas de meditação para divertir os presentes com inacreditáveis aventuras que dizia terem-lhe acontecido nas terras e mares do estrangeiro. Nesse dia estava justamente no meio de uma renhida luta, que os ouvintes já anteviam de desfecho incerto, entre ele e um tubarão que o tinha atacado durante o seu último naufrágio e insistia em comer-lhe o bucho da perna, quando foi interrompido por Venceslau com a novidade de que, por causa de um grande susto que tinha apanhado, a Dora estava sentada na varanda de boca escancarada e por isso precisavam de ajuda em casa.

Serafim largou a sua estória a meio e saiu a correr atrás de Venceslau, já a pensar que se calhar a Dora tinha-se assustado com algum dos seus vários santos a fugir do nicho, porém apenas para se rir a bandeiras despregadas ao tomar conhecimento do incidente de nho Pedro com a mocinha: é preciso tomar muito cuidado com este velho porque ele está a ficar um bocado perigoso, disse escandalizando toda a gente, se a gente não se precata, qualquer dia estamos com mais um irmão às costas.

No entanto, com um espírito prático que atribuía à influência sobre ele exercida pelo carpinteiro Peter, mas que anos depois Venceslau consideraria com desdém como apenas fruto da sua natural e incurável desfaçatez, decidiu lá mesmo que um bom cartucho de pirinha das ilhas seria suficiente recompensa para o susto que a menininha tinha apanhado. De modo que logo encarregou Venceslau de preparar o embrulho, de preferência sortido, recomendou enérgico, apalpou os queixais da mãe para confirmar que estavam de novo em ordem, lembrou-lhe a necessidade de continuar as fricções de azeite de purga e fez saber que tinha muita pena de não poder ficar mais tempo, tinha sido interrompido no meio de uma reunião muito importante. E lá partiu para as suas estórias malucas na taberna de Babeje.

(ALMEIDA, Germano. *A Família Trago*. Lisboa: Caminho, 1998, p. 13–16)

Paulina Chiziane: O Alegre Canto da Perdiz

(2008, LM)

Paulina Chiziane (1955) é considerada a primeira romancista moçambicana. Este romance apresenta, fundamentalmente, os destinos de duas mulheres, mãe e filha, afastadas tanto no tempo, como no espaço. Delfina, a mãe, é a preta ex-prostituta que representa um colonizado assimilado, desejando uma ascensão social e económica. Abandonando o seu primeiro homem, negro, pai de seus dois filhos, junta-se, com ajuda de um feitiço, a um colono português, com o qual acaba por ter mais dois filhos, preferidos. Abandonada por sua vez pelo homem português, não hesita, para manter uma certa estabilidade financeira, de entrar novamente no mundo de prostituição, explorando as crianças. Outro destino narrado liga-se com a sua filha Maria das Dores, apresentada, por anacronia, no incipit do romance como uma louca à procura de seus filhos. O romance assim questiona, em especial, as vicissitudes do colonialismo e a condição da mulher na sociedade (pós)colonial africana.

Um grito colectivo. Um refrão.

Há uma mulher nua nas margens do rio Licungo. Do lado dos homens.

– Ah?

Há uma mulher na solidão das águas do rio. Parece que escuta o silêncio dos peixes. Uma mulher jovem. Bela e reluzente como uma escultura maconde. De olhos pregados no céu, parece até que aguarda algum mistério.

– Quem é ela?

Uma mulher negra, tão negra como as esculturas de pau-preto. Negra pura, tatuada, no ventre, nas coxas, nos ombros. Nua, assim, completa. Ancas. Cintura. Umbigo. Ventre. Mamilos. Ombros. Tudo à mostra.

– De onde veio?

No céu da vila a notícia corre como as ondas da rádio. Nesta cidadela pacata, quase nada acontece e tudo é notícia. Fala-se do estrangeiro que chegou e que partiu. Da mulher do administrador que engravidou e pariu. Fala-se da chuva que caiu e das sementes que brotaram. Do marido que não cumpriu com os deveres conjugais na noite que findou. Uma mulher nua é notícia de primeira página. E todos saem dos seus cantos em procissão. Vão ver, para crer.

– Quem é essa mulher que tem a coragem de se banhar no lugar privado dos nossos homens, quebrando todas as normas do local, quem é?

A mulher nua olha para o horizonte. O horizonte é uma cortina de palmeiras. Vê uma mancha. É um enxame. De abelhas? Não, deve ser de vespas. Ou de galinhas tolinhas acoçadas pela queda de um bago de milho do tecto do celeiro. Mas a mancha vai ganhando altura, forma e movimento dos fantasmas. Uma mancha que levanta uma nuvem de pó, como uma manada furiosa, pisando solo seco. Da mancha falante ela ouve sons demolidores como dragões subterrâneos a comandar temores de terra. Sons que lhe diziam coisas. Coisas que ela entendia. Outras que não entendia. Sente cheiro de leite. Ouve o choro de uma criança – ah, afinal é um bando de mulheres, zangadas. Não compreendia por que estavam ali. Não compreendia aquela procissão, nem aquela zanga. O que querariam elas? Matá-la?

O grupo de mulheres furiosas precipita-se sobre ela como aves de rapina ávidas de sangue. Um grupo numeroso. Era o instinto de defesa comandando a marcha. Inquietação. Dentro das mentes assustadas, os mitos surgem como a única verdade, para explicar o inexplicável. Imaginavam as plantas a secar e a chuva a cair e a arrasar todas as sementeiras. O gado a minguar. Os galos a esterilizar, as galinhas a não chocar nem ovos nem pintos. Aquela presença era o prenúncio do desaparecimento da espécie dos galináceos. Nas curvas da mulher nua, mensagens de desespero.

– Hei, o que fazes aí?

A multidão vê a mulher nua sentada num trono de barro, beira do rio. Na posição de lótus, colocando a sua intimidade na frescura do rio. Vê-lhe o interior desabrochado, como um antúrio vermelho com rebordos de barro. Vê-lhe as tatuagens no seu ventre de mulher madura. Vê-lhe o corpo esguio, pequeno, recheado à frente, recheado atrás, esculpido por inspiração divina. Vê-lhe a pele macia, de café torrado. Os lábios gordos como um tutano, cheios de sangue, cheios de carne. Olhos de gata. Vê-lhe o cabelo e sobrancelhas macias e fartas como novelos de seda, com gotas de água escorrendo sobre as costas, como contas de lágrimas, na grinalda de uma noiva.

– Escandalosa, sai já daí.

Os pés da mulher nua contaram já muitas pedras no caminho. Palmilharam vários destinos à busca de um tesouro. Como uma condenada a caminhar a vida inteira. Atiraram-lhe pedras por todos os lados onde passou. Expulsaram-na com paus e pedras, como um animal estranho que invadia propriedades alheias. As vozes queriam que ela desaparecesse. Mas desaparecer para onde se ela não tinha onde ir? Compara as pessoas aos chacais, aos abutres. Não vê diferença. Há uma pessoa no abismo pedindo ajuda. A sociedade humana apressa-se a atirar paus e pedras, a pisar a mão com que te expressas por teu último desejo.

A mulher nua levantou a cabeça. Balançava os olhos entre o céu e o horizonte na visão clarividente dos poetas.

– Hei, que fazes aí? – grita uma das mulheres.

– Quem és tu?

Ela olha para a multidão, com os olhos no limbo. Deve estar a ouvir a música do amor. Deve estar a viver paixões secretas que lhe vêm do outro lado do mundo. Talvez veja imagens em movimento. Ou sombras falantes. Dentro dela deve haver sentimentos, pensamentos, vozes, sonhos, histórias, canções de embalar, que se apresentam numa amálgama, causando-lhe confusão na mente.

– De onde vieste?

Ela é solitária. Exilada. Estrangeira. Surgiu do nada na solidão das águas do rio. Vindo de lugar nenhum. Os seus pés parecem ter percorrido todo o universo pólo a pólo. Parece que nasceu ali, gémea das águas, das ervas, do milho e das árvores dos mangais. A vegetação pariu um ser.

Raiva e espanto no mesmo sentimento. Bem-aventurados os olhos cegos, que jamais verão a cor do terror inspirado por esta mulher nua. Algumas mulheres protegem os olhos da imoralidade. Da infâmia. Olham para o chão. As profanas rogam pragas em grossos palavrões. As puritanas benzem-se e colocam a palma da mão sobre o rosto como um leque. Fazem de conta que não vêem o que conseguem ver pelos interstícios dos dedos.

– De onde vieste tu?

As mulheres preparam o sermão do momento, feito de moral e ameaças. Ela escuta. Supera as ameaças com um sorriso.

– Quem és tu? – insistiam as mulheres furiosas.

As pessoas gostam muito de identidades. Chegam a exigir uma certidão de nascimento para uma pessoa presente. Haverá melhor testemunha do que a presença para confirmar que nasci?

– Por que estás nua?

A mulher nua está demasiado cansada para responder. Demasiado surda para ouvir. Desespera-se. Quantas forças uma mulher deve ter para carregar a tortura, a ansiedade e a esperança, quantas palavras terá a oração da eterna clemência a um deus desconhecido, cuja resposta não virá jamais?

– Usa a tua roupa, desconhecida.

A roupa dela esta ali, molhada. Cobrindo os arbustos verdes como um guarda-sol.

– Vá, veste-te já, mulher!

– Mulher, não tens vergonha na cara? Onde vendeste a tua vergonha? Não tens pena das nossas crianças que vão cegar com a tua nudez? Não tens medo dos homens? Não sabes que te podem usar e abusar? Oh, mulher, veste lá a tua roupa que a tua nudez mata e cega!

Ela responde com a linguagem dos peixes do rio. Sorri. Olha para o chão. Para o céu. Com brandura. Com candura. Os olhos emanam muita luz e uma miríade de cores. Ela é simpática. Ela é agradável. Tem dentes muito brancos. Completos. Ela é bonita. Tem sorriso de anjo. O que é que ela vê, para além do horizonte?

(CHIZIANE, Paulina. *O Alegre Canto da Perdiz*. Alfragide: Caminho, 2008, p. 11–15)

ROMANCE POLICIAL

Pepetela: Jaime Bunda, Agente Secreto

(2001, LA)

Embora este romance de Pepetela pareça, à primeira vista, policial, descobre-se rapidamente que se trata, antes, de uma versão parodiada deste subgénero romanesco. O protagonista, o estagiário da Polícia Secreta de Luanda, surge como uma personagem picaresca (com um aspeto que lhe deu a alcunha) que desconstrói um modelo paradigmático de detetive dos livros policiais clássicos (um dos modelos de Jaime Bunda é, de facto, James Bond, próximo dele pelo laço paródico do nome e apelido). Embora haja aqui um crime e a investigação, aquilo que interessa primordialmente no romance não é a descoberta do criminoso, mas o retrato satírico da sociedade angolana (mais concretamente luan-dense) contemporânea, abalada pela corrupção, depravação e egoísmo das novas elites, fossos sociais e apatia da sociedade após a guerra civil.

Jaime Bunda estava sentado na ampla sala destinada aos detectives. Havia três secretárias, onde outros tantos investigadores lutavam contra os computadores obsoletos. Havia também algumas cadeiras encostadas à parede. Era numa destas, a última, que Jaime poisava a sua avantajada bunda, exagerada em relação ao corpo, característica física que lhe tinha dado o nome. O seu verdadeiro era comprido, unindo dois apelidos de famílias ilustres nos meios luandenses. Mas foi numa aula de educação física, mais

propriamente de vólei, que surgiu a alcunha. Às tantas, o professor, irritado com a falta de jeito ou de empenho do aluno, gritou:

– Jaime, salta. Salta com a bunda, porra!

A partir daí, ficou Jaime Bunda para toda a escola. De facto, as suas nádegas exageravam. Ele, aliás, era todo para os redondos, até mesmo os olhos que gostava de esbugalhar à frente do espelho, treinando espantos. A mãe é que não gostou nada quando ouviu colegas tratarem-no assim, és um mole, não devias deixar que te chamassem um nome ofensivo, mas ele encolheu os ombros, a minha bunda é mesmo grande, vou fazer mais como então?

A alcunha até o ajudou, pois o professor de educação física considerou-o um caso perdido para o desporto nacional e nunca mais insistiu em obrigá-lo a fazer coisas para as quais não sentia a mínima vocação. Jaime ficava a maioria das vezes sentado à sombra, enquanto os colegas se extenuavam a correr de um lado para o outro ou a saltarem em movimentos pretensamente sincronizados. Ele ia comendo o seu lanche, comentando sozinho as peripécias que notava nos outros. E gozando as falhas. Era muito observador, não deixava escapar nenhum gesto ridículo, por minúsculo que fosse.

Por isso ria para dentro ao ver o colega Isidro batendo no teclado do computador, os dois indicadores muito esticados, a língua de fora, a qual se mexia ao ritmo da batida lenta. Os anéis de ouro que o investigador Isidro usava nos dois indicadores faiscavam. Patrício não dá mesmo, pensou Jaime Bunda, o dinheiro que o Isidro ganha gasta-o em ouro. Anéis, pulseiras, fio grosso de ouro como usam aqueles corredores de 100 metros da selecção norte americana... Só falta um Rolex de ouro. Parece um desses novos-ricos que ultimamente engrossam por aí... Deve ser isso mesmo, quer passar por novo-rico, ele que não tem onde cair morto. A menos que... Sabia de alguns esquemas do Isidro, mas talvez não desse para enriquecer. Estava entretido nestas cogitações quando entrou na sala o contínuo, que se dirigiu a ele:

– O chefe está chamar. Diz para correr.

Os três colegas riram, alarves. Toda a gente sabia que o estagiário Jaime Bunda não corria, era contra os seus princípios de vida. Levantou-se com a maior dignidade, acertou o vinco das calças, saiu da sala sem uma palavra, vincando o seu desprezo pela escumalha inferior dos investigadores seniores.

– Tenho um caso importante para si – disse o chefe Chiquinho Vieira. – Espero que faça o melhor que sabe...

Jaime encheu o peito. Finalmente, começavam a reconhecer o seu mérito. Não era ao Isidro que entregavam esse caso importante, era a ele, até aí sempre esquecido, atirado para uma das cadeiras da sala de detectives sem nada para fazer, só porque era «das famílias». Chiquinho Vieira um dia mesmo lhe tinha dito que só o mantinha no serviço porque recebia ordens do D.O., o Director Operativo. Mas que não tivesse ilusões, por ele nunca passaria de estagiário. D.O. também era das famílias e tinha-o incitado a escolher a profissão de detective, és muito observador, nada te escapa, vais ser um

craque. D.O. mandou recrutá-lo, evitando as formalidades da praxe. Depois de admitido fazia os testes e os treinos, abaixo a burocracia que impede o combate eficaz ao crime. Chiquinho Vieira e os outros, invejosos do seu parentesco com o D.O., nunca lhe davam ensejo de provar que era mesmo um craque, só lhe mandavam ir comprar cigarros. No máximo fazer cobertura a algum colega numa missão mais arriscada, mas sempre em papel subalterno. Ele esperava pacientemente na sala, sentado na mesma cadeira, vendo os outros escreverem relatórios sobre os assuntos que iam resolvendo ou não, eles diziam que resolviam mas os criminosos pululavam pelas ruas e os subversivos conspiravam contra o regime, enquanto ele ia amolgando a cadeira com o peso da sua bunda. Durante todos os meses que ali passava na sala, mais de vinte, aprendera a distinguir todas as moscas que entravam e saíam pelas janelas.

(PEPETELA. *Jaime Bunda, Agente Secreto*, Lisboa: Dom Quixote, 2005, p. 13–15)

ROMANCE EXPERIMENTAL

Arménio Vieira: *No Inferno*

(2000, LCV)

Arménio Vieira (1941), mais conhecido como um dos maiores poetas cabo-verdianos, dota as suas narrativas de um potencial imaginativo. Esta narrativa é na verdade uma paródia do romance, uma desconstrução do género romanesco ocidental, apresentado como já “caduco”. Embora a criação de um possível romance seja, ao longo da narração, sempre negada, o texto acaba por ser, na verdade, a sua homenagem. Os vários capítulos, sem nexos lógicos, convidam a uma passagem por vários nomes e obras consagradas, e não só literárias, mesclando autores e personagens que ganham vida, num frenesi propositalmente caótico.

Não restam dúvidas que alguém havia tramado R. Rabbit⁹. Pelo que toca a Joseph K.¹⁰, estava também fora de questão que o tinham caluniado. E quanto a Robinson?

Passava-se com ele algo semelhante, já que, um belo dia, dois tipos de gravata e chapéu lhe bateram à porta. Robinson foi abrir, convencido que era o homem dos jornais, mas não era. Tratava-se de um contrafé, pelo qual ele devia comparecer no *Castelo*.

– No *Castelo*, para quê? – perguntou Robinson.

9 Personagem de um filme de Robert Zemeckis

10 Personagem de Franz Kafka

- A fim de ser julgado – disse-lhe um dos oficiais.
 - Como?! De que delito me acusam?
 - Isso a gente não sabe – respondeu o outro oficial.
 - Sabem que mais? Enganaram-se na porta, a intimação não é para mim.
 - É para si, sim senhor. Era o que faltava a gente enganar-se numa questão destas!
- Pois bem, o senhor tem um prazo de dez anos para se apresentar no *Castelo*.
- O quê?! dez anos, convenhamos que é um prazo inacreditável; penso que os senhores estão a brincar.
 - Os oficiais do *Castelo* nunca brincam. Repito: tem um prazo de dez anos para se apresentar, sob pena de lhe acontecerem coisas deveras lamentáveis.
 - Que coisas, podem dizer-me?
 - Conhece os Cento e Vinte Dias de Sodoma, é claro que conhece. Pois bem, se não comparecer no Castelo dentro do prazo estipulado, ser-lhe-ão infligidos os quinze suplícios aí descritos pelo Marquês de Sade. Entendeu?
 - Desculpem, mas continuam a brincar. Já pensaram numa coisa? Digam-me lá quem aguentaria uma só das sevícias descritas pelo Marquês sem ir desta para melhor?
 - O Senhor do Castelo pensou já no problema; a equipa médica do Castelo tem receitas para tudo, até para fazer ressuscitar os mortos.
 - Sendo assim, já não está cá quem falou. Há um aspecto, porém, dessa questão que eu não percebi ainda: porquê dez anos? Insisto; é um prazo inacreditável.
 - Aparentemente é. Acontece, no entanto, que é extremamente difícil chegar ao *Castelo*. E, uma vez lá chegado, é preciso abrir uma infinidade de portas, atravessar corredores que nunca mais acabam, falar com um sem-número de guardas e ter muita paciência na sala de espera, já que a autorização para se entrar no tribunal do *Castelo* tem de ter a assinatura de inúmeros oficiais da justiça, os quais estão quase sempre ausentes do *Castelo*. E há mais: os advogados andam sempre ocupados, pelo que raramente têm tempo. Como vê, dez anos não é muito tempo; pelo contrário, e pouquíssimo tempo, razão por que deve pôr-se imediatamente a mexer, se não atrasa-se, e o Senhor do *Castelo* não admite atrasos.
- Bem, falta agora dizerem-me onde fica o *Castelo*, que eu não sei. É uma informação que não nos compete fornecer. Terá de obtê-la numa das bibliotecas do país.
- Como? Vou ter de consultar milhões de volumes?
 - Olhe que é uma sorte não ter que os ler. Basta folhear um determinado livro: o endereço do *Castelo* encontra-se lá dentro.
 - Em que livro, em que página?
 - Desconhecemos o título do livro; no que se refere à segunda pergunta, só lhe podemos dizer que o endereço não vem escrito na página, mas sim num papelinho vermelho.

(VIEIRA, Arménio. *No Inferno*,
Praia-Mindelo: Centro Cultural Português, 1999, p. 106–108)

4. Tradição, ancestralidade, ruralidade

Neste bloco, será dedicada atenção a várias expressões narrativas da tradição, da ancestralidade e do universo rural. Por sinal, a maioria das obras aqui escolhidas pertencem à literatura moçambicana, incomparavelmente menos atenta aos centros urbanos como a literatura angolana, e muito mais sensível à dicotomia da modernidade/tradição, como se verifica especialmente na obra inovadora de Mia Couto e de outros autores moçambicanos. A literatura angolana é aqui representada por Ruy Duarte de Carvalho, um dos autores que na sua obra recria o espaço do Sul de Angola, junto com o seu universo geosocial dos povos pastores.

Mia Couto: O Último Voo do Flamingo (2000, LM)

Este romance de Mia Couto (1955) tem por base a investigação de um consultor das Nações Unidas sobre umas explosões misteriosas que matam os soldados da ONU, vindos para o trabalho da desminagem a seguir ao acordo de paz de 1992. A história passa-se em Tizangara, um lugar inventado que funciona como metonímia de Moçambique. O narrador é um tradutor que, no entanto, mais que um tradutor de dois sistemas linguísticos serve como um tradutor de uma realidade que escapa à perceção do consultor europeu, e que se liga ao imaginário africano, ao universo da tradição. O romance abre assim um largo espectro de questões que avassalam o Moçambique do pós-guerra: a relação entre a tradição ancestral e a cultura moderna/ocidental, a desconstrução do país depois do conflito armado, o abuso do poder, bem como as possibilidades da construção de uma identidade moçambicana com base no imaginário tradicional, veiculada pelo final romanesco entre o apocalíptico e a esperança.

O italiano se havia reclinado como um ponteiro. Parecia ter gostado do relato das minhas infâncias. Quando terminei ele se deixou em silêncio. Por um tempo permaneceu assim, dissolvido naquela pausa. Só depois falou:

- Esta sua estória ... tudo isso é verdadeiro?
- Como verdadeiro?

– *Desculpe perguntar. Mas eu fiquei escutando, me perdi. Que horas são?*

Era tempo de regressarmos à pensão. Soprava um vento pontiagudo. O mesmo recepcionista estava na soleira da porta varrendo umas placas de plástico. Algumas das letras do anúncio haviam caído com a ventania. Lia-se agora: «Martelo Jo».

O italiano, cansado, nem se sentiu adormecer. Nessa noite, um estranho sonho tomou conta dele: a velha do corredor entrava no quarto, se despia revelando as mais apetitosas carnes que ele jamais presenciara. No sonho, o italiano fez amor com ela. Massimo Risi nunca tinha experimentado tão gostosas carícias. Ele rodou e rerodou nos lençóis, gemendo alto, esfregando-se na almofada. Se era pesadelo, ele muito se divertia.

Despertou suado e sujo, o peito ainda resfolegando. Olhou em volta e reparou que alguém mexera nas suas roupas. Alguém estivera no quarto. Levantou-se e viu o balde com água. Suspirou, aliviado. Tinha sido, certamente, o rapaz da pensão. Massimo lavou-se com a ajuda de um copo. Barbeou-se com o resto da água do banho. Ficou olhando o balde como se reparasse, pela primeira vez, o quanto pode valer um pouco de água. Depois, saiu do quarto e foi-se esgueirando pelo corredor quando um braço o fez parar. Era a velha Temporina. O italiano estacou gelado. Dengosa, a velha deu uns passos em redor do estrangeiro. Depois encostou-se, requebrosa, na porta do quarto. Sorriu estranhamente apontando a própria barriga:

– *Estou grávida de você...*

Risi perguntou, em voz sumida:

– *O quê?*

– *Esta noite fiquei grávida consigo.*

O homem ficou com a boca na nuca. A velha sorriu, passou um dedo sobre os lábios do estrangeiro e reentrou no quarto, fechando a porta atrás de si. Risi tresandarilhou pelo corredor antes de regressar aos seus aposentos. Sentou-se na borda da cama e, de novo, lhe chegaram lembranças do sonho. No chão, porém: uma capulana! Como fora ali parar? Um toque na porta o fez precipitar sobre o suspeito pano. Escondeu a capulana por debaixo da cama. Era o hospedeiro que entrou, cerimonioso. Depois de sucessivos “dá licenças” ele se fez ao assunto:

– *Senhor Massimo, eu ouvi tudo.*

– *Tudo o quê?*

– *O que passou ali no corredor.*

Meu coração se apertou. Se se espalhasse que o italiano andava em envolvências com Temporina o assunto haveria de ferver entre os tizangarenses. Não parecia que o recepcionista estivesse interessado nestes rumores. Por isso ele insistia com Massimo Risi:

– *Você se atente, caro amigo. Essa mulher ela é uma enfeitada. Quem sabe agora você não explode como os outros?*

– *Mas eu não fiz nada.*

– *Se ela reclama que você lhe engravidou! Só se ela é segunda Virgem Maria ...*

– *Eu juro, não toquei nessa mulher – rumorejou o italiano.*

– *Agora essa moça vai querer lhe acompanhar lá para sua terra. Ela mais o vosso filho mulato.*

Percebeu-se algum desprezo no modo como disse “mulato”. O padre Muhando já falara contra esse preconceito. O pensamento do sacerdote ia direito no assunto: mulatos, não somos todos nós? Mas o povo, em Tizangara, não se queria reconhecer amulato. Porque o ser negro – ter aquela raça – nos tinha sido passado como nossa única e última riqueza. E alguns de nós fabricavam sua identidade nesse ilusório espelho.

Massimo parecia ausente. Antecipava em sua cabeça o desfile daqueles imprevistos em sua vida?

– *Eu não posso entender!*

– *É difícil, sim senhor. Até porque essa mulher não existe.*

– *Não existe?*

– *Não existe do modo como o senhor pensa.*

– *Como assim?*

Eu já estava escutando a conversa no corredor. Decidi entrar.

(COUTO, Mia. *O Último Voo de Flamingo*. Lisboa: Caminho, 1987, p. 59–61)

Mia Couto: Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra

(2002, LM)

A ação deste romance de Mia Couto também é localizada num espaço imaginário, desta vez na ilha Luar-do-Chão, onde o narrador, estudante universitário, vai assistir às cerimónias fúnebres do seu avô do qual, antes, recebia cartas sobre a vida da família e da ilha. Já como sugere o título, o romance sublinha a carga simbólica dos elementos da água (motivo do rio relacionado ao tempo) e da terra (ligada ao motivo da casa). O rio, representando a separação da ilha e do mundo rural em relação à cidade, constitui-se como o espaço privilegiado da ação romanesca. A terra, por sua vez, reage ao comportamento humano (o chão dessacralizado, endurece). Para além da união do homem à terra, são ainda explorados neste romance outros temas como: a pobreza, a questão racial, a problemática da mulher, inferiorizada numa comunidade tradicional e masculinizada, sendo tais nós temáticos, bastante graves e profundos, aliviados pelo humor tipicamente coutiano, bem como pela dimensão mágica, característica da obra do autor.

Estou na margem do rio, contemplando as mulheres que se banham. Respeitam a tradição: antes de entrar na água, cada uma delas pede permissão ao rio:

– *Dá licença?*

Que silêncio lhes responde, autorizando que se afundem na corrente? Não é apenas a língua local que eu desconheço. São esses outros idiomas que me faltam para entender Luar-do-Chão. Para falar com minha mãe, que vai fluindo, ondeada, até ser foz.

As mulheres me olham, provocantes. Ou provoquentes, como diria o Avô. Parecem não ter pudor. Os seios desnudados não são, para elas, uma intimidade com merecimento de vergonha.

Não se estão apenas divertindo. Estão cumprindo a cerimônia que o ngangá ordenou para que a terra voltasse a abrir. A maldição que tombara sobre a nossa Ilha só podia ser vencida por esforço de todos. Em todo lado, os ilhéus enviavam sinais de entendimento com os deuses.

À volta da cintura as mulheres trazem atado um cordel benzido. Só nesta margem lhes é permitido banhar. No outro lado, foi onde se deu a tragédia. O rio, nessa orla, ficou interditado para todo o sempre.

O sucedido infortúnio surge já distante, apagado pelos risos das mulheres que se vão peixando na corrente. Vou amolecendo naquela mornança quando um clamor nos sobressalta a todos. As mulheres saem correndo, algumas esquecidas de se cobrir com as capulanas. E meu Tio Abstinência que surge, correndo em pânico. Engole umas lufadas e grita:

– *Venham, aconteceu uma coisa gravel Há um incêndio no cais!*

Corremos pelos trilhos, embalados pela inclinação da colina. Junto ao cais, a multidão se agita, em efervescência. Uma embarcação carregada de troncos estava ardendo no cais. E o barco de passageiros em que viajei. Está todo ateado, dir-se-ia constituído só por chamas.

– *Há feridos?*

– *Só o Tio Último.*

– *Último? Ele estava no barco?*

– *Queimou-se quando tentava apagar o fogo.*

– *É grave?*

Não se sabia. Tinha sido levado para casa, estava sendo tratado por Amílcar Mascarenha. Meu pai me fez sinal que esperasse enquanto ele ia examinar a ocorrência. Quem sabe ainda se carecesse de ajudas?

Fico sentado no cais a assistir ao reflexo das chamas na água, num silencioso desdobrar de luz. Abstinência se aproxima e se acomoda junto a mim. O suspiro lhe vem quase do chão:

– *Foi bem feito!*

Essa era a sua certeza: o incêndio era punição, vingança divina. Estavam desmatando tudo, até a floresta sagrada tinham abatido. A Ilha estava quase dessombreada.

O administrador tinha mão no negócio, junto com o Tio Último e outra gente graúda da capital. Usavam o barco público para privados carregamentos de madeiras e deixavam passageiros por transportar sempre que lhes aprouvesse. Às vezes, até doentes ficavam por evacuar. No tempo colonial Mariavilhosa não tinha tido acesso ao barco por motivos de sua raça.. Hoje excluíaam-se passageiros por outras razões.

– *Mas, Tio, a companhia de navegação não é do Estado?*

– *E então?*

Abstinência tinha sido advertido por reclamar separação de negócios privados e actividades públicas. Foi despedido quando exigiu maior clareza nos dinheiros.

Aproveito a ausência de meu pai para esclarecer as denúncias que ainda há pouco escutara.

– *Tio, me diga uma coisa: meu pai falou de um caso de drogas e do assassinato de Juca Sabão. Ele disse que isso explica tudo o que aqui está passando.*

– *Seu pai está delirando. Esses gajos que mataram Juca foram presos. Foram julgados e estão cumprindo penas.*

– *Mas não é verdade que desapareceu uma pistola da esquadra?*

– *Isso é verdade. Mas o que é que isso prova? Os culpados confessaram, eram tipos cadastrados.*

– *Mas, então, porquê meu pai mantém essa versão?*

– *Ele sempre desejou dar uso à arma. Aquilo lhe ficou das guerras. Seu pai acha que tudo se resolve assim.*

Fulano Malta achava que o mundo estava tão torto que para um homem ser bom não podia ser justo. Abstinência tinha outra explicação, sem enredo sinuoso: o que se passava agora era outra coisa.

– *Vê aquelas chamas espelhadas no rio? Acha que aquilo é apenas um barco que está a arder?*

Tudo está sendo queimado pela cobiça dos novos-ricos. É isso que sucede em sua opinião. A Ilha é um barco que funciona às avessas. Flutua porque tem peso. Tem gente feliz, tem árvore, tem bicho e chão parideiro. Quando tudo isso lhe for tirado, a Ilha se afunda.

– *A Ilha é o barco, nós somos o rio.*

(COUTO, Mia. *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra.*

Lisboa: Caminho, 2004, p. 211–214)

Mia Couto: A Confissão da Leoa

(2012, LM)

Mais uma vez, também a estória deste romance de Mia Couto passa-se numa localidade inventada, Kulumani, onde o povo assiste, impotente, a um fenómeno invulgar dos ataques de leoas. A voz narrativa divide-se entre duas personagens, tão diferentes entre si quanto próximas pelos laços misteriosos: Mariamar, jovem mulher de Kulumani, desde infância abusada pelo seu pai, e Arcanjo, o caçador vindo da cidade, incumbido de matar leoas, pelo qual Mariamar nutre um amor nunca professado. O romance oferece mais mistérios e silenciamentos do que respostas às questões, formuladas tanto pelas personagens como pelo leitor (porque as leoas atacam as mulheres indefesas?, seriam estas animais, ou seres humanos metamorfoseados?). De qualquer modo, as leoas poderiam simbolizar tanto a violência exercida sobre as mulheres, como a resistência e solidariedade feminina. Trata-se de um romance em que a problemática da mulher se torna especialmente acutilante.

As pernas nascem na cabeça, todo o corpo começa na cabeça tal como os rios descem do céu. Adjiru Kapitamoro, meu muitíssimo avô, assim dizia e, ainda hoje, acho que ele tinha razão. As minhas pernas adormeceram quando a minha cabeça despertou. Um dia, tinha eu doze anos, tombei como um saco vazio aos pés da cama. Juntaram-se os parentes, Adjiru puxou meu pai pelo casaco:

– Foi você, Genito?

Acorri a responder, escudando o meu velhote. Que não havia culpa, nem se carecia de explicação. Eu apenas tivera pesadelos nessa noite, com visões que não ousava lembrar. Ergueram-me a pulso e voltei a desabar, sem amparo interior.

– Logo agora, no meio desta guerra toda – lamentou meu pai. – Vai ser mais um peso, agora.

– Desde quando uma filha é um peso? – inquiriu Adjiru.

Na infância, o corpo tem um serviço único: brincar. Mas não em Kulumani. Os meninos da nossa aldeia pediam às pernas que os fizessem fugir, à frente do fogo, mais velozes que as balas. Era o tempo em que as armas varriam as nossas povoações. Ao fim da tarde, o ritual era sempre o mesmo: empacotávamos os nossos haveres e escondíamos-nos no mato. Para mim, esse proceder era um jogo, uma diversão partilhada com as outras crianças. Num mundo de pólvora e sangue inventávamos silenciosas brincadeiras. Naquele noturno esconderijo aprendi a rir para dentro, a gritar sem voz, a sonhar sem sonho. Até ao dia em que a metade inferior de mim deixou de ser minha. E tombei aos pés da cama.

Depois da paralisia, era o avô Adjiru que, ao fim da tarde, me vinha buscar e me carregava a braços para o esconderijo na mata. Todos os outros já se tinham retirado, restava apenas eu e os objetos sem valor espalhados no chão da casa. Enquanto esperava os braços salvadores do avô, na solidão do quarto uma certeza se reforçava em mim: eu era uma coisa e seria enterrada como um objeto na poeira de Kulumani.

Eu, Mariamar Mpepe, estava duplamente condenada: a ter um único lugar e a ser uma única vida. Uma mulher infértil, em Kulumani, é menos que uma coisa. É uma simples inexistência. A culpa de eu ser assim, diziam, era de minha mãe. Hanifa Assuluu tinha sido amaldiçoada. Por pressão dos padres católicos, a sua família recusou que ela fosse sujeita aos rituais de iniciação. Minha mãe era uma *namaku*, uma rapariga que não transitou para mulher. Tinha sido batizada na igreja, mas não tinha passado pela cerimónia dos *ingoma*, o ritual que nos autoriza a ter idade. Hanifa estava condenada a ser uma eterna criança.

(COUTO, Mia. *A Confissão de Leoa*, Alfragide. Caminho, 2012, p. 130–132)

Extasiado, o escritor comenta:

– *Espetáculo inesquecível! Uma exibição telúrica, que pena não ter podido fotografar!*

– *Gostou?* – pergunta Naftalinda. O seu sorriso é enigmático, quase derrotado. E depois volta a inquirir: – *Quantos homens estavam na cerimónia?*

– *Talvez uns vinte.*

– *Os outros eram doze.*

– *Os outros? Que outros?*

– *Os que mataram Tandi, a minha empregada. Eram doze. Alguns desses estavam aqui dançando à vossa frente.*

– *Mataram-na?*

– *Mataram a alma dela, ficou só o corpo. Um corpo ferido, uma réstia de pessoa.*

Relatou o que sucedera: inadvertidamente a empregada atravessou o *mvera*, o acampamento dos ritos de iniciação para rapazes. O lugar é sagrado e é expressamente proibido a uma mulher cruzar aquele território. Tandi desobedeceu e foi punida: todos os homens abusaram dela. Todos se serviram dela. A moça foi conduzida ao posto de saúde local, mas o enfermeiro não aceitou tratar dela. Tinha medo de retaliação. As autoridades distritais receberam queixa, nada fizeram. Quem, em Kulumani, tem coragem de se erguer contra a tradição?

– *O meu marido ficou calado. Mesmo quando o ameacei ele nada fez...*

Não sei o que responder. Dona Naftalinda ergue-se e olha o caminho tomado pelos caçadores. Sem parar de atizar o lume, murmura:

– *Não sei o que eles vão procurar pelo mato. Esse leão está dentro da aldeia.*

(COUTO, Mia. *A Confissão de Leoa*. Alfragide. Caminho, 2012, p. 160–161)

Aníbal Aleluia: “Mbelele”

(Mbelele e Outros Contos, 1987, LM)

Nas suas narrativas, Aníbal Aleluia (1926–1993), valoriza o universo africano e seus mitos. Mbelele significa um “rito de trazer água”, particularmente importante em Moçambique, cuja subsistência depende da terra e onde a seca pode ter consequências trágicas. O espaço africano é, para além da temática, sugerido pelas palavras bantu. Em ligação ao espaço ancestral, o conto transmite também a problemática social: a perda das tradições, assimilação e migração dos jovens para a cidade, cujo destino acaba ou nas minas de Joanesburgo (Jone), ou na prostituição.

De manhã, a terra era fresca. O ar gélido cortava a pele. O céu apresentava-se dum azul puro, levemente empanado por um véu violeta que desaparecia à medida que o sol subia, diluído por um calor de estufa, sempre crescente.

Os homens erguiam os olhos para o firmamento, aterrados pela perspectiva da fome, como que em súplica muda aos deuses da chuva. Mas a abóbada continuava cérula, sem uma nuvem, com uma pureza quase de turqueza.

As várzeas estavam já limpas; o povo cansara-se mais uma vez, derribando plantas bravias; as charruas tinham sulcado a terra, revirando a resteva; as enxadas haviam pulverizado o folhiço. E tudo isto secara àquele sol de aço.

O próprio rio minguara, lentamente, fugindo da álea dos chorões que lhe delimitavam o leito, até se restringir a um fio sinuoso, humilde, gemebundo.

Seis colheitas antes, a fome visitara a região nas asas roxas dos acrídeos. O gafanhoto, em ondas maciças, limpava com sofreguidão as culturas viridentes e promissoras, deixando as machambas nuas, os galhos erectos em gesto de súplica, cruelmente fustigados pelo sol, como símbolos do espectro da fome.

O povo sofrera muito.

Anos depois, o rio tufara com arrufos de soba pérfido, assoprando para as margens a sua baba cor de ocre, invadindo sanzalas e machambas, submergindo gado e gente, levando a todos os lares a miséria e o luto, o desespero e as lágrimas. Toda Gaza fôra, então, uma terra de desolação. Dir-se-ia estendidas sobre ela as asas do anjo mau do Apocalipse.

E agora, antes que o povo se refizesse, chegam a seca, cruel e dura, levando a impotência aos braços vigorosos do povo, enxugando rios, queimando a terra, calcinando a bosta que estrumava as machambas.

A amplidão térmica era singular: ao ar gélido matinal sucedia um bafo de siroco, quando o sol, do zénite, dardejava sobre a terra os seus raios de fogo. Então, os galhos crepitavam como chamiços numa queimada; a miragem voluteiava, caprichosamente, na várzea ampla, qual neblina ondulando rente à terra cansada.

– «Os *nguluves* estão zangados» – dizia o povo, observando com tristeza o céu indiferente às suas queixas. E todos procuravam descobrir que desacatos às vontades dos mortos se expiavam tão dolorosamente.

Cansados de sofrer, sobas e povo se reuniram em solene banja. Unanimemente acordaram na purificação da terra, olvidada, havia muitos anos, não obstante – tantas desgraças seguidas.

Um *nhamussoro* imolara carneiros e bodes; matara galinhas, separando-lhes os bicos, e volteando-as no ar muitas vezes e batendo com elas os corpos dos sobas acocorados com ar submisso. Bichanara esconjurações, cozera *mbambas* e dormira com a *pisana* em a palhota grande do mais velho dos sobas e retirara-se, prometendo fartura de chuva ainda naquela lua.

Mas não chovera!

Muitas luas mais tinham bebido as águas do Índico. Já todos estavam certos de que o *nhamussoro* fora derrotado pela ira implacável dos *nguluves*.

«A culpa é dos moços, gente. Foram estragados pelos brancos. Não obedecem às leis velhas da raça. Não fazem a purificação anual da terra» – gritam Mucindo, o soba velho, apontando com a canha a planície queimada pelo sol.

Os moços, como resposta, pegavam nos *xitendes*, faziam as malas e partiam para os «compounds» a alistarem-se para o Jone. As raparigas guardavam os berimbaus nos cantos das palhotas e iam para Mafalala e Estrada Nova vender amor.

Vendo a ruína ameaçando a terra e o povo, os sobas mandaram uma deputação consultar Nengueuassuna (o homem de perna de mosquito), o mais famoso *nhamussoro* de que havia memória em toda Gaza.

– «Ide fazer mbelele... » – tal a sentença de *nhamussoro*.

(ALELUIA, Aníbal, “Mbelele”, In SAÚTE, Nelson (org.). *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 51–53)

Carneiro Gonçalves: “Malidza”

(*Contos e Lendas*, 1975, ed. póstuma, LM)

O universo africano tradicional surge com força também nas narrativas de Carneiro Gonçalves (1941–1974). Esta narrativa com um ritmo marcado e uma nota lírica, inspirada nas lendas e nos contos orais, conta a história de Malidza, escolhida pelo nhamussoro para satisfazer os seus apetites sexuais. Saudada pelo coletivo das mulheres, a jovem escolhida, enamorada do guerreiro Kilombo, porém recusa tal sacrifício, preferindo a morte na floresta.

Caminhai célere, ó jovens do povo de Quiteve, e vinde ouvir a história de Malidza, que morreu de amor. Uma grande ternura agasalhava-lhe o corpo de ébano (que ela protegia para Kilomko, o guerreiro) e punha nos seus olhos cintilações habitadas pelos génios antigos das florestas. O colo guardava a macia tepidez das sombras e era tão silenciosamente como a luz que Malidza percorria as veredas, as savanas. Requestavam-na os mais expeditos; transformou em temeridade a audácia dos mais valentes. Caíram alguns no calor das refregas, peito trespassado pela lança dos guerreiros de Mauruça. Havia nas suas gargalhadas duas coisas: a alegria da brisa das alvoradas que despenteia as árvores e, também das árvores, a frescura da seiva.

Um dia apareceu na aldeia o *nhamessoro* para invocar Zúzu, o espírito das águas. Todas as moças acabadas de donzelar na última lua, espantadas ainda pelo prodígio grandioso de um pouco de sangue entre as coxas, dançavam então o seu espanto. Dois embondeiros soberanos, tão cheios de rumores eucarísticos como dois altares, cruzavam as ramagens por cima do terreiro lançando sobre as moças uma bênção de sombra. Malidza, como as outras, dançava. Dançava e ria. Kilomko, de longe, espreitava-lhe o corpo a requebrar-se nos espamos da dança. Os seus feitos de guerra enchiam de espanto as aringas. Pela noite adiante, quando as famílias se acocoravam em torno das fogueiras, os mais velhos evocavam Kilomko e os mais novos tremiam de uma admiração sagrada.

Caminhai célere, ó jovens do povo de Quiteve e vinde ouvir a história de Malidza que a certa hora de uma madrugada em referência encontrou Kilomko. O guerreiro voltava dos seus combates, cabeça emplumada, nos dedos firmes a lança em riste. Malidza estremeceu, nos olhos fundos a mesma grande timidez das gazelas que um pranto sem razão liquefazia. Kilomko não pôde desviar o olhar e a lança caiu-lhe pela primeira vez da mão invencível. Ficaram assim eternidades, silhuetas legendárias de uma aproximação cuja idade remonta à primeira caverna que o homem habitou.

Sabei jovens do povo de Quiteve, que Kilomko esperava da guerra para desposar Malidza, o fragor do último combate. Odiava as guerras mas queria pior aos bárbaros que a impunham à sua gente. Nunca se habituou às amputações da glória, àquele jeito suave com que o sangue dos mais moços embebia a terra, aos gemidos das grandes agônias que despertavam os *numes* das florestas.

Mas um dia apareceu na aldeia o *nhamessoro* para invocar Zúzu, o espírito das águas. O tambor anunciou-o surdamente. Cessou a dança das donzelas e um pedaço de lua tornou mais negro o perfil distante da montanha que assinalava o princípio do reino de Maruça. À primeira batida do tambor imobilizaram-se na posição em que foram surpreendidas as ancas das dançarinas. Veio para o terreiro todo o povo da aldeia.

Seguiu-se a cerimónia do *nhamessoro*, o batuque, o estrépito das vozes. Todos viram aparecer do fundo das águas, recoberto de raízes o novo oficiante. Malidza tentou esconder-se atrás das outras, evitar ao olhar rapace do *nhamessoro* as curvas adolescentes do seu corpo. Tinha chegado o momento da dádiva e o mago poderia escolher,

à sua vontade, a jovem que mais o impressionasse. Malidza viu a febre nos olhos de Kilomko. Viu depois que o corpo lhe tremeu de dor enquanto o dedo do *nhamessoro* apontava para si.

Gritaram as mulheres saudando a escolha. Mas Malidza recuou, recuou sempre, levou consigo o sofrimento de Kilomko e o espanto das outras mulheres que não compreendiam a fuga sacrílega.

Diz-se que a floresta matou Malidza.

Mas notai, ó jovens do povo de Quiteve, que Kilomko sabe onde repousa o corpo de Malidza, que foi encontrar no sítio onde a viu pela primeira vez. Dois abutres debicavam-lhe os olhos. Levantaram para o céu quando Kilomko se aproximou. E o antigo guerreiro também sabe que o espaço agora é mais azul porque o encheram de luz mais duas estrelas.

(GONÇALVES, Carneiro, “Malidza”, In SAÚTE, Nelson (org.). *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 157–159)

Raul Honwana: “Caringana wa caringana”

(*O Algodão e o Ouro, 1995, LM*)

Esta narrativa de Raul Honwana (1941), em cujo título ecoa a forma tradicional do incipit dos contos moçambicanos, evocando os tempos míticos, aproxima-se pela sua temática, lirismo, tragicidade e oralidade de uma lenda ou estória exemplar.

Sambo desesperado e desvairado refugiara-se naquele lugar trazendo consigo, tudo quanto restava de tudo o que fora realmente a sua vida e a sua família, se assim se podia chamar. Tudo o que restava a Sambo não chegava sequer para ser nada ou quase nada. Mas o seu maior desgosto, a sua mágoa deviam-se à perda da filha que mais adorava. Talvez por ser a mais nova, aparecida já na velhice dos pais, talvez mesmo pela sua graciosidade. Salima, – era o seu nome – teria apenas 14 anos, mas quando ela bailava o seu corpo em noites de lua pequena, já o seu peito farto arfava e o seu sangue escorria grosso e escuro para ser sorvido pela terra gulosa. Todos os irmãos de Salima, por serem muito mais velhos, haviam escapado à fúria dos negreiros que em vagas sucessivas assolaram as ilhas e a costa de África.

Nas terras férteis e ricas do Grande-Muça as populações viviam em verdadeiro pânico. Os habitantes do litoral iniciaram uma migração maciça para o interior, ao mesmo tempo que o Chefe, auxiliado pelos próprios negreiros empreendia uma perseguição feroz ao homem. Na ilha natal de Sambo, a situação tornou-se deveras trágica porque os navios sinistros haviam cercado o lugar, não permitindo por isso qualquer hipótese de fuga. Os

seus habitantes, homens e mulheres, eram arrebanhados como gado, amarrados e empilhados nus como carga, nos porões dos barcos. Sambo, ele próprio, escapara à leva porque durante o meticuloso exame que antecede a prisão, acharam-no desdentado, concluindo daí tratar-se de homem idoso, sem interesse para a aquisição e transacção.

Sambo, com a voz cortada de soluços, descreveu a tragédia:

– ... Se queres saber quem sou, se queres conhecer as gerações de filhos e filhas que a terra e o mar comeram, não perguntes o meu nome não lamentes a minha angústia não chores a minha fome.

Se queres saber quem sou, escuta as minhas canções e vibra ao som dos meus tambores e cheira o meu suor de sabor acre ...

Eles eram homens de estatura alta, a sua pele tinha uma cor baça e os seus olhos eram raiados de um vermelho sanguíneo.

Eles vestiam túnicas brancas, de um branco sujo e tinham chapéu igualmente brancos e altos.

Estávamos todos de pé na areia da praia a olhar para os barcos que se encontravam ao largo, amarrados com cordas muito grossas. As pessoas, à medida que eram escolhidas passavam a obedecer aos sinais e às vergastadas daqueles homens de cor baça que os conduziam pela prancha que ligava a terra ao barco.

Quando soube que já não prestava para o que me queriam, ia desfalecendo de contentamento, mas o Grande-Chefe Muça, que assistia à venda, disse que era preciso trazer imediatamente a minha filha, a minha Salima... Eu ia dizer estas palavras: «Mas oh, meu senhor! ela é muito pequenina ainda!» mas não tive tempo porque o Grande-Chefe Muça não me deixou falar e disse: «Eu ordeno-to!»

A caminho de casa, seguido de dois servidores do Grande-Chefe, eu sentia calor e frio ao mesmo tempo, sentia que as minhas pernas não tinham ossos, nem veias por dentro, por isso não tinha forças para andar e cambaleava a cada passo. Os servidores vergastaram-me para me obrigar a andar mais depressa. Mas nesse momento ouviu-se o silvo rouco do barco, o que queria dizer que ia partir... Foi como se tivessem tirado um grande fardo da minha cabeça, dos meus nervos e do meu coração e comecei a ficar mais satisfeito. Os servidores do Grande-Chefe disseram com ironia: – se ela não foi agora há-de ir para a próxima viagem que não tarda muito ...

Quando chegámos à porta da palhota, obrigaram a Salima a sair de casa, apalparam os seus peitos redondos e fartos, e acharam-nos muito duros. Depois, levantando as vestes observaram-na para se certificar de que era mesmo mulher ou se ainda era uma criança. Fazendo um pequeno cálculo disseram entre eles que o Grande-Chefe com uma mercadoria destas até pode ganhar uma garrafa de vinho...

Naquela mesma noite fui acompanhar a minha filha, a Salima, a casa dum amigo meu, o Jumajane, que vivia lá do outro lado da ilha, num lugar onde as palmeiras são mais altas e o capim cresce muito. A palhota do Jumajane fica muito escondida e, como ele já era um homem muito velho, os servidores do Grande-Chefe não costumavam ir

procurá-lo por causa das levas. Eu pensava que ninguém iria suspeitar que a minha filha, a minha Salima estivesse escondida em casa dele. Mas muitas outras pessoas tinham pensado a mesma coisa e a casa do Jumajane estava quase cheia de raparigas novas, da idade da Salima, minha filha. Mas o meu amigo não se recusou a recebê-la e recomendou que não dissesse nada a ninguém, para que as palavras não chegassem aos ouvidos do Grande-Chefe Muça. Eu assegurei que não iria dizer nada a ninguém.

No interior da palhota, todas as raparigas dormiam. Eu disse que ela também devia deitar-se para não ter medo e adormecer mais depressa. Mas, Salima estava a tremer ... todo o seu corpo vibrava ... abriu um pouco a boca mas não disse nada . . . segurei-lhe as duas mãos e puxei-a mais para junto de mim e senti os seus peitos redondos e duros a latejarem . . . ela respirava com a boca e eu senti o seu bafo quente e angustiado. Ela tinha um ar de entrega e de súplica . . . e os nossos corpos se encontraram contra todas as leis da natureza e dos homens que vendem os outros homens.

– Oh! Salima!. .. – Oh . . . meu pai . . .!

Não tive coragem de me despedir da minha filha e nunca mais a vi.

(HONWANA, Raul, “Caringana wa caringana”, In SAÛTE, Nelson (org.). *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 148–152)

Suleiman Cassamo: “Ngilina, tu vai morrer”

(O Regresso do Morto, 1989, LM)

Este conto lapidar de mais um contador de histórias, Suleiman Cassamo (1962), é estilística e semanticamente condensado e, pela sua urgência, produz um efeito imediato no leitor. Situado no espaço rural, centra-se na posição da mulher na comunidade tradicional, como aliás indica o título da narrativa. A denúncia da crueldade, bem como a defesa da mulher, lida neste conto, só tem um paralelo possível na obra de Mia Couto e Paulina Chiziane. Convém reparar também nos aspetos linguísticos deste conto que apresenta um discurso híbrido, à base de interferências de línguas africanas.

Assim é vida? Insultos sempre-sempre, trabalhar todo o dia do xicuembo parece burro de puxar nholo, muinto purrada assim parece mesmo boi de puxar charrua. Chaga na bochecha, boca inchada, nariz arranhado, dentes partido, é vida mesmo? Assim não é vida, não. É melhor morrer mesmo. Morrer é mesmo bom. Tudo acaba, tudo. Sim valapena morrer... Mas é assim vida de mulher. Paciência... Só o xicuembo sabe...

Assim é maneira que Ngilina fala com o seu coração. Esse seu coração inchado no peito, pesado na garganta, a fechar a boca. Lágrimas caladas molham as faces.

Ngilina limpa as lágrimas na sua capulana de xigueuepau com gravura de uma mulher forte no meio de milho. Tem pena sim.

Ngilina 'stá pilar parece máquina de moer farinha.

O pilão faz dú, dú, dú.

Espalha-se na quietude essa voz do pilão, quebra a paz que salta do sol detrás da palhota, a cair entre as copas das micaias vermelho parece tomate maduro.

Pau-de-pilão sobe, pau-de-pilão desce, pau-de-pilão sobe, pau-de-pilão desce. O corpo de Ngilina também sobe também desce. Parece vara verde é manera qu'está subir-descer.

Mas a pilar assim, olhos sempre no pilão a bater sempre de maneira igual, muinto muinto Ngilina parece mesmo máquina de moer farinha.

A voz do pilão foge para o mato. A sombra do pilão e da Ngilina cresce, fica comprido. Os seios pequenos na sombra são grandes mas só saltam um mucado só. Ngilina pila. A sombra também pila. Ngilina pára. A sombra também pára. Zombeteira, imita a Ngilina que esfrega saliva nas mãos. Esta e todas as outras sombras crescem silenciosamente, abraçam-se para dançar xigubo do pilão da Ngilina.

A noite vai chegar mesmo. O homem da Ngilina vai voltar.

É preciso ferver ncancana depressa, botar amendoim. Ferver água, botar um mucado de farinha de milho que agora começou a peneirar. Esperar mucadinho. Mais farinha. Depois mexer com libôndzo até ficar wusua, servir e pôr na mesa. Não esquencer moringa de água para beber. Não esquencer piri-piri, água na bacia e toalha. Não esquencer nada mesmo, nada. Mas primeiro água no balde na casa de banho. Depois de ele banhar, ir ajoelhar com respeito e dizer:

– Tatana, vai comer.

Agora falta mucado só. Ngilina acompanha a dança da peneira nos dedos com uma cantiga. Mas como cantiga assim parece choro de rola, parece lamento de xivambalana?

Esta cantiga é mesmo choro de rola picando o coração da savana, gemido inchado daquela minina.

Mas porquê esta vida de Ngilina?

Ngilina tinha só dezasseis anos quando o marido, um homem da idade do pai e gaíça na altura reuniu com os pais na palhota grande.

Só depois dessa reunião ela soube que estava lobilada. Não queria. Mas o pai queria. Mandava.

Ngilina nunca até ali dormiu com homens e nunca mais gostou desde aquele dia em que o marido a possuiu. Mas ele queria sempre, todos os dias. Como diria não se lhe pertencia? Acordava com dores na coluna, nas ancas, na cabeça, todo o corpo. Como diria qu'stou doente? Lá estava a sogra – aquela velha maldita – a dizer: tu, lenha; tu, água; tu, balde de barro na cabeça; tu, enxada; tu, panela de barro no lume; tu, pratos lavados... Mas lá estava a sogra a chamá-la preguiçosa, preguiçosa, preguiçosa todo o dia do xicuembo.

Evocava sempre o lobolo que o filho gastou.

Um ano passou. O marido começou com zangas. Diz que Ngilina não nasce filhos. Não sabe porque a lobolou. Não é mulher. Bate-a por tudo e por nada. Com cinto que tem ferro, com paus, com socos, com pontapés, com tudo. Coitadinha, Ngilina, era uma minina xonguile mas agora ficou velha num ano só. Ngilina é xiluva que murchou...

O corpo dói, sim, mas dói é muito muito o coração. O coração 'stá inchado, vai rebentar no peito. Ngilina, tu vai morrer. Pode ir para casa descansar. Sofrimento. Mas qual maneira se o pai comeu todo o dinheiro do lobolo no nthonthontho e no vinho do monhé da vila? Yotatanée, é melhor não pensar nada.

(CASSAMO, Suleiman, “Ngilina, tu vai morrer”, In SAÚTE, Nelson (org.). *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 489–491)

Ruy Duarte de Carvalho: “As águas de Capembáua”

(Como se o Mundo não Tivesse Leste, 1977, LA)

O interesse primordial desta novela de Ruy Duarte de Carvalho (1941–2010) incide no facto de ser localizada fora do espaço luandense, considerado “inescapável” na literatura angolana, apesar da insistência de alguns autores como Pepetela ou Manuel Rui em optar por outras coordenadas espaciais (o Sul, Benguela, Huambo). Situando-se no Sul de Angola, no espaço do povo pastor, a narrativa foca, em registo descritivo, as condições climáticas da região que forçam o povo a migrações regulares para garantir a sobrevivência. Qualquer irrupção neste sistema pode ter consequências trágicas. Tal acontece após a chegada de um colono branco que, a seguir, parte para Europa em circunstâncias pouco claras. O mistério que envolve esta fuga provoca curiosidade no narrador, decidido a descobrir o que se passou.

A seca é drama. Drama que ciclicamente se repete nas calcinadas vastidões dos dilatados suis. Mas nem a consciência de uma tal constância lhe minimiza um travo a morte e a perca.

Desidrata-se a terra, desidratam-se as ramas, altera-se a cor do mundo: embranquece o céu, escurece o capim.

Apartam-se os horizontes. Os montes ganham distância, mergulhados numa espessa e nebulosa atmosfera, ofuscante em si mesma, opressiva de brumas e poeiras. Dir-se-ia que o ar coalha em goma branca, poalha de cal, fumaça de enxofre.

Enrola-se o tempo. Já não há estações que o meçam. Renovam-se as luas, sem sinais

que as distingam de outras luas. Um mundo muito igual, os dias sobre os dias e nem um vento para cruzar-se firme com as direcções sabidas de outros ventos, a mesma luz, o mesmo sol, as mesmas noites frias.

R. assiste, comovido e atento, ao desfilar dos meses.

Um interminável suceder de madrugadas róseas, servidas sempre pelas mesmas brisas e pelas delgadas nuvens que à primeira claridade das manhãs surgem ao longe a decepar os morros, imponderável sopro de vapor, suspenso assim sobre a nudez das chanas, fria humidade que a noite rouba ao chão para avassalar a terra aos ventos da secura.

De um lado a terra, do outro o cosmos. O sol a ostentar-se imperioso, embebido apenas na sua velocidade, testemunha cega da progressiva uniformização da cor da terra, do verde ao ocre, do ocre ao negro, do negro à cinza. A soberba passividade da lua, a demitir-se de ordenar as águas, a estéril persistência do vento, alheio às coordenadas que o fecundam, virado eternamente às direcções maninhas da negação das chuvas.

O sol: uma luz crua, distante, ardendo indefinida no céu limpo, como se a sua jornada regular, o seu nascer e pôr-se, não dissesse respeito à terra e aos homens, um sol sozinho, metido em si mesmo, esquecido da companheira e dos filhos, vistos assim distantes como coisa estranha, silhuetas negras na crosta crestada de uma terra seca a transmutar-se em pó. Como se o tempo cósmico se houvesse consumido e com ele a evidência dos indícios celestes. Como se as forças dinamizadoras do cosmos se tivessem congregado para em segredo decidirem o futuro das eras e entretanto lhes não sobrasse tempo para o exercício das responsabilidades normais.

A terra: em rotação, para cumprir o seu tributo ao tempo, entregue ao movimento do que é vivo e devente da idade. Nem a indiferença do sol, nem a distância da lua, a loucura dos ventos, sequer o torpor do céu, a fazem partilhar dessa paragem, dessa noite dos rumos e das obrigações. Esforçar-se-á para manter-se viva, buscando sempre, cada vez mais funda, a humidade virgem com que se rende ao vento nas manhãs caladas, impotente para deter a sua entrega, a exalar a seiva no suor dos corpos, na superfície imóvel das lagoas, nos esporos invisíveis das ramagens, nas fendas das falésias e até na própria pedra. Na estiolante noite do silêncio a terra cumpre o seu tempo.

Esgota-se o milho das últimas reservas até já nem sobrar a semente guardada para uma última esperança de águas. Alteram-se os hábitos e os circuitos. Às cantinas das vilas e das povoações começa a chegar gado para trocar por fuba. Alguns garrotes apenas, a princípio, depois se a chuva tarda, nemas também e vacas já paridas. Saem funantes para o mato atrás de gado barato.

Rompe-se o ciclo das transumâncias. Vêm manadas de longe, seguidas pelos seus pastores, para procurar algum capim nas baixas e as derradeiras lamas das maiores lagoas. E o gado chega e bebe e cai, incapaz de suportar, no ventre, o peso da água. E apodrece nas margens.

Conduzidos pela razão do seu viver, os homens prosseguem sempre, atentos ainda ao refazer da vida. Descem ao deserto e invadem as chanas antes desprezadas. (Aí se dão

ainda ao vento que as penteia as hastes finas de capins já velhos). Tangem o que lhes resta das manadas, reduzidas, no dia a dia, pela queda dos animais mais fracos. (Vacilantes na marcha deixam-se atrasar. Depois estremezem sobre as patas finas e afocinham no chão, mordendo a língua e esbugalhando os olhos, líquidos de espanto e de aflição).

As famílias dividem-se. As mulheres e as crianças regressam às ongandas com algumas vacas, apenas, e gado miúdo. Os homens prosseguem sempre, para refazer viagens ou arriscar distâncias incomuns.

Na fazenda a vida mantém-se. A localização do acampamento, com o seu furo e a sua água, a uns escassos quinhentos metros da picada do Impulo, põe R em contacto quase permanente com vagas sucessivas de homens e animais provenientes do sul e do leste. Vê passar muito boi, muito pastor, envolvidos pelo pó e pelo eco dos vagidos sedentos.

(CARVALHO, Ruy Duarte de. “As Águas de Capembáua”,
Como se o Mundo Não Tivesse Leste. Lisboa: Vega, 1992, p. 27–29)

5. Cidade e sociedade (pós)colonial

Este bloco temático será dedicado à imagem da cidade e da sociedade (pós) colonial que ganha relevo sobretudo na literatura angolana, tradicionalmente circunscrita ao espaço luandense. Por isso, a nossa seleção das obras apresenta alguns títulos angolanos mais recentes que, trabalhando o imaginário urbano, fornecem uma reflexão sobre o modo de viver na Luanda pós-colonial (Pepetela, Ondjaki, João Melo, Agualusa). Um surto da literatura urbana apresenta-se também na literatura cabo-verdiana que já no período colonial criara um mito urbano, o Mindelo, eternizado nas obras de António Aurélio Gonçalves e Baltasar Lopes. O maior expoente desta temática na literatura cabo-verdiana contemporânea é Germano Almeida. Não são omitidos, também, alguns exemplos contísticos da literatura moçambicana com o tema da sociedade urbana (pós)colonial, centrados na imagem de Lourenço Marques/Maputo (Craveirinha, J. Dias, L. Momplé).

António Aurélio Gonçalves: *Recaída* (1993, ed. póstuma, LCV)

Na sua obra, António Aurélio Gonçalves (1901–1984) optou por analisar o espaço mindelense, com preferência o da periferia e dos estratos do bas-fond citadino. Tal opção permitiu descrever as situações degradantes, um pouco à maneira naturalista, sem no entanto abdicar de psicologismo. A presente novela, decorrente na segunda metade da década de 40, desenvolve o tema da decadência familiar, provocada sobretudo pela predisposição para o alcoolismo, herdada de pai para filho, em que o princípio da hereditariedade é ainda reforçado pela influência nefasta do meio. Um dos pontos mais interessantes da novela compreende a descrição sugestiva do passeio noturno pela cidade em que ecoam os versos de Cesário Verde. Embora seja a última novela publicada do autor, trata-se na verdade de um dos seus primeiros escritos (alguns capítulos foram compostos e publicados na revista Claridade já em 1947–1948).

NAS NOSSAS RUAS, AO ENTARDECER

Já lá vão alguns anos, a rua produziu-me a mesma sensação: foi quando saí à tarde, pela primeira vez, depois de uma febre que durou dias. Uma leveza de corpo e de espírito, a convicção de que a vida vai recomeçar sobre bases sonhadas durante muito tempo, esta impressão de renovamento da sensibilidade, esta necessidade de movimento vagaroso, uma esperança de coisas imprevistas... Como é que disposição como esta se declarou, assim repentinamente, depois de uns poucos dias de tristeza e de concentração?

A claridade de lâmpadas distantes apanha as frontarias do lado oposto, caindo sobre elas obliquamente, de tal maneira que ficam frouxamente iluminadas, como por reflexos. Têm portas e persianas fechadas e, de momento, pelo menos, derramam sobre mim um sentimento de segurança e de intimidade que me penetra. Vultos sobem e descem, cuja sombra inclinada (alongando-se, encurtando-se) desliza sobre as paredes: de onde estou – porque a rua é bastante larga – têm o ar de sombras chinesas projectando-se e movendo-se sobre um fundo de ouro pálido. A cabeça de uma rapariguita aparece sobre uma meia porta; uma mulher assenta-se à entrada de outra casa; ambas têm o mesmo ar de distração pacífica, da qual tudo, hoje, parece participar. Automóveis passam, dobram a curva do Palácio, os faróis descrevem arcos, ferem-nos a vista – os dois feixes de luz apontados –, mudam de posição e descem ou sobem continuamente a Rua de Lisboa. À distância, o trepidar surdo de uma motocicleta repica, à flor da noite, um rufo nervoso.

Estes passeios pelo Mindelo crepuscular foram sempre do meu gosto. Livre do escritório, banhado, vestido de fresco, esqueço tudo: visitas de alguma cerimónia, encargos, tertúlias... num só termo: compromissos. Primeiro, para me pôr bem-disposto, este intervalo de vadiagem até lá para as seis e meia da tarde; as coisas sérias ficam para depois. Ando por toda esta cidade, rastreando a vida e gozando-a, sem plano, ao acaso. Sem dúvida, conheço os recantos onde é certo um momento de prazer, quanto mais não seja, de esquecimento; mas farejo o desconhecido, pronto para surpreender e cativar o imprevisto. Este não marca antecipadamente os seus pontos de passagem, mas olhem que, também, não falta.

É, antes de tudo, esta influência – ao mesmo tempo sedativa e estimulante – exercida sobre mim pela boca da noite, a adesão e a conformidade com pessoas e coisas, que sucedem aos conflitos e oposições do dia. Um fugitivo sorriso de rapariga, uma anedota de amigo, que, igualmente em trânsito, pára num momento rápido de conversa risonha; um cálice de conhaque sorvido num pátio de restaurante em bairro excêntrico, enquanto o calor abranda; a oferta de uma intimidade amorosa, quando menos se espera... um sem-conto de gostos com que a cidade, caprichosa, nos presentearia, em momentos de descuidada generosidade (no seu movimento que, aparentemente, não obedece a plano ou desígnio), mas que exigem olhos de artista para que se deixem surpreender e treino de voluptuoso para se deixarem apanhar no seu voo de ave sem destino, à procura de galho onde poisar.

Estoutra é a Rua das Sombras. Procuo o motivo por que a chamo assim. Soa o nome romântico, de um romântico barato e, efectivamente, encontrei esta designação – lembro-me perfeitamente – num romance policial. De dia, tem a banalidade e a completa ausência de gosto de uma velha rua mindelense, com o sol e a ventania desgastando paredes, descorando a pintura e esfarinhando a calça. Contudo, à noite – sombria e distante –, o que ela me lembra é rua velha e carcomida, sobrevivendo numa cidade em ruínas.

(GONÇALVES, António Aurélio. *Recaída*. Lisboa: Vega, 1993, p. 57–59)

Germano Almeida: O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo

(1991, LCV)

Também esta ficção de Germano Almeida (1945) é localizada no Mindelo, reconstruindo a vida do Senhor Napumoceno, comerciante bem estabelecido, organizado e um tanto pedante, no momento da narração já falecido. O conhecimento desta vida é proporcionada através da leitura do testamento, com a qual de facto o romance começa. Destaca-se sobretudo o desfazamento entre o parecer (o comerciante respeitado na sociedade mindelense, visivelmente sem vícios nem paixões) e o ser (o viver íntimo da personagem, a sua paixão de um sexagenário por uma moça de vinte e dois anos).

Durante cerca de 18 meses o Sr. Napumoceno deixou-se lentamente consumir numa paixão dementada que viria a envenenar-lhe a existência porque quando finalmente a deu por finda continuou vivendo no sonho de Adélia, pela razão de ela lhe ter confessado sentir-se muito amiga de um homem cujos olhos sorriam quando a via e a tratava como uma boneca de luxo e era meigo e bom para ela.

Mas de acordo com os cadernos, a princípio o Sr. Napumoceno não via na Adélia uma mulher. Por exemplo, nunca lhe ocorrera a ideia de beijá-la, quanto mais ir com ela para a cama. Sentiu, isso sim, e desde o primeiro dia e pelos anos que lhe restaram e que foram muitos, que a amava. Mas era um amor que ele sabia não ser inocente e que ao mesmo tempo nada tinha de carnal e adorava sentar-se ao lado dela no carro e ficar aí quieto e parado e sem falar, olhando apenas e fazia-a santa e imaculada e quando ela sorria e perguntava o quê que estás a olhar?, ele só sabia responder estou a olhar para ti!, porque acabara por lhe confessar aqueles sentimentos que o acabrunhavam e lhe tiravam a paz, a todo o instante era Adélia em seu pensamento, mas uma Adélia cujas feições ele não conseguia recordar, longe dela ele nunca sabia se os seus lábios eram finos ou grossos, se o seu cabelo era curto ou longo, por

isso quando estava ao pé dela olhava-a e fechava os olhos e esforçava-se por memorizá-la e pensava não vou esquecer mais como ela é, mas esquecia sempre e um dia pediu-lhe uma fotografia, dá-me uma fotografia tua para eu te ver quando não te vejo!, e de facto ela deu-lhe, mas a fotografia não era a da sua Adélia, ele não a reconhecia naquela imagem, nada tinha da menina fugitiva que escapava à compreensão do seu espírito, por isso metera-a no fundo de uma gaveta porque a sua Adélia era outra, talvez aquela fosse a fotografia da Adélia do outro, do tal que ela disse estar fora, a Adélia dele era pura, casta e santa embora o seu amigo Fonseca se risse dessas palavras, pura e casta só se for no nariz, dizia-lhe, leva-a para a cama e acabou-se porque se sai contigo de carro irá para a tua casa e para a tua cama e assim Deus te ajude a montá-la!, mas a verdade era que nunca lhe tocara com um dedo afora daquele cumprimento do primeiro dia, porque diante dela ele era um menino que receava falar para não assustar o seu passarinho, mas um dia estavam os dois no carro em silêncio, ela ouvindo os grilos a cantar, ele ouvindo-a a ouvir os grilos, até que ela interrompeu o silêncio e disse os grilos divertem a gente e ele reparou que sim, que é divertido ouvir os grilos na noite e disse desde que saí de S. Nicolau que não ouvia grilos cantar!, mas ela não acreditou, disse que ele tinha ouvido sim, só que não lhes prestara atenção, ele concordou, o mais certo é não ter reparado!, lembro-me que quando era rapazinho nós saíamos a catar grilos debaixo das pedras, depois a gente fechava-os dentro numa caixa de fósforos e eles pensavam que já era de noite e começavam a cantar. Porque não sei se sabes, explicou, que os grilos só cantam de noite, dizem que é para ajudar a noite no seu silêncio senão o Sol não sabe orientar-se de manhã para nascer. Ela riu-se, disse que nunca tinha ouvido falar disso, mas ele confirmou muito sério, os grilos cantam para guiar as pessoas, mas coitados, o mais das vezes o que fazem é desorientar a gente porque cantam todos ao mesmo tempo, cada um a puxar para o seu lado, ninguém se entende no meio da confusão dos chamamentos. Ela ria-se, chamou-lhe de doido e ele riu-se também e suas mãos encontraram-se sem se procurarem mas juntaram-se um momento e eles surpreenderam-se do gesto e emudeceram de repente, um pudor nascendo em cada um e ele largou-a e puxou de um cigarro e começou a falar da sua infância em S. Nicolau, mas já eram passados mais de quarenta anos e ele já não tinha a certeza de ser verdade tudo o que dizia, se tudo de que se lembrava existira realmente, mas lembrou-se e contou uma estória que disse ter presenciado, sem saber na verdade se presenciara ou apenas ouvira contar, mas disse que era ainda um rapazinho quando uma vez uma vizinha parira um menino boteado. Adélia não sabia o que significava um menino boteado e ele explicou que menino boteado é aquele que nasce dentro de um saco e toda a gente sabe que as bruxas preferem comer os meninos boteados porque têm a carne mais mole e mais saborosa, e por acaso morava perto da casa deles uma mulher de Praia Branca que tinha fama de ser bruxa e por isso quando viram aquele menino tão branco e gordo e que sorria ao ser retirado do saco e nascia com os olhos abertos, todos os familiares e a vizinhança começaram logo a esconjurá-lo, a fazer figa canhota, a atirar sal sobre a casa, tudo com o intuito de proteger a criança que parecia um anjo caído do céu, mas, não obstante, poucos dias depois ele começou a definhar, a recusar a mama e então a parteira ordenou que

lhe dessem chá de rabo de lagartixa que era um eficaz esconjuro contra os bruxedos e puseram-lhe por baixo do travesseiro raminhos de manjerona e untaram-no todo com sebo de cabra, mas ao sétimo dia ele morreu na mesma e quando estavam a vesti-lo para o enterro deram conta de que ele tinha um risco de uma orelha a outra na sua cabecinha e aquele risco era conhecido como o mais claro sinal de que o menino fora embruxado e comido pela bruxa e então as pessoas alvoroçaram-se, correram para a casa da mulher de Praia Branca e começaram a esconjurar, a dizer que ela comera menino de gente, gritaram-lhe que saísse para a rua para a gente te cortar o rabo, bruxa de um raio, ela não respondeu, manteve a sua porta trancada, então uma pessoa qualquer lembrou-se de atirar uma pedra contra a porta e assim toda a gente começou a atirar pedras contra a porta e as janelas e a gritar bruxa safada, então a mulher apareceu à porta, ele ainda se lembrava do seu ar apavorado, os olhos arregalados a quererem saltar-lhe da cabeça apertada num lenço, um xaile preto a escorrer-lhe do corpo, e ficou parada na porta sem conseguir dizer uma palavra, apenas tremia como varas verdes, mas logo que ela surgira à porta os gritos tinham parado como se toda a sua figura tivesse atemorizado os presentes, porém houve uma pessoa que se atreveu e arremessou mais uma pedra que foi bater na porta por cima da cabeça dela e assim outras pedras voaram, e ela tapou a cara com as mãos e quis entrar outra vez e fechar a sua porta, porque ela não dizia nada, não falava nem se defendia, apenas tinha ficado na porta olhando, e foi então que todo aquele povo correu e invadiu a casa.

(ALMEIDA, Germano, *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*.
Alfragide: LeYa, 2009, p. 87–90)

José Craveirinha: “Mamana Fanisse”

(*Hamina e Outros Contos*, 1997, LM)

Este conto de José Craveirinha (1922–2003), um nome emblemático da literatura moçambicana, faz parte da coletânea Hamina e Outros Contos, um conjunto de estórias sobre certos lugares e tipos sociais que denunciam a miséria do povo de Lourenço Marques. Nesta narrativa desenvolve-se um dos temas sociais presentes na coletânea: a ausência do homem (por causa da emigração para as minas) obriga a mulher a trabalhar fora de casa para garantir a sobrevivência da família. A mulher sonha com uma carta e um presente do marido mas, na verdade, acaba por saber da tragédia que muda por completo a sua vida.

Ela acordava de madrugada, pegava na cesta grande e seguia a caminho da machamba, perto da barraca lá nas Lagoas.

Fanisse trabalhava a terra, curvada, os grandes seios suspensos como papaias, Sonto

às costas ou escarranchado na ilharga, a mamar. E nunca palavras que fossem de raiva contra a sua vida de mulher e nunca seu corpo rendido ao peso do chicomo nas mãos calejadas.

Muitas vezes cantava, a voz dolente, meiga, onde se descobria bem no fundo a alegria de queixar-se através das canções da sua velha raça. E a sua voz pelos campos era uma súplica aberta que o barulho dos motores dos pássaros dos mulungos abafava pela Mavalane toda. Pássaros voando com gente lá dentro. Xi!

Mamana negra cavava, cavava e a cada golpe do chicomo a terra escura abria-se em largas feridas generosas. Machamba dava mandioca, milho, m'boa que todos comiam. O resto vendiam.

Todas as manhãs ia ao Xipamanine, o grande cesto à cabeça e o pequeno fardo vivo pendurado nas costas: Sonto. Sentada no lugar do costume – senha ya xicudo –, estendia numa velha saca no chão duro a cacana com pequeninos frutos vermelhos por dentro, molhos de feijão landim em vagem e montinhos de quinhenta de amendoim ou escudo de tomate.

Assim vivia a Mamana com seu milho, a sua mandioca, o seu amendoim e a sua m'boa. Estava ali o seu problema.

Xicudo ni quinhenta! – sua voz cantava preços no bazar.

Com seu chicomo e a sua machamba e, como um fruto mais precioso, Sonto nas costas, Mamana vivia lá no fundo das Lagoas ao pé do «Vieira».

Xicudo ni quinhenta, era na vida.

Manhãzinha Mamana está na machamba.

Lá ao fundo, a massa verde dos eucaliptos tapa o horizonte como uma cortina rumorejante ao vento.

Os pés dela, descalços e encharcados do capim molhado, pegam a areia, deixam marcas no carreiro.

Capim e missava molhados de cacimba.

Visto de longe, é bonito o capim e as ramas de amendoim e da batata-doce, cobertos da humidade da noite invernosa de África.

As longas folhas do milheiral ao peso da cacimba, pendem as pontas para o chão como azagaias vergadas.

E tudo na manhã fria está branco. Campo semeado de verde com sumaúma por cima é a machamba inteira.

De longe é bonito, mas Mamana sabe. Ela poderia dizer se não fosse criança crescida qual é a beleza da machamba na madrugada cinzenta, o hálito húmido e impiedoso da cacimba branca, estendido como uma imensa capulana sobre os dois palmos de terra cultivada.

Ali, com Mamana, está Sambeca, que colimou lado a lado, palmo a palmo, o chão preto das Lagoas.

Mamana Sambeca leva as mãos à cabeça, compõe o lenço de ramagens vivas, vira-se

para a sua companheira Fanisse, o cabo do chicomo entalado entre os joelhos, cospe nas mãos, e interroga, num ligeiro arrastar da doce língua nativa, na voz cantante:

– Mamana uá Sonto, dizem que vai chegar um grande ôsi?

– Não sei – responde a Mamana dobrada para a terra, os seios pendentes.

Se vai chegar um ôsi como é que os homens da xipalapala não andaram ali a chamar, soprando com toda a força como os macambuzes, juntando o rebanho?

Depois, Mamana Sambeca volta a falar:

– Dizem que o ôsi vai acabar o mudende.

Agora a Fanisse está interessada. O quê, acabar mudende? Ajeita melhor o pequenino Sonto que dorme, a cabecinha escondida na espádua de Mamana. Junta as mãos e cospe. Está mais leve e já não sente o chão molhado e o ar cortante da madrugada.

E é cheia de esperança que nasce ela se abre em confidência: Tatana uá Sonto há-de chegar amanhã.

Depois elas calam-se cheias dos próprios pensamentos: Mudende! O Tatana do Sonto que vem do Jone. O lenço encarnado de 15\$00 num monhê do Xipamanine. Uma manta para Sonto.

Fanisse não resiste e canta. Seu canto é um agradecimento ao mulungo, que mata mudende.

Está fria, a cacimba até parece chuva, o sol quer desfazer as nuvens, e ela canta porque está contente. Tristeza e alegria fazem cantar a gente de coração.

(CRAVEIRINHA, José, “Mamana Fanisse”, *Hamina e Outros Contos*. Lisboa: Caminho, 1997, p. 71–75)

João Dias: “Indivíduo preto”

(*Godido e Outros Contos*, 1952, LM)

Este conto de João Dias (1926–1949), inserido numa das primeiras coletâneas de contos na literatura moçambicana, exprime, em registo realista, a denúncia da exploração do homem negro na sociedade colonial.

O caso era simples: o negro António Neves ascendeu a uma posição grada no funcionalismo. Qualquer injustiça sobre ele podia habilmente explorar-se para tentar agitar negros. As perseguições racistas acentuavam-se; a habilidade dos melindrados e a persistência de injustiças causariam na massa negra, não a compreensão clara da pata opressora, mas um mal-estar colectivo, uma vontade de dizer «Não!», a pulmões cheios, de escoinhar sem saber como, nem em quem. Se os negros civilizados fossem contentados no mínimo necessário, a evolução negra até à compreensão da verdade seria muito morosa. Os próprios beneficiados, ego-

isticamente, trairiam o bem-estar de milhões de irmãos. A questão estava toda nisto; não bulir com os negros civilizados, por uma questão de conveniência não muito remota.

Ao despedir-se, o Arcebispo voltou a insistir:

« ... Lembre-se de que as autoridades superiores enfileiram a meu lado nesse pensar. E olhe que não venho armar em defensor de negros. É que é de toda a conveniência que proceda consoante ...»

A mão beijada, o Arcebispo julgou triunfante a sua opinião, e retirou-se.

O Meireles largou o cartão de visita e voltou à janela. Todas as palavras do padre martelando-lhe a memória, lhe pareceram ilógicas. Como nomear um negro, que os futuros subordinados brancos não aceitarão como superior? O Neves é o segundo classificado e já vítima de ratifícios racistas do júri. Há dez vagas de preenchimento urgente. Escasseiam meios de eliminar o concorrente. A arbitrariedade não avançará agora nem um centímetro sem escândalo.

«Se fosses como teus irmãos, mero carregador do cais, ou desentupidor de fossas! ... não levantarias novos problemas a ti e a nós. A vida seria suavemente menos alcantilada. Seria feliz porque eras do teu mundo, e te bastavas nele.

O Meireles dá dois murros no parapeito como que para mudar o ângulo de visão de seus pensamentos. A verdade é que o caso já não é de lamentos. Tem a naturalidade fria das leis físicas. O subdirector esgravata as unhas da mão esquerda, com a unha pontuda do mínimo da direita. Uma sujidade escura cai perdida . . .

O Neves tinha bom comportamento como cidadão e funcionário. Na Administração Civil e segurança pública de nada serviria esse comportamento. Bastava a cor, como cartão de rejeição. Nas outras repartições ... enxameavam aqueles bicos de obra. Negros a quererem ir além do que uma condescente colonização permitia. O Meireles olha com ódio os trabalhadores da rua.

«São todos o mesmo!» Volta a sentar-se e, inseguro, tine a campainha, a que o servente preto Zafania acode.

A farda caqui, os olhos abertos, à espera.

– Costuma pedir-se licença, meu cão! Rua!!! Entra outra vez e com mais respeito.

O Zafania aparvalha-se.

O subdirector precisava falar aos componentes do júri. A ordem de classificação dos concursos castigava-lhe o cérebro. Nevralgia! Lembra as últimas recomendações do arcebispo ... « olhe que não venho armar em defensor de negros. Mas é de toda a conveniência que proceda consoante ...» Os negros das estradas, os serventes, os moleques de casa, o Neves, baralham-se-lhe num xadrez de psicologia e aspectos físicos diferentes, que ele mantém unidos debaixo da raça.

NEGROS! ...

(DIAS, João, “Indivíduo Preto”, In SAÛTE, Nelson (org.). *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 78–80)

Lília Momplé: “Stress”

(*Os Olhos da Cobra Verde*, 1997, LM)

Lília Momplé (1935) é, junto com Paulina Chiziane, uma grande voz feminina na literatura moçambicana contemporânea, conhecida sobretudo pelas sua coletâneas de contos Ninguém matou Suhura (1988), Neighbours (1996) e Os Olhos da Cobra Verde (1997), de que provém este conto escolhido. O conto foca a realidade pós-guerra civil de Moçambique na sua vertente de um pessimismo extremo, em forma de um retrato antitético de duas personagens exemplares da sociedade moçambicana, sem nomes (uma jovem oportunista, sem escrúpulos, egoísta, amante de um general e um professor à beira da falência pessoal, extremamente pobre e desesperado), cujos destinos se cruzam por mero acaso, por serem vizinhos (o papel de voyeur, curiosamente, cabe aqui à mulher, na obsessão permanente de observar o homem). A participação dos dois na história é simbólica: o homem mal se dá conta da mulher, já que se trata, a nível simbólico, da representante de todo o bem estar inacessível, enquanto a mulher, completamente alheia a uma consciência e sensibilidade social, fanaticamente vigia todos os gestos do homem, metaforicamente desprovido da intimidade, flagelado publicamente.

Neste momento, beberricando o seu *campari* e conversando de coisas agradáveis (nada de guerras e outros enfadonhos assuntos), ela quase consegue libertar-se da obsessão pelo homem que continua sentado na varanda em frente e que, todos os domingos, a ignora e humilha.

Entretanto, o professor, alheio às aflições e raivas que provoca na amante do major-general, escuta com atenção o relato de futebol enquanto bebe a cerveja que hoje encerra, no seu travo amargo, uma ponta de remorso. Remorso que o acompanha desde manhã, quando a esposa o viu chegar com as duas «médias» que fora comprar ao quiosque da esquina.

«Não te esqueças dos livros e da roupa para as crianças. Qualquer dia começam a apanhar faltas», disse ela, fixando intencionalmente as garrafas de cerveja.

«Está bem. Amanhã trato disso», retorquiu o professor, arrumando apressadamente as garrafas na geleira vazia.

Aborrece-o, não tanto a implícita censura da esposa mas, sobretudo, o facto de se ver obrigado a mentir para a sossegar. Sabe perfeitamente que amanhã não vai ter dinheiro para comprar os livros escolares e a roupa para os filhos, provavelmente mal poderá alimentá-los.

Daí este sabor a remorso no travo amargo da cerveja que o professor vai bebendo devagar, para a fazer render até ao fim do relato. Embora também não ignore que, sem

estas curtas horas de evasão ao domingo, uma espécie de ritual de que o relato de futebol e a bebida fazem parte, não poderia suportar a monótona correria dos seus dias.

Desperta sempre com a sensação de que já está atrasado, arranja-se a correr e a correr engole a chávena de chá quase amargo (o açúcar é caro) e o pedaço de pão seco. Fica-lhe sempre uma vontade aguda de tomar café que muito aprecia, sobretudo de manhã, mas não pode dar-se a esse luxo. Corre então para a Escola Secundária onde lecciona. Vai a pé, porque quase não existem machimbombos na cidade e o preço dos *chapas* é proibitivo para a sua bolsa. Chega à Escola transpirado e ciente de que grande parte das suas energias já foram gastas antes de iniciar o trabalho.

Sempre gostou de ensinar e é um dos poucos professores de Escola que seguiu a carreira de docente por vocação. Mas todo o seu entusiasmo inicial se vem desgastando perante turmas de cinquenta alunos, amontoados pelas salas, sem um mínimo de condições para assimilar a matéria. São, na sua maioria, adolescentes que desprezam o estudo e os próprios professores, sobretudo os que não aceitam subornos, como ele. E que, por esse motivo, se apresentam com a roupa puída, os sapatos cambados e até rotos, comparecendo, todos os dias, ofegantes e suados, por não possuírem carro próprio nem dinheiro para *chapas*.

Quando, cerca das 13 horas, as aulas terminam, o professor corre para casa onde o espera o minguado almoço que mal lhe dá forças para preparar as aulas, corrigir exercícios e ainda leccionar no Ensino Nocturno. Finalmente, perto da meia-noite, regressa a casa, extenuado e amargo e estatela-se na cama como um ébrio, para no dia seguinte despertar com a eterna sensação de que já está atrasado. E a corrida recomeça, de manhã à noite, inglória corrida que mal dá para a família não morrer de fome, estranha recompensa para tamanho esforço e tantos anos de estudo.

Ah! ultimamente tem havido algumas surpresas. São os familiares, fugidos da guerra, que encontram abrigo certo em casa do professor, porquanto este bebeu no leite materno o espírito de hospitalidade que o leva a acolhê-los e a repartir com eles o pouco que possui.

A última foragida foi uma tia que, por ser viúva e sem filhos, vivia na Manhiça, zona intensamente afectada pela guerra, com o pai, avô materno do professor. O velho devia ter mais de oitenta anos e recusou-se sempre a abandonar a palhota e o lugar onde se encontravam sepultados os seus mortos. Com efeito, dir-se-ia até que, lá do outro mundo, estes o protegiam, porque nos frequentes ataques da RENAMO àquela região, fora sempre poupado, provocando mesmo, na população, algumas suspeitas de que se entendia com os «matchangas».

Um dia, porém, estava ele sentado à porta da palhota, com as pernas estendidas para as aquecer ao sol, quando surgiu, de repente, um grupo de «matchangas», munidos de espingardas e catanas. Um deles, provavelmente o chefe, ordenou-lhe:

– Velho, dá lá qualquer coisa para comer!

O avô que dormitava um pouco, acordou ainda absorto nos seus sonhos e encarou os homens, sorrindo com a boca desdentada.

– Velho, dá lá qualquer coisa para comer! – exigiu de novo o que parecia ser o chefe.

Os olhos embaciados do avô mal distinguiam os recém-chegados e muito menos o seu esgar cruel, as espingardas e catanas; tão pouco os seus ouvidos alcançaram aquelas palavras ríspidas e urgentes. Portanto deixou-se estar, sorrindo sempre, mesmo quando o homem que falava, já irado, rosnou: – «Este velho já está-me a chatear», depois do que, sacando de uma «experiente» catana, lhe decepou a cabeça. Esta caiu, direita como um troféu, de olhos vítreos e boca escancarada, ao lado do corpo que continuou encostado à palhota, encharcando-se lentamente de sangue.

Tudo isto observou a tia do professor, por uma fresta da janelinha de madeira do seu quarto, tudo isto ela observou, tremendo de medo e indignação, sem poder socorrer o velho pai, nem sequer gritar.

Os «matchangas» acabaram por entrar na palhota e ela só teve tempo de fugir pelo quintal e correr para o esconderijo no meio do mato, onde permaneceu até aqueles partirem. Quando regressou à palhota encontrou-a completamente saqueada. E, qual lúgubre sentinela, o velho pai lá estava, o corpo hirto e ensanguentado, encostado à palhota, a cabeça ao lado, com a boca escancarada, sorrindo para a eternidade.

(MOMPLÉ, Lília, Stress, In SAÚTE, Nelson (org.). *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*. Lisboa: D. Quixote, 2007, p. 136–139)

Pepetela: O Cão e os Caluandas

(1985, LA)

A ação desta narrativa de Pepetela passa-se em Luanda nos anos 80 e constitui-se como uma sátira social, a crítica ao oportunismo, à burocracia, à corrupção, ao socialismo esquemático, ao pragmatismo, ao tribalismo, ou à falta de objetividade dos media. O princípio interno que orienta o caráter de toda a narrativa, pode ser denominado o hibridismo: assiste-se a um hibridismo estrutural (capítulos aparentemente díspares, feitos de relatos orais ou escritos de personagens, de anúncios de jornal, de excertos de peças de teatro, de diálogos, de actas etc.), tal como a um hibridismo a nível de personagens (a diversidade da população luandense, sendo a própria cidade apresentada como uma “Babilónia ingovernável, uma Torre de Babel”). Com base na cumplicidade com o género picaresco, a narrativa conta uma invulgar errância de um cão, acentuando-se, para além deste, outros motivos animais e naturais (a toninha como símbolo da utopia, sonho e amor, e a buganvília que à maneira de um “polvo tentacular” tudo invade, tornando-se um símbolo do real, de uma certa burguesia nascente).

TICO, O POETA

O cão olhou para mim e mexeu a cauda. Era grande e bonito, um canzarrão simpático. Mas se via comia muito. E nesse tempo de crise, nem que tinha carne para mim, quanto mais... Passei de lado. Cada um na sua vida!

Ele veio atrás. Cruzei a Mutamba, desci prá Baixa. Esqueci o bicho. Mas quando olhei para trás, ele vinha. Que raio! Será que animal vê nos olhos da gente quando o apreciamos? Como uma garina que ao lhe lançarmos uma mirada de fogo bate com os olhos, captando?

Nos tempos, um cão desses eu tinha medo: boca capaz de abraçar uma perna. Mas ele nada mostrava de maldade, nada mesmo. Os olhos eram alegres, a cauda a mexer, caminhando no meu cheiro.

Foi aí que dei encontro na tia Alice. Devia de andar fazer compras, pois que carregava um cesto vazio. A senhora travou-me logo:

– Xê, Tico. Tás fazer o quê?

– Nada. Passear.

O cão parou atrás. Ficou de longe a cheirar a tia Alice, focinho no ar, sem aproximar.

– Quando que comesas a trabalhar?

– Não há trabalho, tia Alice. E para mim não pode ser trabalho qualquer.

– Menino, deixa de mentiras. Um rapaz novo, cheio de força, não tens trabalho? Não queres, masé. Uma vergonha! A tua mãe é que faz tudo.

– Ora, ela tem boa profissão, de kitandeira. É o que dá mais, nestes tempos de agora. Eu estou sempre à procura, mas nada.

– És um parasita. Como se diz no jornal.

– Devagar, devagar, tia Alice.

– Porque não vais colher café então? Parece falta muita gente para trabalhar no café.

– E deixar a Lua? Tia, deixe esses campunas ir no café, eu sou rapaz da cidade. Com estudos, segundo ano do Liceu, um intelectual revolucionário ... Até tenho um poema publicado no jornal.

A velha muxoxou. Mas não tinha palavras para continuar a ofender, o meu verbo fácil arrumou-a. Olhou o cão. Mudou de assunto.

– Onde é que arranjaste?

– Bonito, não é? Engraçou comigo, está andar a seguir-me.

– Hum! Quem lhe dá de comer, és tu?

– Não. Travámos conhecimento agora.

– Deixa desses conhecimentos e vai masé trabalhar.

Ou então vai na tropa, já tens idade.

– Hi, na tropa? O meu tio João Domingos fez a guerrilha contra os tugas. Catorze anos na mata. Já chega, a família lutou muito.

– Contigo não dá mesmo para conselhar. Vou nas compras.

– Vai encontrar?

– Disseram-me ali tem uma bicha. Vou ver o que está andar a sair.
– Ali na esquina?
– Sim, atrás do Banco.
– Geleiras, já vi.
– Geleiras? Sukua! Não tenho luz em casa.
– Compre na mesma, tia. Dá pra guardar os sapatos enquanto não tem a luz.
– Sempre a brincar, não é? Julgas eu vim do mato ontem? Meu pai já nasceu nesta cidade de Luanda...

– E queria que eu fosse para o mato, hein, tia? Tá embora ver que não posso? Sem mais, camarada, me permita me despeço.

E deixei a velha no passeio, a abanar a cabeça. Mania que essas velhas de agora têm de dar conselhos. O cão cheirou mais a tia Alice, deu uma mirada no cesto vazio, apostou em mim. Estás mal, canzarrão, essa velha tem mais comida que eu, pois que não vou a casa. Se queres vir, mesmo assim, podes vir, até dá banga passear com um cão desses pela Baixa. Nos tempos, só os brancos que andavam com um mamífero atrás. Mas agora é a independência, até um patrício já pode.

Pensei então mas o assunto dá para um poema. Cruzei a Marginal, sentei-me num banco à sombra duma palmeira, matutando. O cão sentou logo no chão, ao meu lado.

Era isso. Agora, com a abolição das classes sociais, ao que diziam; não havia mais diferenças. Por isso mesmo um patrício podia ter um cão desses, que dantes só os brancos e polícias podiam ter. Porque o patrício tinha enriquecido? Não, mas porque o cão se tinha proletarizado. Recordei uma passagem de Marx lida no jornal: sociedade de proletários. O cão, que nos tempos era burguês, agora tinha virado proleta, talvez porque o dono bazou na Melói. Podia ser meu. Dava mesmo para um poema revolucionário.

O bicho se chegou mais e fez uma festa na cabeça. Juro mesmo ele estava a sorrir.

– Cão, nem sei o teu nome – falei então. – Mas vê-se mesmo és o resultado da luta de classes. Operário-camponês versus pequena-burguesia. Não confundir versus, que é grego, com versos, que é poesia, o meu forte. Só sabes morder, abanar o rabo, versus para ti é latinório! Quer dizer agueineste, topas? Portanto, tu perdeste a casa, a paparoca, tudo. Agora és vadio, proletário. Mergulhaste no seio do povo explorado cinco séculos. Vais virar um tipo faine, um operariócamponês. Amanhã vou te ler o poema, vais gostar.

O cão parecia compreender. Mexia a cabeça para cima e para baixo, no ritmo mesmo da minha fala. Mas a beíçola estava sorrir.

(PEPETELA. *O Cão e os Caluandas*. Lisboa: D. Quixote, 1997, p. 11–14)

Pepetela: Predadores

(2005, LA)

Neste retrato impiedoso da realidade sociopolítica angolana, assente no egoísmo dos poderosos e na exploração dos pobres, Pepetela exprime, numa linguagem cruel e com queda para o calão, a sua máxima desilusão. O romance descreve, por um lado, a ascensão social e económica de um empresário, apoiado pelos membros do governo do MPLA e, por outro lado, narra os destinos de personagens à margem do sistema, do luxo e da corrupção, algumas delas vivendo na pobreza humilhante. Trata-se de uma das mais explícitas denúncias do mal e da destruição dos ideais que serviram de base na formação do país independente.

Setembro de 1992

O homem de impecável fato azul, que passaremos a chamar Vladimiro Caposso, rodou cuidadosamente a chave na fechadura do apartamento, de modo a não fazer barulho. Mal abriu a porta, ouviu os gemidos de Maria Madalena, a grande cabra, e os urros de gozo do dito Toninho. Não precisava de mais para confirmar o que José Matias tinha declarado. Silenciosamente, avançou no apartamento até à porta do quarto que tão bem conhecia. Nem precisou entrar para assistir ao espectáculo dos corpos nus se movimentando freneticamente.

Na rua acontecia uma passeata política, com muitos carros cheios de gente agitando bandeiras rubronegras, cartazes, jovens de camisolas vermelhas e punhos erguidos, gritando slogans e canções políticas. Faltava uma semana para as eleições. A essas passeatas de pessoas empoleiradas em carros, dezenas de carros embandeirados a buzinar e centenas de cidadãos a gritar, o povo no seu aprendizado da recém-chegada democracia chamava carreatas, pois as passeatas deviam ser nomeadas apenas no caso de manifestações a passo. Esta era talvez a maior concentração de veículos de sempre, na maior parte carros pertencentes ao património do Estado, buzinando estridulamente.

Caposso apontou com frieza do lado de fora do quarto, retendo a respiração, como aprendera da arte de bem disparar. Esvaziou o carregador da pistola. Os tiros foram bastante abafados pelo barulho atroador da carreata. Entrou no quarto, empurrou com o cano da pistola o corpo do homem morto. Verificou que ela também estava morta, três buracos perto do coração. Nem souberam porquê morreram, foi pena, a cabra devia sofrer com o medo da morte, para perceber o que lhe acontecia, e perceber também os riscos incorridos ao gozar com ele. Mas seria perigoso chamar a atenção do par amoroso, olhar para eles olhos nos olhos, ver o medo crescer nos dela, as cenas habituais de ameaças, os gritos, as preces, as mentiras, as implorações, as últimas simulações do dese-

spero, perda de tempo permitindo alguma coisa entretanto acontecer e estragar tudo, não, assim era melhor, uns tiros misturados ao barulho da rua e os pombinhos morreram na ignorância. Dava no mesmo. Não era por eles que fazia esta matança, era por si próprio. Saiu do quarto, guardou a arma, foi à mesa da sala onde sabia haver sempre marcadores e canetas. Com uma caneta de feltro vermelha, escreveu numa folha de papel em maiúsculas e com a mão esquerda «Ninguém trai a UNITA sem deixar a vida». Atirou a folha de papel para cima dos corpos, bateu a porta sem a fechar à chave e foi embora. Nenhum vizinho se apercebeu, pelo menos o corredor estava vazio. À porta do prédio, na rua, as pessoas formavam um grupinho ainda a comentar política por causa da passeata, ninguém reparou no senhor de fato azul e óculos escuros que dobrou a esquina e entrou no Volvo cinzento, reluzente de novo.

Só então Vladimiro Caposso suou e suspirou. Não suou demasiado, não era caso para tanto. Descalçou as luvas, guardou-as no bolso do casaco, desabotoou o colarinho e desapertou um pouco a gravata. Ligou o motor e o ar condicionado, mas mantendo-se estacionado. Agora, com calma, vamos recapitular as coisas para não ficarem erros para trás. A primeira lembrança foi de logo fazer encolher o estômago ao mais corajoso, viera de luvas desde a casa até ao carro, numa cidade em que ninguém usava luvas excepto a Guarda Presidencial em parada. Asneira, esperava que ninguém tivesse reparado, todos distraídos com a carreata. Já a ideia de atribuir o crime à UNITA tinha sido de mestre. De facto foi de pensamento absolutamente frio, estranhamente frio dadas as circunstâncias, que resolveu passar à acção. Foi logo a seguir a José Matias, seu homem de mão mandado vigiar Maria Madalena, lhe confirmar as suspeitas, a cabra andava mesmo a pôr-lhe os cornos com um Toninho qualquer, pouco interessava o nome e posição social.

Nesses tempos conturbados de mudanças políticas, fim do regime de partido único e suspensão da guerra civil, seguidos de uma campanha eleitoral problemática, tinha resolvido voltar a olear a pistola que possuía há muito e fez algumas sessões de treino ao alvo no terreno que possuía fora de Luanda. Podia precisar da arma e da sua pontaria apurada para se defender e à família, ninguém podia prever um futuro tranquilo. Portanto, arma tinha. Bastava coragem para resolver o assunto e dispor as coisas de modo a não ser incomodado pela polícia. Se atirasse as culpas para a UNITA, o partido que afrontara o governo na guerra civil e cuja violência era reconhecida até pelos próprios aderentes mais imparciais, ninguém ia investigar nada. A polícia governamental acusaria a UNITA, esta se defenderia, dizia ser manobra política para a desmoralizar antes das eleições, o partido no poder, o MPLA, aproveitava imediatamente para relembrar outros crimes cometidos pelos rivais, a polémica se instalava e ninguém ia investigar coisa nenhuma. Porque se o fizessem, não seria difícil chegar até ele, pelo menos apontando-o como possível suspeito. Por ciúmes. Ele montara casa para Maria Madalena, algumas pessoas sabiam que andavam juntos, não muitas porque ele era discreto, tinha aprendido não adiantava fazer ondas só por vaidade, as ondas só perturbam os negócios

e complicam a vida, trabalho escondido era mais eficiente, lema de Vladimiro Caposso. Mas havia um número suficiente de pessoas que sabiam da relação para isso chegar aos ouvidos policiais.

(PEPETELA, *Predadores*. Alfragide: D. Quixote, 2008, s. 9–11)

José Eduardo Agualusa: *Barroco Tropical*

(2009, LA)

Os alicerces ideários deste romance de Agualusa assentam na reflexão sobre a imagem e identidade de Angola, na pós-colonialidade e contemporaneidade. Segundo a proposta deste texto, cheio de mistérios, de personagens extravagantes e pitorescas, de peripécias aventureiras e um tanto inverosímeis, cujo cenário é prioritariamente luandense, o retrato identitário deve consistir no princípio de hibridez e exuberância. Daí a conotação barroca (no sentido de um excesso verificado a nível da intriga) que veicula a imagética propícia (os motivos de anjos, de labirintos, de inferno, de suplício etc.). Um dos motivos de força compreende um prédio luandense, lugar de morada do protagonista, que atualiza o imaginário arquetípico (os andares superiores, pertencentes aos mais ricos, em geral dotados de capacidade criativa, contrastam com o subterrâneo, espaço do vício, extrema pobreza e terror irracional).

Quando eu nasci, Luanda ainda usava todo o seu belo e sonoro nome cristão: São Paulo da Assunção de Luanda. Velha matrona mulata, orgulhava-se do parentesco com cidades coma Havana, Saint-Louis, em Casamance, ou São Sebastião do Rio de Janeiro. Foram os brasileiros, aliás, que vieram em seu socorro quando, em 1641, os holandeses aproveitaram a distração ibérica para ocupar a Fortaleza de São Miguel. Vi a minha cidade tornar-se africana. Vi os orgulhosos prédios da baixa - que a burguesia colonial abandonou dias antes da independência - serem ocupados pelos deserdados dos musseques. Vi-os (aos deserdados) a criarem galinhas dentro das despensas, cabritos nos quartos, e a acenderem fogueiras no meio dos salões com as bibliotecas deixadas pelos colonos. Vi mais tarde esses mesmos deserdados a abandonarem os apartamentos em ruínas, a troco de fortunas (alguns) ou de meia dúzia de tostões (outros), sendo substituídos pela novíssima burguesia urbana, ou por expatriados pagos a peso de ouro. Vi cair o belo Palácio de Dona Ana Joaquina, a golpes de camartelo, para ser substituído por uma réplica em mau betão, e achei que era uma metáfora dos novos tempos - o velho sistema colonial e escravista a ser substituído por uma réplica ridícula em nefasto calão dos musseques. Mais tarde (tarde de mais) compreendi que não havia ali metáfora alguma, apenas um casarão que caía. Mui-

tos outros tombaram a seguir, entre os quais o belíssimo mercado do Quinaxixe, desenhado por Vasco Vieira da Costa, um dos primeiros edifícios de traça modernista construído em África. No lugar dele levanta-se agora um fátuo delírio de vidro e betão.

Os lucros do petróleo fizeram florescer altos edifícios de paredes espelhadas. A seguir, o preço do petróleo caiu (caiu desamparado, estatelou-se) e todo aquele radiante mundo novo entrou igualmente em colapso. Deixou de haver dinheiro para lavar as imensas vidraças, e estas cobriram-se de uma áspera camada de poeira vermelha, de lama, e por fim de uma carapaça capaz de resistir à mais forte pancada de chuva e totalmente impenetrável à luz. As bombas que levavam a água para os andares mais altos avariaram. Os geradores também. Muitos expatriados foram-se embora. Os deserdados voltaram a ocupar os prédios. Luanda corre a toda a velocidade em direcção ao Grande Desastre. Oito milhões de pessoas aos uivos, aos choros e às gargalhadas. Uma festa. Uma tragédia. Tudo o que pode acontecer acontece aqui. O que não pode acontecer, acontece igualmente. Estamos no século XXI. Estamos lá muito atrás. Estamos mergulhados na luz. Estamos afundados no obscurantismo e na miséria. Somos incrivelmente ricos. Produzimos metade dos diamantes vendidos no mundo. Temos ouro, cobre, minerais raros, florestas por explorar e água que não acaba mais. Morremos de fome, de malária, de cólera, de diarreia, de doença do sono, de vírus vindos do futuro, uns, e outros de um passado sem nome.

Um dia alguém pintou uma frase na parede do Aeroporto Internacional de Luanda: «Bem-vindo à Lua. Entre e deixe a razão lá fora.»

(Lua é o diminutivo carinhoso com que nós, os luandenses, nos referimos à nossa cidade. Acho um termo muito acertado. Luanda partilha com a Lua a mesma árida e agreste desolação, a mesma poeira sufocante. Todavia, como a Lua, vista de noite, e de longe, parece bela. Iluminada, seduz. Além disso a sua luz tem o estranho poder de transformar homens simples em lobos ferozes.)

(AGUALUSA, José Eduardo, *Barroco Tropical*.
Alfragide: Dom Quixote, 2009, p. 92–94)

Tinha passado dois meses à procura da Menina-Cão. Soube da sua existência através de uma breve nota no *Correio de Luanda*:

Uma Menina-Cão vem assustando os moradores do Kilamba Kiaxi. Populares afirmam ter visto uma menina a conduzir uma alcateia de cães selvagens pelas ruas do município. Segundo diversos testemunhos a menina, que se comunica com os cães através de uivos e latidos, e assalta quintais para furtar galinhas e outros animais domésticos, não aparenta ter mais de nove anos. A Menina-Cão também já

foi avistada no Sambizanga e no Cazenga. Há quem acredite que o seu habitat natural é a Lixeira do Golfe. Recorde-se que a Lixeira do Golfe, entretanto desactivada, recebia no início do século cerca de 2500 toneladas de lixo por dia.

Fiquei curioso. A ser verdade teria ali bom material para um documentário. Liguei para o *Correio de Luanda* e consegui falar com o jornalista que escrevera a nota. Confessou não saber mais nada. Um amigo telefonara a contar o caso. A ele nem sequer ocorrera confirmar a informação. Perguntei a Rato Mickey se ouvira falar numa Menina-Cão. Mickey sabe tudo o que se passa em Luanda, quer no mundo da política e do espectáculo, quer no universo bem mais vasto, complexo e misterioso dos grandes musseques que cercam a cidade. O meu amigo confirmou: sim, escutara vários relatos sobre uma Menina-Cão. Uma feiticeira, dizia-se, capaz de se transformar em cachorro, e cuja mordedura provocava a morte lenta da vítima por envenenamento.

Na manhã seguinte fui visitar a Lixeira do Golfe.

Entre nós vai-se tornando difícil distinguir entre cidade e lixeira. Conheço bairros, vastos como metrópoles, erguidos sobre o lixo, e a partir do lixo, numa bizarra e cruel harmonia. Vi velhos contentores ferrugentos transformados em salões de beleza e valas para escoamento de águas abertas no próprio lixo. As paredes das barracas erguem-se à pressa, com tijolos de cimento, e são depois cobertas com folhas de zinco. Sobre estas colocam-se pesadas pedras para que o vento as não levante. Recentemente, durante uma tempestade, um desses telhados soltou-se, ergueu-se nos ares, ganhou velocidade, e ao descer decapitou um ciclista. A cabeça dele apareceu na primeira página d'*O Impoluto*. Lembrei-me, ao vê-la, da cabeça de João Baptista, da cabeça de Maria Antonieta, da cabeça de Zumbi, da cabeça de Lampião, da cabeça de Ernesto Che Guevara, e de tantas outras famosas cabeças sem corpo. Aquela era uma cabeça anónima. Se fosse um jornalista independente, ou um político da oposição, poderia ser tentado a ver nela «a cabeça do povo angolano». Não sou. Olhei para a cabeça e vi uma cabeça.

Pessoas a viver no lixo é algo comum. A mim o que me interessava era confirmar a alegoria – uma menina que desenvolvera a capacidade de se comunicar com cães devido à incapacidade de se fazer ouvir pela restante humanidade.

Montei um observatório na Lixeira do Golfe. Passei noites em claro, escondido com a câmara atrás de uma rede, no alto de uma velha grua. Numa madrugada de nuvens baixas ouvi o latir de cães. Vi-os saltar do nevoeiro como fantasmas aflitos. Conteí onze. Velhos rafeiros com as orelhas cortadas. Pastores-alemães. Um galgo ainda altivo. A menina vinha à frente. Corria sobre os pés e as mãos, com as costas em arco, o rosto ligeiramente erguido, farejando o ar. A espessa cabeleira descia-lhe pelos ombros, em rudes tranças sujas. Tinha as costas cobertas por uma pelagem grosseira, à qual se agarravam pedaços de lama seca e de alcatrão. O rosto, todavia, era quase belo. Um súbito golpe de vento alertou a matilha para a minha presença. A menina voltou-se contra mim num ladrar furioso. Os cães rodearam a grua. Se eu estivesse ao alcance deles ter-me-iam

despedaçado às dentadas. O ataque durou dois, três minutos no máximo. Então a menina voltou a ladrar, dois fortes latidos ríspidos, e a matilha mergulhou de novo na neblina. Já passava do meio-dia quando consegui coragem para descer da grua e correr até ao carro.

(AGUALUSA, José Eduardo, *Barroco Tropical*.
Alfragide: Dom Quixote, 2009, p. 138–140)

José Eduardo Agualusa: Teoria Geral do Esquecimento

(2012, LA)

Neste romance, José Eduardo Agualusa prossegue com a sua questionação da imagem do país, através de uma(s) história(s) extraordinária(s). A linha de ação principal desenvolve-se num prédio luandense (chamado Prédio dos Invejados) que funciona como um símbolo do colonialismo: pertencente aos mais ricos prédios da Luanda colonial, perde o seu aspeto luxuoso após a independência, ajustando-se às necessidades dos novos habitantes, na maioria vindos do interior do país, sem mentalidade urbana. Após a independência, uma portuguesa já idosa, excessivamente medrosa e solitária, acaba por viver nesse prédio completamente isolada, cortada do resto do mundo por um muro improvisado.

Depois do fim, o tempo desacelerou. Pelo menos foi essa a perceção de Ludo. A 23 de fevereiro de 1976 escreveu no primeiro dos diários:

Hoje não aconteceu nada. Dormi. Dormindo sonhei que dormia.

Árvores, bichos, uma profusão de insetos partilhavam os seus sonhos comigo. Ali estávamos todos, sonhando em coro, como uma multidão, num quarto minúsculo, trocando ideias e cheiros e carícias. Lembro-me que fui uma aranha avançando contra a presa e a mosca presa na teia dessa aranha. Senti-me flores desabrochando ao sol, brisas carregando pólenes. Acordei e estava sozinha. Se, dormindo, sonhamos dormir, podemos, despertos, acordar dentro de uma realidade mais lúcida?

Uma manhã, levantou-se, abriu uma torneira e a água não jorrou. Assustou-se. Ocorreu-lhe pela primeira vez que poderia permanecer longos anos encerrada no apartamento. Fez um inventário do que havia na despensa. Não precisaria preocupar-se com

o sal. Encontrou também farinha para vários meses, bem como sacos e sacos de feijão, pacotes de açúcar, grades de vinho e de refrigerantes, dezenas de latas de sardinha, de atum e de salsichas.

Nessa noite choveu. Ludo abriu um guarda-chuva e subiu ao terraço, arrastando baldes, bacias e garrafas vazias. Manhã cedo cortou as buganvílias e as flores ornamentais. Colocou uma mão-cheia de caroços de limão no canteiro onde enterrara o minúsculo assaltante. Em quatro outros semeou milho e feijão. Em outros cinco plantou as últimas batatas que lhe restavam. Uma das bananeiras carregava um enorme cacho. Tirou algumas bananas e levou-as para a cozinha. Mostrou-as a Fantasma:

Vês? Orlando plantou as bananeiras para que produzissem lembranças. A nós vão matar-nos a fome. Ou melhor, a mim vão matar-me a fome, suponho que tu não aprecias bananas.

No dia seguinte, a água retornou às torneiras. Dali para a frente iria falhar com frequência, assim como a eletricidade, até desaparecer de vez. Nas primeiras semanas, incomodavam-na mais os apagões do que os cortes de água. Fazia-lhe falta a rádio. Gostava de ouvir o noticiário internacional na *BBC* e na *Rádio Difusão Portuguesa*. Escutava também as estações angolanas, mesmo se a irritavam os constantes discursos contra o colonialismo, o neo-colonialismo e as forças da reação. O rádio era um aparelho magnífico, com caixa de madeira, estilo *art deco*, e teclas em marfim. Carregava-se numa das teclas e ele iluminava-se como uma cidade. Ludo girava os botões à procura de vozes. Chegavam-lhe frases soltas em francês, inglês ou nalguma obscura língua africana:

... *Israeli commandos rescue airliner hostages at Entebe ...*

... *Mao Tse Tung est mort...*

... *Combattants de l'indépendance aujourd'hui victorieuse...*

... *Nzambe azali bolingo mpe atonda na boboto...*

Além disso havia o gira-discos. Orlando colecionava *LPs* da canção francesa. Jacques Brel, Charles Aznavour, Serge Reggiani, Georges Brassens, Léo Ferré. A portuguesa ouvia Brel enquanto o mar engolia a luz. A cidade adormecendo e ela deslembrando nomes. Uma nesga de sol ardendo ainda. E a noite, pouco a pouco, e o tempo se alongando sem rumo. O corpo fatigado e a noite de azul em azul. O cansaço calcando-lhe os rins. Ela supondo-se rainha, acreditando que alguém, em algum lado, a esperaria como se espera uma rainha. Mas não havia ninguém, em qualquer lugar do mundo, aguardando por ela. A cidade adormecendo e os pássaros como vagas, e as vagas como aves, e as mulheres como mulheres, e ela nada segura de serem as mulheres o futuro do Homem¹¹.

Uma tarde, despertou-a um redondo alvoroço de vozes. Levantou-se em pânico, imaginando que iam invadir-lhe a casa. A sala de visitas dava para o apartamento de Rita Costa Reis. Colou o ouvido à parede. Duas mulheres, um homem, várias crianças. A voz do homem

11 *La ville s'endormait / Et j'en oublie le nom / Sur le fleuve en amont / Un coin de ciel brûlait / La ville s'endormait / Et j'en oublie le nom*, etc. Jacques Brel em *La ville s'endormait*

era ampla, sedosa, muito agradável. Falavam entre eles numa daquelas línguas melódicas e enigmáticas que por vezes o rádio lhe trazia. Uma ou outra palavra soltava-se do conjunto e ficava aos saltos, como uma bola colorida, indo e vindo no interior do seu cérebro:

Bolingô. Bisô. Matondi.

O Prédio dos Invejados foi-se animando com a chegada de novos moradores. Gente vinda dos musseques, camponeses recém-chegados à cidade, angolanos regressados do vizinho Zaire e legítimos zairenses. Nenhum habituado a viver em prédios de apartamentos. Uma madrugada, bem cedo, Ludo espreitou pela janela do quarto e deu com uma mulher a urinar na varanda do décimo A. Na varanda do décimo D, cinco galinhas assistiam ao nascer do sol. As traseiras do edifício davam para um extenso átrio, que, poucos meses antes, ainda servira de parque de estacionamento. Construções altas, ao lado e adiante, fechavam o espaço. Uma flora desvairada arremessava-se sobre toda a extensão. Água emergia de algum abismo, no centro, e corria solta, até morrer entre montes de lixo e barro, junta às paredes dos prédios. Naquele local espreguiçara-se em tempos uma lagoa. Orlando gostava de recordar os anos trinta, ele, um menino, quando vinha brincar com os amigos entre o capim alto. Encontravam ossadas de crocodilos e hipopótamos. Caveiras de leões.

Ludo testemunhou o ressuscitar da lagoa. Assistiu, inclusive, ao regresso dos hipopótamos (sejam objetivos: de um hipopótamo). Isso sucedeu muitos anos depois. Lá chegaremos. Nos meses que se seguiram à Independência, a mulher e o cão repartiram atum e sardinhas, salsichas e chouriços. Esgotadas as latas, passaram a comer sopas de feijão e arroz. Por essa altura, já se sucediam dias inteiros sem energia elétrica. Ludo começou a fazer pequenas fogueiras na cozinha. Primeiro, queimou os caixotes, papéis sem préstimo, os galhos secos da buganvília. A seguir os móveis inúteis. Ao retirar as traves da cama do casal descobriu, debaixo do colchão, uma bolsinha de couro. Abriu-a, e, sem surpresa, viu dezenas de pequenas pedras rolares no soalho. Após queimar camas e cadeiras começou a arrancar os ladrilhos. A madeira densa, pesada, ardia devagar, gerando um belo fogo. Ao princípio usou fósforos. Esgotados os fósforos passou a servir-se de uma das lupas com que Orlando costumava estudar a sua coleção de selos ultramarinos. Esperava que o sol, por volta das dez da manhã, inundasse de luz o chão da cozinha. Evidentemente, só conseguia cozinhar em dias de sol.

Veio a fome. Durante semanas, longas como meses, Ludo mal comeu. Alimentou Fantasma a papas de farinha de trigo. As noites fundiam-se com os dias. Acordava e via o cão a vigiá-la numa feroz ansiedade. Adormecia e sentia-lhe o bafo ardente. Foi à cozinha procurar uma faca, a de lâmina mais longa, a mais afiada, e passou a trazê-la presa à cintura, como uma espada. Também ela se debruçava sobre o sono do animal. Várias vezes lhe encostou a faca ao pescoço.

(AGUALUSA, José Eduardo. *Teoria Geral do Esquecimento*.
Alfragide: Dom Quixote, 2012, p. 41–45)

Ondjaki: Os Transparentes

(2012, LA)

Ondjaki (1977), o nome literário de Ndalu de Almeida, pertence à nova geração angolana, sensível ao legado dos anos 60 e 70 (em especial Luandino Vieira), que está empenhada em inovar a expressão literária, mas sem abdicar a uma mensagem humanista. Este romance com uma forte carga simbólica oferece mais um retrato desiludido da sociedade luandense contemporânea, focalizando desta vez a vida das camadas mais pobres num prédio do Largo de Maianga. Embora se trate de um prédio meio arruinado, as suas fraquezas são habilmente aproveitadas pelos seus habitantes, num espírito de solidariedade. Entre todas as personagens, bem descritas no seu profundo humanismo, sobressai a figura de um pai da família, Odonato, o desempregado que, a fim de aliviar as despesas da família, decide não comer, tornando-se a pouco e pouco transparente. Numa linguagem simbólica, esta transparência diz respeito ao seu estatuto de pobre, tal como são transparentes todos os pobres – invisíveis para os poderosos e governantes deste mundo. O momento culminante, de alcance apocalíptico, relaciona-se com o egoísmo e cobiça do governo no esforço de, a todo o custo e sem precauções, extrair o petróleo jazente no subsolo urbano.

o Prédio tinha sete andares e respirava como uma entidade viva

havia que saber os seus segredos, as características úteis ou desagradáveis das suas aragens, o funcionamento dos seus canos antigos, os degraus e as portas que não davam para lugar algum. vários bandidos haviam experimentado na pele as consequências desse maldito labirinto com passagens comunicantes de comportamentos autónomos, e mesmo os seus moradores procuravam respeitar cada canto, cada parede e cada vão de escadas

No 1.º andar, os canos rebentados e uma tremenda escuridão desencorajavam os distraídos e os intrusos

a água abundava, incessante, e servia a finalidades múltiplas, dali saía a água para o prédio todo, o negócio de venda por balde, lavagem de roupa e viaturas,

AvóKunjikise era das poucas a atravessar o alagado território sem molhar os pés nem nunca ter experimentado a tendência de escorregar

– isto é um rio – dizia, sempre em umbundu – só faltam peixes e jacarés

a velha chegou a Luanda dias depois da morte da verdadeira mãe de Xilibaba e, não aguentando com a fome, irrompeu pela cerimónia fúnebre confessando entre lágrimas a urgência da sua necessidade, pediu desculpa pela sua atitude e, marcando o uso definitivo de um umbundu cerrado, olhou Xilibaba no fundo dos olhos e falou

– posso rezar pela morte de quem morreu. a minha voz chega até ao outro lado...

Xilibaba, que já sabia ler a vida pelo seu lado mais verdadeiro, acolheu a velha com um copo de vinho tinto, cedeu o seu lugar, pediu que trouxessem um prato de comida com o melhor calulú do comba e teve o cuidado de prevenir que não servissem funji de mistura porque a senhora era como ela, precisava de fuba de milho para aguentar as loucuras e os ritmos de Luanda

– a tua mãe está a rir – a velha falou

– a minha mãe agora és tu – respondeu Xilibaba durante o funeral, e depois das dívidas contraídas para que a senhora tivesse os merecidos comes e bebes em sua honra, Odonato emagreceu para além dos limites regulares da penúria

Xilibaba notou que o marido se tornava mais silencioso, falava com os filhos, comentava assuntos banais com os vizinhos, procurava trabalho e ajustava as pilhas do rádio que não davam energia apesar dos banhos de sol

mas todos os seus gestos, o caminhar pela manhã, coçar a cabeça enquanto lia o jornal encontrado na rua, vestir-se ou espreguiçar-se, todos esses gestos já não produziam ruído algum

a mulher entendeu que, de certo modo, era o marido quem verdadeiramente estava de luto,

no seu olhar estava distante, Xilibaba viu-o ainda jovem e sonhador, atrevido com as mãos e a boca, no tempo em que a surpreendia no primeiro andar alagado, ela a subir com a fruta, ele a esmagar a fruta no corpo da mulher que ria devido à surpresa sabida de fim de tarde

Odonato movia apenas os dedos, os dedos da mão direita acariciavam o anel na mão esquerda, Xilibaba viu Odonato retirar o anel do dedo e guardá-lo no bolso, o diâmetro do dedo já não segurava o matrimonioso anel

suspirou fundo

moléculas de oxigénio inundaram o seu coração, depois as veias e a cabeça, energias renovadas viajaram até às extremidades do seu corpo mas o fenómeno já se havia desencadeado

o oculto é como um poema – chega a qualquer momento.

(ONDJAKI, *Os Transparentes*. Alfragide: Caminho, 2013, p. 16–18)

João Melo: “O elevador”

(*Filhos da Pátria*, 2001, LA)

Os contos de João Melo (1955), em geral de peripécias rápidas, caracterizam-se pelo discurso ideológico e social, abordando as relações entre homens e mulheres e oferecendo

uma sondagem nos vários estratos sociais da Angola urbana. A imagem impiedosa e satírica dos costumes e comportamento humano, porém, realça a miséria dos não favorecidos, à margem da sociedade, ou então dos que por princípio recusam a corrupção. Neste conto, mais uma vez entramos num prédio luandense, desta vez num dos mais chique, símbolo da nação independente, em que uma subida de elevador serve à rememoração e, literariamente, funciona como metáfora da ascensão social, conseguida só pelo exercício do poder e vigarice.

Pelos vistos, ambos tinham combatido contra o *status quo* colonial, mas o novo *status quo* que queriam edificar no país não coincidia. Inclusivamente, naquele tempo, ou seja, no tempo em que os dois combatiam de armas na mão contra o colonialismo português (e não, claro está, no tempo em que decorre a presente narrativa e Pedro Sanga pode ser observado dentro de um elevador, num dos raros novos prédios edificadas em Luanda após a independência do país, com uma cara visivelmente carregada), o Soares era muito mais radical do que ele. Misturando, de forma desconexa, mas convicta, uma retórica marxista absolutamente vulgar, mal colada a cuspe, com violentos sentimentos raciais e tribais, fruto de contraditórios complexos que lhe ardiavam na memória, mas que o narrador não vai esmiuçar, dizia que os catetes é que teriam de mandar na Angola do futuro, pois eram os únicos que já tinham estudado, como o demonstrava, aliás, o exemplo de Agostinho Neto, poeta, médico e revolucionário, que iria conduzi-los até à vitória final.

Nessa “Angola do futuro” que o Soares projectava, seria criado “*um homem novo*“, que teria a missão de edificar o socialismo científico, o regime mais avançado da história da humanidade, onde todos os homens são iguais, nem burgueses, nem proletários, nem brancos, nem mulatos “*e muito menos bailundos*”. Pedro Sanga jamais chegou a esclarecer se o Soares – que sabia perfeitamente que ele era natural do Bié – lhe dizia isso propositadamente, para espezinhá-lo, ou se se tratava de uma daquelas contradições do ser humano – mais habituais do que alguns imaginam –, que (o artigo que usarei a seguir refere-se, como é óbvio, ao ser humano em geral e não apenas ao Soares) o costumam atrair precisamente para aquilo que, no mais secreto e por vezes mais vil recanto da sua alma, odeiam profundamente. Ódio? Talvez não... Como estou a tentar dizer, o homem é um bicho altamente paradoxal. Será ódio, portanto, a palavra mais apropriada? Por outro lado: será de facto inevitável que todo aquele que ontem era odiado passe hoje a odiar quem o odiava anteriormente? Bem, tudo isto é um pouco confuso. A verdade é que ele e o Funje com Pão eram amigos. De tal maneira que, depois da independência, quando, inevitavelmente (afinal, ele pertencia ao clã dos catetes), o nomearam ministro, Soares Manuel João chamou-o para seu director de gabinete, em detrimento de uma prima luandense, o que, a princípio, lhe pareceu um acto de coragem e, simultaneamente, de consideração para com a amizade que há tanto tempo os ligava.

De repente, e talvez porque o ridículo espreita sempre por detrás de qualquer experiência humana, mesmo da mais grandiloquente, Pedro Sanga é assaltado por uma lembrança que o faz recuar até muitos anos atrás, quando o Soares recebeu uma delegação inglesa no seu gabinete, exactamente às treze horas, e deu uma de britânico, propondo que tivessem, enquanto negociavam, “*um almoço executivo*”, ali mesmo no gabinete dele, para não perderem tempo; os carcamanos ainda não tinham tido tempo de responder, estupefactos com a inovação, para eles, por certo, absolutamente improvável em plenos trópicos, quando o Soares abriu resolutamente uma das gavetas da secretária e tirou de lá um pratalhão de funje, uma mistura de vários peixes e ervas nadando num abundante e espesso molho amarelo, com uma pasta meio gelatinosa e escura e dois pedaços de pão que pareciam ali um tanto deslocados (esta a visão rápida dos súditos de Sua Majestade). Ainda hoje, Pedro Sanga não pode deixar de rir quando evoca este episódio. Tem mesmo vontade, agora, de contá-lo àquela mulher que vai com ele no elevador, mas contém-se, na hipótese (*A gaja continua aqui; será que vai também até ao último?*) de ela ser “*mais uma quitata do Soares*”.

(MELO, João, “Elevador”, *Filhos da Pátria*. Lisboa: Caminho, 2008, p.14–17)

6. Rumos da poesia contemporânea

Neste bloco serão apresentados alguns nomes e títulos de relevo da poesia angolana, moçambicana e cabo-verdiana contemporânea, em todos os casos invulgarmente produtiva e inovadora. Para além de um ímpeto renovador, um traço comum de todas as poesias nacionais assenta também na sensibilidade prestada ao legado poético, às gerações poéticas anteriores com as quais os mais novos tecem um diálogo nunca acabado.

POESIA ANGOLANA

Em princípio, podemos falar de poesia angolana contemporânea a partir dos anos 70, quando apareceu uma geração que contribuiu singularmente para a renovação da poesia. Aos nomes mais importantes desta geração pertencem Arlindo Barbeitos, David Mestre e Ruy Duarte de Carvalho que, apesar de personalizarem o contexto cultural angolano dos anos 70, são hoje em dia reivindicados como autores modelares. **Arlindo Barbeitos** (1940), autor de *Angola Angolê Angolema* (1976) e *Nzaji* (1979), é aqui apresentado através dos poemas da coletânea mais recente *Fiapos de Sonho* (1992), cujo tema fundamental compreende o tempo, o seu fluir, a impossibilidade de parar, sendo ao mesmo tempo desenvolvida a imagética de um país destruído, dilacerado pela guerra civil, em que os tons escuros predominam. Apesar disso, tal como insinua o título, instaura-se aqui a dimensão onírica, quiçá uma miragem ou ilusão. **David Mestre** (1948–1998) é mestre em equilíbrio do ético com o estético que cultivava um verso lapidar, denso e conciso, tal como se vê nos poemas da sua coletânea *Nas Barbas do Bando* (1985), aqui apresentados. Salienta-se neles um fundo oral, com ritmo marcado e aliterações. Nos poemas de **Ruy Duarte de Carvalho** (1941–2010), igualmente densos e espessos, respira, por sua vez, a magia de um mundo ancestral, rural e nómada. O poema aqui apresentado é extraído da coletânea *Chão de Oferta* (1972), na qual se recupera a oralidade, línguas e culturas do povo do Sul de Angola.

A geração que surgiu nos anos 80 é aqui representada pelos nomes de Paula Tavares, João Maimona, José Luís Mendonça, João Melo e Lopito Feijóo. A poesia de **Ana Paula Tavares** (1952) promove um discurso lírico que recupera (e polemiza com) a tradição (do Sul de Angola), salientando os temas do telurismo, amor, feminilidade, sexualidade e fertilidade (a mulher liga-se à imagem da terra lavrada e fecundada), tal como se verifica no poema aqui exposto, da coletânea *Ritos de Passagem* (1985). Pode ser lida também, em alguns aspetos, como uma denúncia da condição feminina. Outro poeta, **João**

o cortejo dos homens e das coisas
passa negligente
para além dos portões da memória

pontual
o relógio da dor
vai marcando o tempo
que
a ferrugem do esquecimento
[ainda não roeu

para além dos portões da memória
passa negligente
o cortejo dos homens e das coisas

(BARBEITOS, Arlindo, *Fiapos de Sonho*. Lisboa: Vega, 1992, p. 31)

a sul do sonho
a norte da esperança

a minha pátria
é um órfão
baloçando de muletas
ao tambor das bombas

a sul do sonho
a norte da esperança

(BARBEITOS, Arlindo, *Fiapos de Sonho*. Lisboa: Vega, 1992, p. 46)

Ruy Duarte de Carvalho

A gravação do rosto

Na superfície branca do deserto
na atmosfera ocre das distâncias
no verde breve da chuva de Novembro
deixei gravado meu rosto
minha mão
minha vontade e meu esperma;
prendi aos montes os gestos de entrega
cumprí as trajectórias do encontro
gravei nas águas a fúria da conquista
da devolução do amor.

Os calcários e os granitos desta terra
foram por mim pesados.
Dei-lhes afagos
leves olhares
insónias longas
impacientes esperas.

(CARVALHO, Ruy Duarte de, *Chão de Oferta, In Memória de Tanta Guerra, Antologia Poética*. Lisboa: Vega, 1992, p. 11)

David Mestre

O sapo

O sapo
sabe
saltar na lagoa

o sapo
sabe
que não voa

o sapo

chape
chape

Arte poética

Pousa o tempo
sobre os ombros
e (d)escreve
apenas
erosões
dum rasto
de Sol
na pedra lisa

(MESTRE, David. *Nas Barbas do Bando*. Lisboa: Ulmeiro, 1985, p. 26–27)

Ana Paula Tavares

Colheitas

De dez em dez anos
 cada círculo
completa sobre si mesmo
 uma viagem
nasce-se, brota-se do chão
e dez anos depois o primeiro
forma-se espera e cai
 por gravidade
ao vigésimo oitavo dia

entre dez e dez anos
 prepara-se
para a semente
 a terra
aos vinte surge
 o arado
 a chuva
 o sorriso

ALGUNS DEZ ANOS DEPOIS

ESPERA-SE O FIM

de vinte e oito

em

vinte e oito dias

Luanda, 1984

(TAVARES, Ana Paula. “Colheitas”, *Ritos e Passagens*, 1985, In SOARES, Francisco (org.), *Antologia da Nova Poesia Angolana* (1985–2000). Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2001, p. 23)

José Luís Mendonça

No céu asfaltado do Bié

No céu asfaltado do Bié
um invólucro de obus dobra a esquina
do nosso pensamento esburacado

e os quilombelombes dormiam quando os profetas do fogo
lhes comeram os ossos mas não comeram
as almas de massambala.

No céu asfaltado do Bié
vai a enterrar uma sombra latente era do cão
era do cão aquela guerra era do cão.

25 de Novembro de 1994

Casas velhas da cidade de Luanda

Casas velhas da cidade de Luanda
sentadas nos alpendres de mim mesmo
bocas de branco e mãos de preto
com os joelhos batendo no queixo
cabelos de jibóia pelo ventre

à hora da sexta e dos vencidos linótipos.

Casas velhas da cidade de Luanda
Sentadas na página roída de um país.

(MENDONÇA, José Luís. “No céu asfaltado do Bié”, *Quero Acordar a Alva*, 1996,
In SOARES, Francisco (org.), *Antologia da Nova Poesia Angolana (1985–2000)*.
Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2001, p. 96–97)

João Maimona

Murmúrios

Junto dos murmúrios do dia estendem-se crânios recortados.
Nas ruínas que a noite encobre, vejo rostos abertos ao trespasse.
Quando vivo as horas dos murmúrios e das ruínas,
sou o corpo que desdobra os braços, o espírito,
a coluna vertebral e as pálidas veias.
Hei-de arrancar a estrada solitária
quando deixar os murmúrios e as ruínas do rio.

(MAIMONA, João. “Murmúrios”, *Trajectória Obliterada*, 1985, In SOARES,
Francisco (org.), *Antologia da Nova Poesia Angolana (1985–2000)*.
Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2001, p. 128)

João Melo

Homo Angolensis

Mastiga a própria desgraça
com ela improvisa uma farra
precisa de uma boa maka
como do ar para respirar
acha o mundo demasiado pequeno
pró seu coração
ri à toa fornicava por disciplina

revolucionária
jura que um dia será potência
gosta de funje todos os sábados
e foge do trabalho na segunda
mas fica limão
quando lhe querem abusar

(MELO, João. “Homo Angolensis”, *O Caçador de Nuvens*, 1993,
In SOARES, Francisco (org.), *Antologia da Nova Poesia Angolana (1985–2000)*.
Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2001, p. 61)

Lopito Feijóo

Breve temporada na rua onze
– em pleno sonho –

Leve tumor leva meu coração
o tempo repele magnificente a
superstição. O momento é claro e cheio de graça
graças ao acaso achado na rua onze

não vejo mais prostitutas enlameadas
junto à porta de ninguém. Só os dons forçados
da fraternidade infernal nos coagula o querer
ascético, melancólico, embalado e esmaltado enfim!

É uma rua terrível, oculta e de pistas voluptuosas
sedutora é uma belíssima revolução.
– Ah ... pudesse eu nela, contigo habitar
curtir despercebido minha humilde boémia.
Não sei já se é lacónica ternura ou reflexo de bárbara civilização
sei só que não, não é intercesSão Barata!

(FEIJÓO, Lopito. “Breve temporada na rua onze”, *Cartas de Amor*, 1990,
In SOARES, Francisco (org.), *Antologia da Nova Poesia Angolana (1985–2000)*.
Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2001, p. 213)

POESIA MOÇAMBICANA

No caso da poesia moçambicana, também é possível falar de uma geração que particularmente influenciou a criação poética contemporânea. Para além de José Craveirinha, o emblema da literatura moçambicana, cuja importância foi reconhecida ainda antes da independência, convém mencionar os nomes de **Rui Knopfli** (1932–1997) e **Sebastião Alba** (1940 – 2001), autores que pelos seus dados biográficos, como pela sua expressão poética criam uma ponte entre várias culturas. O poema de Sebastião Alba aqui exposto, de temática suburbana, é da coletânea *O Ritmo do Presságio* (1974). Quanto ao poema de Rui Knopfli aqui presente, este, como alguns outros poemas de sua autoria (sobretudo da coletânea *Ilha do Próspero*, 1972), contribuiu para a criação do mito da Ilha de Moçambique.

O mito da Ilha de Moçambique, espaço de cruzamento de culturas africana, oriental e europeia, é hoje em dia recuperado pelas novas gerações, ressurgindo com maior força na poesia de dois autores mais conhecidos da nova geração, **Luís Carlos Patraquim** (1953) e **Eduardo White** (1963). Patraquim, conhecido sobretudo pelas suas coletâneas *Monção* (1980) e *Vinte e Tal Novas Formulações e uma Elegia Carnívora* (1991), cultiva a poesia intimista, reflexiva e onírica, claramente afastada do discurso ideológico. Acentua-se a dimensão simbólica e imagética, bem como a intertextualidade com autores moçambicanos (Craveirinha, Sebastião Alba, Rui Knopfli) e estrangeiros. Um exemplo deste diálogo intertextual pode ser detetado no poema “Muhípiti”, aqui apresentado, que através do reenvio à *Ilha de Próspero* de Knopfli, evoca um lugar procurado, iniciático e utópico. Na poesia de Eduardo White, a recuperação deste mito cultural pode ser observada nas coletâneas *Amar Sobre o Índico* (1984), com poemas aqui apresentados, e *Janela para o Oriente* (1999). O último poeta de relevo, aqui mencionado, **Armando Artur** (1922), estreou-se também nos anos 80, com a coletânea *O Espelho dos Dias* (1986), em que se revela a urgência do labor poético, assente na invenção imaginativa. Trata-se essencialmente da poesia intimista, interior, a que o pendor metapoético imprime um marco reflexivo. A seguinte coletânea *O Hábito das Manhãs* (1990), aqui apresentada através de um poema, concentra-se em especial na temática amorosa, substancial aos elementos naturais (ao mar e à terra), que se desenvolve com força também noutros títulos poéticos do autor (*Estrangeiros de nós Próprios*, 1996, *Os Dias em Riste*, 2002).

Sebastião Alba

Subúrbio

Ao Rui Nogar e ao Zé Neto

Onde há casas menores com portas abertas
por sobre os espaços que a luz orna
entre as palmeiras
e vultos que amanhecem envoltos
em lençóis de que a noite suja escorreu
a manhã pausa
nos pulsos das mulheres que se elevam com ela
e meninos negros alteiam-se
no flanco das mães
de olhos que a esperança já estria
Os comerciantes assoam-se
de varanda para varanda
retribuem devagar a amizade
Que os meninos trazem para fora
das tarefas diárias
as luas carcomidas no sítio das fogueiras
enfadas murmuramente em seus colares.

(ALBA, Sebastião. *O Ritmo do Presságio*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 68)

Rui Knopfli

Ilha dourada

A fortaleza mergulha no mar
os cansados flancos
e sonha com impossíveis
naves moiras.
Tudo mais são ruas prisioneiras
e casas velhas a mirar o tédio.
As gentes calam na

voz
uma vontade antiga de lágrimas
e um riquexó de sono
desce a *Travessa da Amizade*.
Em pleno dia claro
vejo-te adormecer na distância,
Ilha de Moçambique,
e faço-te estes versos
de sal e esquecimento.

(KNOPFLI, Rui, „Ilha dourada“, *O País dos Outros*, In *Obra Poética*.
Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, p. 76)

Luís Carlos Patraquim

afasto as cortinas da tarde
porque te desejo inteira
no poema

e passas de capulana
teu corpo como as dunas
plantadas de pinheiros
rumorejando perto

a fúria das ondas
caindo brandas
no meu gesto

(PATRAQUIM, Luís Carlos. *Monção*, Lisboa: Edições 70, 1980, p. 38)

Muhípití

Para Ti, com a ilha, a Rui Knopfli

É onde deponho todas as armas. Uma palmeira
harmonizando-nos o sonho. A sombra.

Onde eu mesmo estou. Devagar e nu. Sobre
 as ondas eternas. Onde nunca fui e os anjos
 brincam aos barcos com livros como mãos.
 Onde comemos o acidulado último gomo
 das retóricas inúteis. É onde somos inúteis.
 Puros objectos naturais. Uma palmeira
 de missangas com o sol. Cantando.
 Onde na noite a Ilha recolhe todos os istmos
 e marulham as vozes. A estatuária nas verilhas.
 Golfando. Maconde não petrificada.
 É onde estou neste poema e nunca fui.
 O teu nome que grito a rir do nome.
 Do meu nome anulado. As vozes que te anunciam.
 E me perco. E estou nu. Devagar. Dentro do corpo.
 Uma palmeira abrindo-se para o silêncio.
 É onde sei a maxila que sangra. Onde os leopardos
 naufragam. O tempo. O cigarro a metralhar
 nos pulmões. A terra empapada. Golfando. Vermelha.
 É onde me confundo de ti. Um menino vergado
 ao peso de ser homem. Uma palmeira em azul
 humedecido sobre a fronte. A memória do infinito.
 O repouso que a si mesmo interroga. Ouve.
 A ronda e nenhum avião partiu. É onde estamos.
 Onde os pássaros são pássaros e tu dormes.
 E eu vagueio em soluços de sílabas. Onde
 Fujo deste poema. Uma palmeira de fogo.
 Na Ilha. Incendiando-nos o nome.

(PATRAQUIM, Luís Carlos, *Vinte e Tal Novas Formulações e Uma
 Elegia Carnívora*, In SAÚTE, Nelson, *Antologia de Poesia Moçambicana*.
 Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 466–467)

Armando Artur

O teu corpo de terra e maresia
 onde o meu barco se desencalha
 e abre velas e caminhos livres

o teu corpo de terra e maresia
onde a minha proa anuncia
segredos na esteira branca

o teu corpo de terra e maresia
onde a minha bandeira de sonhos
no mais fundo se revela

o teu corpo de terra e maresia
onde o meu barco de novo se prepara
para novas e longas viagens

em busca dum dia justo, limpo e pleno,

(assim seja!).

(ARTUR, Armando, *O Hábito das Manhãs*, In SAÚTE, Nelson,
Antologia de Poesia Moçambicana. Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 549)

(urgência de viver, urgência de ser)

É urgente inventar
novos atalhos
acender novos archotes
e descobrir novos horizontes.

é urgente quebrar
o silêncio
abrir fendas ao tempo
e, passo a passo
habitar outras noites
coalhadas de pirilampos.
é urgente içar
novos versos
escalar novas metáforas
e trazer esperanças
recalcadas pela angústia.

é urgente partir
sem medo
e sem demora
para onde nascem sonhos
buscar novas artes
de esculpir a vida.

(ARTUR, Armando, *Espelho dos Dias*, In SAÚTE, Nelson,
Antologia de Poesia Moçambicana. Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 552–553)

Eduardo White

Mastro.
Mastro.
Eis que dentro deste instante
o mundo se principia a iniciar.
Musgo verde
sal das praias
resto que nutro
no hálito quente dos animais.

(WHITE, Eduardo, *Amar Sobre o Índico*, In SAÚTE, Nelson,
Antologia de Poesia Moçambicana. Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 557)

És a vela içada
a quilha que contorna
a carne das águas.
És a tempestade
a chuva premeditada
e eu o náufrago
que não se permite afogado.

(WHITE, Eduardo, *Amar Sobre o Índico*, In SAÚTE, Nelson,
Antologia de Poesia Moçambicana. Lisboa: Dom Quixote, 2004, p. 557–558)

POESIA CABO-VERDIANA

Após a independência, tal como a poesia angolana e moçambicana, a poesia cabo-verdiana afasta-se sensivelmente da dimensão engajada que veicula o conteúdo político-ideológico. Isso não significa, porém, que apesar de um intimismo e um trabalho poético (i. é. literário) consciente, esta poesia não se debruce sobre a condição do homem, e mais concretamente sobre o homem caboverdiano. Recuperam-se, assim, alguns assuntos temáticos tradicionais, tais como a seca, a chuva, a miséria, a emigração, ao lado das novas temáticas, cicunscritas ao contexto pós-colonial, tais como as dicotomias esperança/desilusão, vitalidade/desespero, amor/morte. Estas coordenadas temáticas apresentam-se também nos exemplos aqui apresentados: nos poemas de **Dina Salústio** (1941), **José Luís Hopffer C. Almada** (1960), **Valdemar Valentino Velhinho Rodrigues** (1961) e **Vera Duarte** (1952).

Dina Salústio

Estavas do avesso. Despudoradamente.
Nas mãos tinhas uma pedra
e apontavas para mim.

O cheiro embaciava os vidros
maculava o tempo
amachucava o corpo

Tapei o rosto
engoli a dor
interroguei a vida

Tardes de silêncio
anos de mãos dadas
juras de mulheres
cumplicidade de fêmeas
eram música para esquecer

defesas amordaçadas
não escondi o choro
quando
a porta bateu.

Geme-se grita-se e expulsa-se
 é um nascimento barato
Entra-se come-se e paga-se
 é uma casa barata
Bebe-se encharca-se e cai-se
 é um bar barato
Encosta-se mijá-se e cospe-se
 é uma rua barata
Enrola-se fuma-se e tosse-se
 é um tabaco barato
Toca-se torce-se e esgota-se
 é um amor barato
Trabalha-se cumpre-se e assina-se
 é um ofício barato
Levanta-se mexe-se e dorme-se
 é um viver barato
deita-se olha-se e morre-se
 é uma morte barata
escreve-se lê-se e rasga-se
 é um poema barato.

Praia, 1986

(SALÚSTIO, Dina, In ALMADA, José Luís Hopffer Cordeiro Almada (org.),
Mirabilis de veias aos sol, Antologia dos Novíssimos Poetas Cabo-Verdianos.
Lisboa: Caminho, 1991, p. 155–156)

José Luís Hopffer C. Almada

Miragem

Para B.

O que serão
os teus lábios
ou a fronte da delícia
senão
gerânios
em terra sem água
rosto verde
num crepúsculo de acácias e março
a acabar

esbelteza de gazela
e miragem de vagem
numa planície desértica
cavada na sombra
do mar

O que serás tu
florida em flor labial
senão
o puro desejo
de te ter solitária
feita harpa e música
por entre
o rumor da cidade?...

Praia, 20 de Novembro de 1986

(ALMADA, José Luís Hopffer Cordeiro, In ALMADA, José Luís Hopffer Cordeiro (org.), *Mirabilis de veias aos sol*, *Antologia dos Novíssimos Poetas Cabo-Verdianos*. Lisboa: Caminho, 1991, p. 288)

Valdemar Valentino Velhinho Rodrigues

Reposição do amor

Durante a noite inteira,
Sem ser numa alcova,
Sem s'abraçarem,
Sem ser numa cama,
Sem s'atirarem aos sexos,
Falaram sobre o amor,
Deste puro sempre
Que nunca ouviu falar
De poeta nenhum,
Deste puro sempre
Que faz da sereia mulher somente,
Do centauro homem somente,
Do empíreo gesto,
Da sombra a mais bela ínsula
E da humanidade um abraço divino.

E quando então saíram à rua,
Domingo era (quem não se lembra?),
E queriam passear pelos campos
Com a crepuscular Eternidade,
Foram, sob a vigilância dos transeuntes,
Primeiro reduzidos ao sexo
E às cinzas deste,
Barbaramente fornicados pelos poetas.

(RODRIGUES, Valdemar Valentino Velhinho, In ALMADA,
José Luís Hopffer Cordeiro (org.), *Mirabilis de veias aos sol*,
Antologia dos Novíssimos Poetas Cabo-Verdianos. Lisboa: Caminho, 1991, p. 504)

Vera Duarte

Exercício Poético Sobre a morte

Em decúbito dorsal sobre a mesa de mármore da morgue o cadáver apodrece, enquanto aguarda que um sopor de vida venha apagar o efeito nefasto da navalhada dada pelo amigo em momento de exaltação etílica. Entretanto sobre a mesa da minha secretária, do montão de papéis desarrumados sobressai a carta da mulher que pede se embargue a partida do velho que lhe desflorou a miúda de treze anos em troca de uma mão-cheia de bolos. Estranhamente as imagens se sobrepõem, se confundem. Os ofícios e a violação. A enorme mancha de sangue. A imagem em si e por si. A morte. Dele, dela e do outro. Da camisa amarela, de *nylon*, ressaltam as manchas de sujidade. Um cheiro a maresia quase imperceptível escapa ainda do corpo que jaz do infeliz pescador, a misturar-se já com os cheiros da decomposição e me enche o pequeno gabinete. Abro as janelas sobre o mar. Tudo é rígido, até os ofícios. O cheiro fétido, a baía, uma tal Inês, o grogue e a família. Num relance a morte. Sete filhos e um por nascer. Sobre a mesa de mármore da morgue o cadáver deixou de apodrecer.

(DUARTE, Vera, “Exercício Poético 3, Sobre a morte”, In ALMADA, José Luís Hopffer Cordeiro (org.), *Mirabilis de veias aos sol*, *Antologia dos Novíssimos Poetas Cabo-Verdianos*. Lisboa: Caminho, 1991, p. 516)

Bibliografia

Antologias

- ALMADA, Luís Hopffer Cordeiro (org.). *Mirabilis de veias ao sol, Antologia dos Novíssimos Poetas Cabo-Verdianos*, Lisboa: Caminho, 1991
- CABRAL, Eunice. *Roteiro da literatura contemporânea em língua portuguesa*, Universidade de Évora, 2010
- SAÚTE, Nelson. *Antologia de Poesia Moçambicana*, Lisboa: Dom Quixote, 2004
-----, *As Mãos dos Pretos. Antologia do Conto Moçambicano*, Lisboa: D. Quixote, 2007
- SOARES, Francisco (org.). *Antologia da Nova Poesia Angolana (1985–2000)*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001

Obras literárias

- AGUALUSA, José Eduardo. *Barroco Tropical*, Alfragide: Dom Quixote, 2009
----- . *Estação das Chuvas*, Lisboa: Dom Quixote, 1997
----- . *A Conjura*, Alfragide: LeYa
----- . *A Feira dos Assombrados*, Lisboa: Dom Quixote
----- . *Nação Crioula*, Lisboa: Dom Quixote
----- . *Teoria Geral do Esquecimento*, Alfragide: Dom Quixote, 2012,
- ALBA, Sebastião. *O Ritmo do Presságio*, Lisboa: Edições 70, 1981
- ALMEIDA, Germano. *A Família Trago*, Lisboa: Caminho, 1998
----- . *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*, Alfragide: LeYa, 2009
- BARBEITOS, Arlindo. *Fiapos de Sonho*, Lisboa: Vega, 1992
- CARVALHO, Ruy Duarte de. *Memória de Tanta Guerra, Antologia Poética*. Lisboa: Vega, 1992
----- . “As Águas de Capembáua”, *Como se o Mundo Não Tivesse Leste*, Lisboa: Vega, 1992
- COUTO, Mia. *A Confissão de Leoa*, Alfragide. Caminho, 2012
----- . *O Último Voo de Flamingo*, Lisboa: Caminho, 1987
----- . *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra*, Lisboa: Caminho, 2004
- CRAVEIRINHA, José. *Hamina e Outros Contos*, Lisboa: Caminho, 1997
- FREITAS, Ascêncio, *Carmen Era o Nome*, Lisboa: Vega, 1997
- GONÇALVES, António Aurélilo. *Recaída*, Lisboa: Vega, 1993
- JAMBA, José Sousa. *Patriotas*, Lisboa: Cotovia, 1991
- JÚNIOR, António Assis de. *O Segredo da Morta*, Lisboa: Edições 70, s/d

- LOPES, Baltasar. *Chiquinho*, ALAC – África, Literatura, Arte e Cultura, 1993
- KHOSA, Ungulani Ba Ka. *Ualalapi*, Lisboa: Caminho, 1990
- KNOPFLI, Rui. *Obra Poética*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003
- LOPES, Manuel. *Chuva Braba*, Lisboa: Caminho, 1997
- MELO, João. *Filhos da Pátria*, Lisboa: Caminho, 2008
- MESTRE, David. *Nas Barbas do Bando*, Lisboa: Ulmeiro, 1985
- ONDJAKI, Os *Transparentes*, Alfragide: Caminho, 2013
- PATRAQUIM, Luís Carlos. *Monção*, Lisboa: Edições 70, 1980
- PEPETELA. *A Gloriosa Família*, Lisboa: D. Quixote, 1998
- . *Geração da Utopia*, Lisboa: D. Quixote, 1995
- . *Lueji*, Lisboa: D. Quixote, 2003
- . *O Cão e os Caluandas*, Lisboa: D. Quixote, 1997
- . *Predadores*, Alfragide: D. Quixote, 2008
- . *Jaime Bunda, Agente Secreto*, Lisboa: Dom Quixote, 2005
- . *Mayombe*, Lisboa: Dom Quixote, 2002
- . *Yaka*, Lisboa: Dom Quixote, 1998
- SOUSA, Teixeira de. *Ilhéu de Contenda*, Publicações Europa – América, s/d
- VIEIRA, Arménio. *No Inferno*, Praia-Mindeló: Centro Cultural Português, 1999
- VIEIRA, José Luandino. *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, Lisboa: Edições 70, 1988
- . *Nós, os do Makulusu*, Lisboa: Edições 70, 1985

História e crítica literária

- AFONSO, Maria Fernanda. *O Conto Moçambicano. Escritas Pós-Coloniais*, Lisboa: Caminho, 2004.
- GOMES, Aldónio, CAVACAS, Fernanda. *Dicionário de Autores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 1997
- LARANJEIRA, Pires. *Ensaio Afro-Literários*, Coimbra: Novo Imbondeiro.
- . *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Lisboa: Universidade Aberta, 1995
- LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*, Lisboa: Colibri, 2003
- MATA, Inocência. *Ficção e História na Literatura Angolana. Caso de Pepetela*, Lisboa: Colibri, 2010
- OLIVEIRA, Mário António Fernandes de. *A Formação da Literatura Angolana*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997
- SOARES, Francisco. *Notícia da Literatura Angolana*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001
- XAVIER. Lola Geraldes. *O Discurso da Ironia*, Novo Imbondeiro, 2007.

Literaturas africanas de língua portuguesa II

Antologia de textos literários

Silvie Špánková

Vydala Masarykova univerzita v roce 2014

1. vydání, 2014

Sazba: ASTRON studio CZ, Veselská 699, 199 00 Praha

ISBN 978-80-210-6979-4